

Tatiana Nair Monteiro Vieira

**Estudo retrospectivo sobre os fatores de
vulnerabilidade à coerção sexual em
mulheres adultas**



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2021

Tatiana Nair Monteiro Vieira (nº 54266)

**Estudo retrospectivo sobre os fatores de
vulnerabilidade à coerção sexual em
mulheres adultas**

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação de Mestrado efetuada sob a orientação de:

Professora Doutora Alexandra Gomes



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2021

Estudo retrospectivo sobre os fatores de vulnerabilidade à coerção sexual em mulheres adultas

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright © 2021, por Tatiana Nair Monteiro Vieira

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido critério ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

A presente dissertação simboliza a conclusão de mais uma fase na minha caminhada, a realização de algo que um dia não passava de um sonho. Este nunca teria sido possível sem o apoio, dedicação e empenho de todas as pessoas que fizeram parte deste trajeto.

Primeiramente, gostaria de agradecer à Professora Doutora Alexandra Gomes, pela orientação, dedicação, disponibilidade e carinho que me foi transmitido ao longo da realização do nosso estudo. Agradeço também o facto de ter acreditado em mim e nunca me ter permitido desistir fase às adversidades.

Agradeço também a todos os meus amigos que caminharam em conjunto comigo, lado a lado, todos estes anos. Que vivenciaram todas as alegrias e também angústias proporcionadas pela vida académica. Escrevo estas palavras especialmente para os meus fúrcões da natureza: Sofia Crespo, Luana Rosa, Joana Henriques, Deise Falcato, Carina Gouveia e Jéssica Fontes. Não tenho palavras que demonstrem o quão importantes foram durante todo este processo e sempre serão.

Por fim, mas não menos importante, dedico e agradeço toda esta jornada à minha família. Sem vocês nunca teria sido possível chegar a esta etapa tão importante e por nós desejada.

A vocês pais, que com tão tenra idade imigraram, deixaram a nossa família em uma terra distante, para que pudessem dar um futuro promissor aos vossos filhos. Apesar de todas as adversidades e obstáculos que encontrámos no nosso caminho soubemos persistir, mesmo quando parecia impossível.

Irmãos, dedico este meu trabalho a vocês. Quando sonhava com a chegada deste momento idealizava festejar juntamente com os dois, porém esse plano nunca poderei concretizar.

À minha estrelinha, Romick infelizmente partiste antes desse momento mas sei que estarás em festa onde quer que estejas, pois ambos conseguimos. E para ti meu pequenito, espero que um dia olhes para os teus irmãos como um exemplo de motivação e orgulho.

A todos,

Um Muito Obrigado.

“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.”

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

O estudo da coerção sexual, apesar da sua relevância, gravidade e prevalência, carece de investimento na investigação empírica. Especialmente entre parceiros íntimos e ante a população geral feminina adulta, portuguesa. A literatura aponta que uma em cada três mulheres é/ou já foi vítima de coerção sexual, em Portugal a prevalência encontra-se nos 23%.

O presente estudo tem como objetivo caracterizar os fatores de vulnerabilidade de vitimização à coerção sexual entre parceiros íntimos, nomeadamente responder à questão de partida: “Quais os fatores de vulnerabilidade à coerção sexual em mulheres adultas?”.

Na presente investigação, foi recolhida uma amostra de 165 participantes adultas do sexo feminino, todavia dados os critérios de exclusão a amostra final foi reduzida a 142 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos. As participantes responderam a um questionário *online* formado por instrumentos que permitiram ter acesso às variáveis em estudo. Posteriormente, a amostra foi dividida em dois grupos, *Grupo de Vítimas* ($n=48$) e o *Grupo de Não Vítimas* ($n= 94$).

Na presente amostra a prevalência da vitimização situa-se nos 33.83%, sendo o uso de pressão verbal a tática coerciva relatada em maior número.

Os resultados obtidos confirmam como fatores de vulnerabilidade à vitimização de coerção sexual perpetrada por homens, contra mulheres: níveis inferiores de assertividade sexual, níveis inferiores de autoestima geral, níveis inferiores de autoestima sexual, o estado civil não casado (uniões informais), cuja duração seja inferior ou igual a cinco anos, a adoção de crenças e atitudes de aceitação de violência entre parceiros íntimos, crenças sexistas e a adoção de papéis de género.

Em contraste não se caracterizam como fatores de vulnerabilidade, na presente investigação: a extroversão, o estatuto socioeconómico e o acesso aos recursos e a presença de filhos.

Palavras-chave: Coerção sexual, fatores de vulnerabilidade, mulheres adultas, violência entre parceiros íntimos

Abstract

The study of sexual coercion, despite its relevance, severity and prevalence, lacks investment in empirical research. Especially among intimate partners and the general Portuguese adult female population. The literature indicates that one in three women is/or has been a victim of sexual coercion, in Portugal the prevalence is 23%.

This study aims to characterize the vulnerability factors of victimization to sexual coercion between intimate partners, namely, to answer the starting question: “What are the vulnerability factors to sexual coercion in adult women?”.

In the present investigation, was collected a sample of 165 female adult participants, however, given the exclusion criteria, the final sample was reduced to 142 participants, aged between 18 and 55 years. Participants answered an online questionnaire made up of instruments that allowed them to access the variables under study. Subsequently, the sample was divided into two groups, the Victims Group (n=48) and the Non-Victims Group (n=94).

In this sample, the prevalence of victimization is 33.83%, with the use of verbal pressure being the most reported coercive tactic.

The results obtained confirm as vulnerability factors to the victimization of sexual coercion perpetrated by men against women: lower levels of sexual assertiveness, lower levels of general self-esteem, lower levels of sexual self-esteem, unmarried marital status (informal unions) whose duration is less than or equal to five years, the adoption of beliefs and attitudes of acceptance of violence between intimate partners, sexist beliefs and the adoption of gender roles.

In contrast, the extraversion, socioeconomic status and access to resources, and the presence of children are not characterized as vulnerability factors in the present investigation.

Keywords: Sexual coercion; vulnerability factors, adult women, intimate partner violence

Índice

1. Introdução.....	1
1.1. Coerção sexual: definição e prevalência.....	2
1.2. Formas de Perpretação e Consequências da CS.....	4
1.3. Fatores de vulnerabilidade	6
1.3.1. <i>Variáveis de cariz pessoal</i>	7
1.3.2. <i>Variáveis contextuais</i>	11
1.3.3. <i>Variáveis sociocognitivas</i>	13
2. Metodologia	17
2.1. Objetivos.....	17
2.2. Desenho	17
2.3. Amostra.....	17
2.4. Instrumentos.....	19
4.3.1. Questionário Sociodemográfico e História Relacional	19
4.3.2. Escala de Táticas de Conflito Revisadas	19
4.3.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)	20
4.3.4. HEXACO-60	21
4.3.5. Escala de Autoestima Sexual.....	23
4.3.6. Escala de Autoestima de Rosenberg.....	24
4.3.7. Escala de Atitudes Sexuais	24
4.3.8. Hurlbert Index of Sexual Assertiveness (HISA)	25
4.4. Procedimentos.....	26
4.4.1. Procedimento da recolha de dados	26
4.4.2. Procedimento de tratamento de dados	27
5. Resultados	28
5.1. Análise Descritiva.....	28
5.2. Análise Correlacional	32
5.3. Análise Comparativa.....	40
6. Discussão.....	56
7. Conclusões	67
8. Referências Bibliográficas	70
9. Anexos.....	77

Índice de Tabelas

Tabela 5.1 <i>Caracterização da história relacional da amostra</i>	28
Tabela 5.2 <i>Caracterização do historial de vitimização da amostra</i>	30
Tabela 5.3 <i>Frequência absoluta da categorização dos motivos para ceder à obrigação de ter relações sexuais</i>	31
Tabela 5.4 <i>Frequência absoluta e associação entre as variáveis sociodemográficas e os grupos</i>	41
Tabela 5.5 <i>Congruência entre a vitimização de CS e a percepção da vitimização</i>	43
Tabela 5.6 <i>Médias, Desvio-Padrão, teste t de Student e d de Cohen das Estratégias de resolução de conflitos da amostra global e dos grupos</i>	45
Tabela 5.7 <i>Médias, Desvio-Padrão, teste t de Student e d de Cohen do grau de tolerância ao uso violência sexual da amostra global e dos grupos</i>	50
Tabela 5.8 <i>Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen das dimensões de personalidade da amostra global e dos grupos</i>	51
Tabela 5.9 <i>Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen para a avaliação subjetiva do indivíduo da amostra global e dos grupos</i>	52
Tabela 5.10 <i>Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen da assertividade sexual da amostra global e dos grupos</i>	53
Tabela 5.11 <i>Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen da dimensão atitudinal duplo padrão sexual da amostra global e dos grupos</i>	54
Tabela C.1 <i>Caracterização sociodemográfica da amostra</i>	103
Tabela D.1 <i>Coeficiente de Correlação de Pearson</i>	105

Índice de Anexos

Anexo A. Questionário	78
Anexo B. Reclassificação das variáveis “Naturalidade, Profissão e Estatuto socioeconómico”	101
Anexo C. Tabela da caracterização sociodemográfica da amostra	103
Anexo D. Tabela do Coeficiente de Correlação de Pearson.....	105

Lista de Siglas e Abreviaturas

ATQAPF- Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta

CPP- Classificação Portuguesa de Profissões

CS- Coerção sexual

CTS2- *The Revised Conflict Tactics Scales*

EAIC- Especialistas das atividades intelectuais e científicas

EAS- Escala de Atitudes Sexuais

ECVS- Escala de Crenças sobre a Violência Sexual

EUA- Estados Unidos da América

GNR- Guarda Nacional Republicana

HISA- *Hurlbert Index of Sexual Assertiveness*

NUTS- Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos

OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OIMTM- Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem

PA- Pessoal administrativo

PER- Permissividade sexual

PFA- Profissões das Forças Armadas

RAA- Região Autónoma dos Açores

RAM- Região Autónoma da Madeira

RPLDDGE- Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos

TNQ-Trabalhadores não qualificados

TPNI-Técnicos e profissões de nível intermédio

TQICA- Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices

TSPPSV- Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores

UMAR- União de Mulheres Alternativa e Resposta

VPI- Violência entre parceiros íntimos

1. Introdução

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 1993), a violência realizada contra a mulher caracteriza-se por qualquer ato de violência baseado no gênero que resulte, ou venha a resultar, em danos físicos, sexuais ou mentais. Ainda inclui a ameaça, coerção ou a privação arbitrária de liberdade, quer estas ocorram em público ou não.

Constitui uma problemática da saúde pública, bem como, uma violação dos direitos humanos que assenta nas desigualdades de gênero. Mundialmente estima-se que uma em cada três mulheres tenha experienciado violência física e/ou sexual, ao longo da sua vida (World Health Organization [WHO], 2017).

Ainda de acordo com a WHO (2017), apesar de prevalecer a ideia de que a violência contra mulheres é perpetrada por desconhecidos, na realidade a forma mais prevalente de violência experienciada pela mulher caracteriza-se pela violência entre parceiros íntimos (VPI).

A VPI, realizada contra a mulher, é considerada uma problemática de relevo com proporções mundiais. Caracteriza-se pelo comportamento violento perpetrado por parte do parceiro. Este é contabilizado através do autorrelato de uma ou mais experiências de violência, física, psicológica e/ou sexual, especificamente, a agressão física, a coerção sexual, a violência psicológica e comportamentos de controlo (WHO, 2013, 2017).

A WHO (2013) estima que a prevalência da VPI contra mulheres ronde os 30%. A incidência é superior no continente Africano, no Este Mediterrâneo, e no Sudeste Asiático. A Europa apresenta uma prevalência menor, cerca de 25%, juntamente com a região Oeste do Pacífico.

Ainda de acordo com o relatório, a VPI verifica-se desde cedo nos relacionamentos destas mulheres. A prevalência é elevada entre jovens dos 15 aos 19 anos, e atinge o seu “pico” entre a faixa etária 40-44 anos.

Entre a VPI podemos encontrar a coerção sexual (CS), a qual constituirá o nosso objeto de estudo.

1.1. Coerção sexual: definição e prevalência

A definição do fenómeno da coerção sexual parece não ser consensual na literatura, sendo que é possível observar as diferentes perspetivas de autor para autor, e as suas alterações ao longo dos anos.

Nomeadamente, de acordo com Smith *et al.* (2017), a coerção sexual é definida como a penetração sexual indesejada, quer esta seja vaginal, oral ou anal, que ocorre como consequência da pressão verbal exercida na vítima, excluindo assim o uso de força física. Isto é, a presente definição apenas considera a existência da coerção sexual verbal (CSV), de forma a desvincular e distinguir o conceito de coerção sexual do conceito de violação, que segundo os autores é distinto.

Por outro lado, Pacifici e Nelson (2001) consideram como coerção sexual qualquer investida sexual realizada após uma recusa de uma das partes. Não especificando a sua natureza violenta ou agressiva.

Segundo, Katz e Tirone (2010), as interações sexuais saudáveis e ideais são consensuais e motivadas pela vontade, desejo de ambos(as) parceiros(as) envolvidos(as). Todavia, as autoras apontam a problemática da prática de relações sexuais, apesar de, consensuais, são indesejadas, ou seja, realizadas contra a vontade de uma das partes, como resultado da cedência à pressão exercida pelo(a) companheiro(a).

Posto isto, na presente investigação iremos considerar como coerção sexual a realização de táticas ou comportamentos para persuadir, manipular ou compelir um indivíduo ao contacto sexual, contra a sua vontade, mediante pressão verbal, ameaças, uso de substâncias ou de força física (Testa & Dermen, 1999).

Autores como, Zweig *et al.* (1997) e O'Sullivan e Allgeier (1998) postulam que uma característica essencial para que a relação seja classificada como coerciva será a participação não voluntária da vítima, ou seja esta relação não é consentida pela mesma. Afirmando ainda que, a participação em qualquer relação sexual indesejada (contra a sua vontade) será inevitavelmente não consensual.

Para Koss *et al.* (2007) o aspeto central da definição reside na cedência (conformação) ao exigido ou compelido pelo perpetrador. A vítima conformar-se-á motivada pela aversão a consequências desagradáveis, tais como, a desaprovação ou rejeição por parte do parceiro com o intuito de manter o relacionamento. Esta atitude de cedência poderá levar o perpetrador a deduzir erroneamente, que a relação é consentida (Livingston *et al.*, 2004).

Pugh e Becker (2018) objetivam que a falta de uma definição consistente na literatura deve-se ao pouco investimento na investigação empírica acerca do tema. Para as autoras, os tipos de táticas utilizadas pelos perpetradores não foram, até à data, adequadamente definidas ou medidas, o que dificulta a medição e o estudo do fenómeno.

Um dos aspetos centrais da discussão em torno da coerção sexual é a sua inclusão na categoria de violação. Kahn *et al.* (2003) defendem a definição destas experiências sexuais como violações. Postulam que existe uma dificuldade por parte das mulheres em caracterizar tais situações, devido às suas crenças em relação ao tema, em que associam a violação à relação sexual forçada, perpetrada maioritariamente por um desconhecido através da utilização da violência e de força física.

Jeffrey e Barata (2016) afirmam que o contexto irá ter uma grande influência na interpretação de situações de risco sexual. As razões, reportadas por mulheres, para que não definam a coerção sexual como violação são: a auto culpabilização, devido à relação a seu ver, ter sido consentida (apesar de ter resultado das táticas coercivas realizadas); a ausência do uso de força física; o facto de considerarem que tinham a possibilidade de interromper a relação e de não o terem feito; não ter tido nenhum dano severo; e, por fim, o facto de não terem a certeza de como nomear a situação da qual foram vítimas.

O conceito de consentimento é apontado como o ponto chave na distinção entre as problemáticas, uma vez que este seria o divisor entre as situações de abuso e as relações sexuais saudáveis. Embora a importância do mesmo, a sua conceptualização parece ambígua, dado que, em termos legislativos firmados na Convenção de Istambul, no seu artº 36º - “*O consentimento deve ser dado voluntariamente, por vontade livre da pessoa, avaliado no contexto das circunstâncias envolventes*”, (Council of Europe, 2011, p.13).

Do mesmo modo, a conceptualização do não consentimento ou dissentimento, encontra-se ao longo da literatura igualmente dúbia, apesar da sua relevância na matéria. Especialmente a identificação de expressões ou comportamentos que possam caracterizar tal conceito.

Contudo, o não consentimento poderá ser definido como a recusa da ação, que por um lado caracteriza-se pela demonstração da vontade da vítima, no caso, a ausência da mesma “*contra a sua vontade*”, por outro, assumindo a vertente comportamental caracteriza-se pela recusa verbal, choro, luta, implorar para que pare ou até mesmo a omissão do consentimento verbal (Archard, 2007; French, & Neville, 2016).

A coerção sexual (CS) apesar de ser observada em qualquer tipo de relacionamento íntimo (heteroafetivo ou homoafetivo) e de ser perpetrada por indivíduos

de ambos os sexos, ou por ambos/as os/as parceiros/as, é mais comumente observada e estudada em relacionamentos íntimos, heteroafetivos em que o homem é apontado, maioritariamente, como o perpetrador e a mulher como a vítima (Brousseau *et al.*, 2012). Esta visão deve-se ao facto de, frequentemente a CS perpetrada pelo homem ser aceite como parte normativa do relacionamento sexual, devido aos *scripts* sexuais presentes tradicionalmente na nossa sociedade.

Straus e colaboradores (2002, *cit in* Paiva & Figueiredo, 2004), num estudo com estudantes universitários de 14 países diferentes, observaram uma prevalência da coerção sexual de 24.7%, com maior incidência de perpetuação por homens (39.9% contra 18.6% de mulheres agressoras). A incidência de perpretação dos homens foi duas vezes superior à das mulheres, com relato de uso de ameaças e/ou uso de força para conseguir o relacionamento sexual. Ainda segundo os autores, o Brasil é o país que apresenta valores mais elevados (41.6%). Portugal, encontra-se nos 23%, sendo assim de prevalência semelhante à dos restantes países em estudo (27.7%). As formas mais severas de coerção sexual (utilização de força para conseguir o relacionamento sexual), são mais prevalentes no estado do Texas (6.3%), Canadá (5.9%) e menos na Suíça (1.1%), Israel e Portugal (1.5%).

Os estudos existentes parecem incidir regularmente em amostras universitária. Apesar do ambiente universitário ser propício a que haja estas interações, a coerção sexual não é um fenómeno exclusivo deste contexto, esta não é observada restritamente na comunidade académica nem limitada a jovens adultos. A sua prevalência em população adulta não universitária poderá até ser superior (Benbouriche & Parent, 2018).

Os autores afirmam que, apesar da literatura existente estar mais focalizada na coerção sexual em contexto universitário, poucos estudos foram realizados com população geral, e estudos anteriores (e.g., Zweig *et al.*, 1997) comprovam que a prevalência nos dois contextos seja pelo menos igualitária, se não superior.

1.2. Formas de Perpretação e Consequências da CS

Livingston e colaboradores (2004), após um estudo realizado através da análise de entrevistas de mulheres vítimas de coerção sexual, descrevem a existência de três tipos de táticas coercivas, especificamente táticas, ao que apelidaram de carácter positivo, negativo e neutro.

As táticas de carácter positivo consistem em palavras “doces”, no uso de elogios, a realização de promessas agradáveis (e.g., “*Tu és tão bonita*”, “*Tu sabes que eu te amo e*

que tu me amas, não é?”), no entanto, esta foi a tática referida em menor número de vezes, sendo a menos comum.

As táticas de caráter negativo, sendo estas as mais reportadas pelas participantes, caracterizam-se pela ameaça (e.g., término do relacionamento; a busca de uma nova companheira para satisfazer as suas necessidades), demonstração de desagrado em relação à vida sexual do casal (e.g., *“Deveríamos fazer amor com mais frequência”*), uso da violência verbal, de modo a humilhar, menosprezar a companheira e fomentar os sentimentos de culpa, obrigação, medo e “pena” do companheiro.

Por fim, as de caráter neutro, que não recorrem à utilização de táticas com uma carga emocional, consistindo em pedidos repetidos para que os seus desejos, necessidades sejam satisfeitos.

Ainda de acordo com o estudo, constatou-se que a coerção não era exercida apenas verbalmente, sendo que 50% das participantes referiu o uso frequente da persuasão física com o intuito de estimular sexualmente a companheira, através de beijos e carícias sexuais. Aproximadamente 25% das mulheres reportou ter experienciado violência física também, tal como ser imobilizada, forçada a permanecer em tal situação ou espaço.

As experiências de coerção sexual podem causar diversas consequências negativas a curto ou longo prazo sendo observáveis nos diferentes níveis designadamente, físico, psicológico, emocional e social (Jeffrey & Barata, 2016; WHO, 2017).

A nível físico verificam-se escoriações, hematomas, gravidez indesejada, que consequentemente poderá levar ao aborto (espontâneos ou induzidos), e a transmissão de infeções sexualmente transmissíveis. A nível psicológico, é possível observar-se o aumento do sentimento da raiva, tristeza, culpa e repudia, diminuição da autoestima, presença de pensamentos intrusivos, sintomas depressivos, aumento dos níveis de ansiedade, particularmente ante situações sociais. A longo prazo poderão constituir-se fatores chave para o desenvolvimento de quadros patológicos, nomeadamente a perturbação depressiva, perturbação de stress pós-traumático, perturbações de ansiedade, perturbações alimentares e perturbações de sono-vigília (Jeffrey & Barata, 2016; WHO, 2017). Em casos mais extremos, poderá culminar na realização do suicídio ou de homicídio (WHO, 2017).

Não obstante a relevância da temática, parece existir uma escassez de estudos empíricos relativos à problemática, designadamente acerca da prevalência, das características das vítimas, os fatores de vulnerabilidade e sua aceitação, em Portugal. Estes fatores englobam dimensões individuais, contextuais, sociais, que em conjunto

restringem as capacidades relacionais de afirmação no mundo, geram fragilização, e aumentam a ocorrência de coerção sexual. Estas características poderão constituir-se preditores, indicadores da aceitação de outro tipo de violência quer seja sexual, física e/ou psicológica, tal como a violência doméstica, violação por parte do seu parceiro entre outros tipos de abusos.

O presente estudo tem como objetivo caracterizar os fatores de vulnerabilidade de vitimização da coerção sexual entre parceiros íntimos. Conhecer estes fatores poderá providenciar conhecimento empírico que auxilie posteriormente a prevenção e intervenção clínica deste ato. O reconhecimento das variáveis que vulnerabilizam a mulher relativamente à violência sexual, mais especificamente à coerção sexual, permitirão o desenvolvimento de estratégias preventivas à vitimização e à intervenção clínica, nomeadamente para mulheres adultas.

1.3. Fatores de vulnerabilidade

Nason e Yeater (2020) realçam a importância de pesquisas que identifiquem os fatores de vulnerabilidade ou de risco à vitimização sexual de mulheres. As diferenças individuais a situações de risco sexual parecem ser relevantes para a compreensão destes fatores na população feminina.

A maior vulnerabilidade à vitimação sexual não poderá ser explicada pela presença de um único fator, mas sim pelo modo como os vários fatores presentes interagem entre si e contribuem, como um todo, para o aumento da probabilidade de vitimação sexual num determinado momento da vida (Associação portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2013).

Apesar da coerção sexual e a violência sexual estarem bem descritas no domínio da agressão sexual (e.g., Kalof, 2000), ou em trabalhadores do sexo (e.g., Deering *et al.*, 2014), entre parceiros íntimos parece existir alguma dificuldade em delimitar ou entender o fenómeno, em parte pela expectativa que se cria entre parceiros da existência de contacto sexual numa relação de casal (Enosh, 2007).

Farrell (1986, *cit in* Forbes & Adams-Curtis, 2001), salienta a importância do estudo das características das vítimas, quer sejam características psicológicas ou contextuais. Na cultura europeia, existe a crença de que “Qualquer mulher pode ser vítima de agressão sexual”. Apesar da veracidade da mesma, esta pode levar à falsa percepção de

que todas as mulheres têm a mesma probabilidade de vitimização sexual, minimizando assim o papel dos fatores situacionais e psicológicos de vulnerabilidade.

Deste modo, parece ser razoável estimar que indivíduos difiram na sua habilidade para identificar, evitar ou resistir a pessoas ou situações que correspondam a um risco sexual. Fatores individuais como traços de personalidade, fatores contextuais são contributos significativos para estas diferenças individuais, observando a importância teórica e prática dos mesmos (Forbes & Adams-Curtis, 2001).

Segundo a WHO (2017) existem características que tornam mulheres mais vulneráveis a experienciar a VPI, tais como, o baixo nível de escolaridade, o historial de exposição a episódios de violência, especialmente na infância, o uso de substâncias, normas sociais que posicionam, tendencialmente, o homem num estatuto superior ao da mulher, entre outras.

No intuito de averiguar quais as variáveis consideradas como preditores da vulnerabilidade à coerção sexual, serão apresentadas as hipóteses em estudo que posteriormente serão testadas.

1.3.1. Variáveis de cariz pessoal

Dos fatores individuais capazes de predizer diferenças ao nível da vulnerabilidade/resistência à coerção sexual, a **personalidade** parece ter um papel relevante nesta dinâmica.

Testa e Dermen (1999) sugerem que mulheres vítimas de coerção sexual, possam deter um conjunto de traços de personalidade comuns, que dificultam ou impossibilitam a sua capacidade de resistir à pressão exercida pelo parceiro, tornando-as mais vulneráveis à vitimização sexual, especificamente a CS.

Livingston *et al.* (2004) reiteram a ideia de que certas características possam aumentar a vulnerabilidade destas mulheres, porém, advertem que essas características possam surgir como consequência da experiência de CS.

De acordo com, Forbes e Adams-Curtis (2001), a probabilidade de a personalidade explicar a vitimização da coerção sexual parece ainda aumentar com a idade e as experiências de vida/relacionamentos.

Autores como Zweig *et al.* (1997) e Greene e Navarro (1998), correlacionam características de personalidade e competências individuais, designadamente, a baixa autoestima e o baixo nível de assertividade com a vulnerabilidade à CS. Do mesmo modo, o nível de extroversão é apontado, pelo estudo de Forbes e Adams-Curtis (2001), tendo verificado que os estudantes que relataram ter experienciado pelo menos um episódio de coerção sexual, apresentavam maiores níveis de extroversão, em comparação a não vítimas. Esta relação parece ser devida a uma maior socialização, que leva à exposição a uma potencial agressão sexual.

Hipótese 1: Mulheres que apresentem níveis de extroversão mais elevados estão associadas à presença de coerção sexual.

A história de vitimização sexual passada é consensualmente apontada como um dos fatores preditores mais consistentes da vulnerabilidade feminina à vitimização sexual na idade adulta (Caridade & Machado, 2008).

Himelein (1995) apurou que a experiência precoce de violência sexual no namoro constitui um importante preditor da vitimização sexual posterior. Ao encontro do anteriormente referido, Sanders e Moore (1999) afirmam que outros episódios ou vivências igualmente stressantes e negativas, como os maus-tratos, poderão constituir-se potencializadores da vulnerabilidade feminina. De acordo com Sanders e Moore (1999) e Himelein (1995), as mudanças psicológicas produzidas pelo trauma, designadamente, a baixa autoestima, sintomatologia depressiva, irritabilidade, uso de substâncias e o comportamento sexual disfuncional (baixa assertividade sexual e comportamento sexual inapropriado) constituem-se fatores determinantes para a revitimização.

As experiências relacionais e/ou sexuais passadas, parecem contribuir para o funcionamento das relações e experiências sexuais atuais, como “modelo ou exemplo”. Especificamente, as relações sexuais consentidas previamente. Segundo Mandoki e Burkahart (1989, *cit in* Testa & Dermen, 1999) e Himelein *et al.* (1994), mulheres que iniciaram a sua vida sexual precocemente e reportem um maior número de parceiros sexuais, apresentam maior risco de vitimização sexual, possivelmente devido à exposição ao maior número de potenciais agressores.

Os autores preconizam também, que caso estas primeiras experiências amorosas tenham sido coercivas, as vítimas possam nunca ter aprendido que têm o direito de rejeitar as investidas sexuais dos seus parceiros e muito menos sabem como fazê-lo.

A esta capacidade designa-se de **assertividade sexual**, que consiste na adoção de comportamentos de modo a atingir a autonomia sexual, ou seja, a toma de decisões de forma independente acerca da sua sexualidade (Hurlbert, 1991). Esta reflete a habilidade do indivíduo para iniciar a atividade sexual, a conversação aberta acerca dos seus desejos sexuais, bem como a capacidade de rejeitar as investidas sexuais indesejadas por parte de outrem, o uso de métodos contraceptivos e o desenvolvimento de comportamentos sexuais saudáveis (Lyons, *et al.*, 2020; Morokoff *et al.*, 1997).

Caracteriza-se também por ser um elemento vital para a proteção do indivíduo e para a saúde sexual do mesmo (Kim *et al.*, 2019). Baixos níveis de assertividade sexual são tidos como preditores de vitimização sexual, sendo que é reportada uma correlação negativa entre a assertividade sexual e experiências de abuso e coerção sexual (Santos-Iglesias & Sierra, 2010; Testa & Dermen, 1999).

Estudos realizados por Kelley *et al.* (2016) e Livingston *et al.* (2007) sugerem que o historial de experiência de violência sexual passadas associadas aos baixos níveis de assertividade sexual poderão predizer a não adoção de comportamentos assertivos, perante situações de cariz sexual.

Hipótese 2: Uma menor assertividade sexual está associada à presença de CS.

As avaliações que realizamos sobre o *Self*, também parecem ter um papel na explicação da vitimização da coerção sexual.

A **autoestima**, segundo Rosenberg (1965, *cit in* Sbicigo *et al.*, 2010), consiste num conjunto de sentimentos e pensamentos que o indivíduo tem sobre o seu próprio valor, competência e adequação, que se reflete numa atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo.

A baixa autoestima está associada a situações de agressão (Leary *et al.*, 1995), apesar desta relação ser complexa. Estudo realizado por Zweig *et al.* (1997) corrobora a associação entre a autoestima e a coerção sexual, uma vez que, as participantes que alegaram já terem sido vítimas de coerção sexual apresentaram níveis de autoestima inferiores comparativamente às não vítimas.

Não obstante, Jessor e Jessor (1975) sugerem que a relação entre a autoestima e o comportamento sexual poderá ser moderada por outras variáveis e que a autoestima geral poderá não ser suficiente para clarificar estas diferenças (Zeanah & Schwarz, 1996).

Em virtude de clarificar melhor essas diferenças, teremos em conta o conceito de **autoestima sexual feminina**, de carácter multidimensional, caracteriza-se por reações afetivas em relação à experiência, avaliação subjetiva da sua sexualidade, isto quer dizer dos seus pensamentos sexuais, sentimentos e comportamentos (WHO, 2006; Zeanah & Schwarz, 1996).

Pode ser descrita também, como o valor que cada indivíduo atribui a si mesmo enquanto ser sexual, nomeadamente em relação à sua competência, identidade e autoaceitação sexual (Firoozi *et al.*, 2016).

Segundo Kelley *et al.* (2016), afetos negativos relacionados com a sexualidade, tais como as avaliações ou emoções negativas associadas à prática da atividade sexual, caracterizam-se fatores de vulnerabilidade à vitimização sexual, tendo assim influência na aceitação de comportamentos sexuais, nomeadamente a coerção sexual.

O'Sullivan *et al.* (2016) observaram que níveis superiores de autoestima sexual estão associados a um menor número de autorrelatos de problemas sexuais. Esta variável também foi associada a menor risco sexual e atua como um preditor significativo da comunicação entre parceiros, permitindo a expressão da satisfação sexual de ambos (Peixoto *et al.*, 2018).

Na população portuguesa, Oliveira (2013) e Vilarinho (2010), constatam que mulheres com scores mais elevados na escala de autoestima sexual, apresentam melhores níveis de funcionamento sexual.

De acordo com, Livingston *et al.* (2004), a baixa autoestima e baixos níveis de assertividade sexual estão associados à experiência de coerção sexual. Estes postulam que estas características de personalidade poderão aumentara a vulnerabilidade da mulher à CS, ou por outro lado estas poderão constituir-se uma consequência da vitimização.

Hipótese 3: Níveis inferiores de autoestima (geral e sexual) estão associados com a experiência de CS.

Hipótese 4: A autoestima (geral e sexual) correlaciona-se positivamente com a assertividade sexual.

1.3.2. Variáveis contextuais

Não obstante, da importância de variáveis de cariz individual, Safranoff (2017), afirma a existência da necessidade da avaliação do contexto em que a vítima se encontra inserida, desde a nível individual (estatuto socioeconómico, escolar, estado civil, presença de filhos), núcleo central (familiar) até ao mais alargado, como a comunidade em que está inserida.

Como importantes preditores, sociodemográficos destacam-se o **estatuto** e o **acesso aos recursos socioeconómicos**. Dado que, o acesso e a disponibilidade de recursos poderão tornar-se fatores protetores ou de vulnerabilidade.

Baixos níveis de estatuto e acessibilidade aos recursos, são apontados como potenciadores da vulnerabilidade, pois estão associados a maiores níveis de aceitação à violência (Safranoff, 2017). Após estudo realizados nos Estados Unidos da América (EUA), Yount e Carrera (2006) reiteram que a dependência económica da mulher está positivamente correlacionada com a experiência de episódios de violência.

Ainda de acordo com Safranoff (2017), deverá ser tido em conta que a violência contra a mulher é encontrada em todas as classes económicas, no entanto, a sua prevalência e severidade é superior nos estatutos mais desfavorecidos.

Se por um lado, o estatuto e o acesso a recursos torna-se um fator protetor, por outro poderá tornar-se um fator de risco.

Num relatório da WHO (2002) é adotada uma perspetiva divergente, afirmando que mulheres com um nível superior de escolaridade tornam-se mais vulneráveis a experienciar relações sexuais forçadas pelo parceiro íntimo, devido ao seu maior conhecimento. Sendo que, este permite o questionamento de scripts sexuais e o seu papel, enquanto mulher, no relacionamento, predizendo uma menor aceitação dos papéis de género e outras crenças sexistas. Seria no intuito de contradizer esse comportamento

assertivo, que o perpetrador iria realizar investidas sexuais mesmo contra a vontade da vítima.

Macedo (2015) afirma que é enganoso supor que mulheres com pertença a grupos dominantes, estatutos socioeconómicos mais elevados não estejam sujeitas a quaisquer formas de violência. Estes estudos sugerem que a independência económica, por si só, não diminuirá a vulnerabilidade, especialmente em culturas onde se preconiza a dominância masculina (Abramsky *et al.*, 2011).

Relativamente ao **nível educacional**, WHO (2010), aponta o baixo nível de escolaridade como um dos fatores de risco mais consistentes.

Hipótese 5: O baixo estatuto socioeconómico e as baixas habilitações literárias estão associadas à presença de CS.

De acordo com o estudo realizado por Abramsky *et al.* (2011), as **características da união** constituem-se um fator importante a ser estudado, devido ao impacto que têm na vitimização das mulheres. Primeiramente, observou-se que os níveis de violência reportados eram superiores em relacionamentos cuja duração era inferior a 5 anos (quando comparados a relacionamentos de longa duração), onde existia a coabitação e a não formalização da união (casamento).

Livingston *et al.* (2004) aponta o relacionamento íntimo como uma fator de risco à CS, pois este irá influenciar as táticas utilizadas, a capacidade/incapacidade de resistência da vítima e os motivos para a cedência a relações indesejadas. Dado que, maiores níveis de intimidade estão a associados ao decréscimo do uso de força física. Esta relação deve-se possivelmente, ao facto do relacionamento íntimo pressupor um senso de “obrigatoriedade” da prática de relações sexuais, mesmo quando indesejadas, tornando-as mais frequentes.

A **parentalidade**, nomeadamente a presença de filhos, é apontada como um fator de risco. Mulheres que habitem com os seus filhos estão mais propensas a sofrer violência psicológica por parte do seu parceiro (Vest *et al.*, 2002). A vulnerabilidade parece mais

elevada caso estes filhos provenham de relacionamentos passados (Abramsky *et al.*, 2011).

A WHO (2010) aponta a duração do relacionamento, a existência da coabitação, o estado civil e a parentalidade (presença de filhos), como fatores que em conjunto podem potenciar o risco de vitimização a nível individual familiar.

Hipótese 6: A prevalência de CS superior em uniões informais (estado civil não casado), de menor duração.

Hipótese 7: A prevalência de CS superior em relacionamento em que haja a presença de filhos.

1.3.3. Variáveis sociocognitivas

Para além das variáveis de cariz pessoal e as variáveis contextuais, as variáveis sociocognitivas individuais constituem-se um dos determinantes para o comportamento e no presente estudo para a vulnerabilidade à vitimização. Nomeadamente o **sistema de crenças**.

Os comportamentos sexuais, à semelhança, dos restantes comportamentos humanos, são constrangidos pelas normas sociais e culturais dominantes, que impõem determinados padrões de comportamento sexual, sendo o género apontado como o principal fator de discriminação do que constitui um comportamento aceitável/não aceitável (Frese *et al.*, 2004).

Tanto vítimas como agressores inserem-se em culturas cujos sistemas de crenças perpetuam e legitimam, direta ou indiretamente, o uso de violência entre casais (Ryan, 2011; Wiederman, 2005).

As normas sociais e culturais referidas anteriormente, caracterizam-se **scripts sociais e sexuais**, estruturam-se como um guião de ação para o comportamento individual, proporcionam as diretrizes de como o indivíduo deverá pensar, sentir e agir,

perante determinadas situações. Legitimam o que é considerado normativo ou não dentro da cultura em que estamos inseridos (Ryan, 2011; Wiederman, 2005).

Scripts sexuais e sociais, juntamente com os papéis de género tradicionalmente observados, postulam que a mulher deverá assumir o papel de protetora da sua própria imagem enquanto um ser sexual passivo. Um dos comportamentos esperados seria a resistência inicial às investidas sexuais do homem de forma que não seja rotulada como “fácil” (O’Byrne *et al.*, 2006; Ryan, 2011). Estas expectativas, legitima a ideia de que a recusa de relações sexuais por parte da mulher ao seu parceiro, seja apenas um ato de proteção da sua imagem e não a demonstração do seu dissentimento às investidas sexuais a si realizadas.

Esta ideia é corroborada por, Quinn-Nilas e Kennett, 2018, que postulam que os papéis de género encorajam a apreensão da mulher relativamente à forma como é vista ou “rotulada” pela sociedade e não em relação à real satisfação dos seus interesses ou desejos. Consequentemente, desencorajam a assertividade sexual, tornando a recusa de atividades sexuais indesejadas numa tarefa difícil e que deverá ser evitada, priorizando a satisfação do parceiro em detrimento da sua. Este tipo de conceções são frequentemente apontadas em mulheres que apresentam um nível superior de aceitação de tais crenças e scripts

Em contraste, é esperado que indivíduos do sexo masculino sejam seres sexualmente ativos, que tenham um interesse constante e que se apresentem sempre dispostos à atividade sexual, em caso contrário, a sua masculinidade poderá ser posta em causa (Muehlenhard *et al.*, 2016).

Hipótese 8: A adoção de crenças e atitudes de aceitação de VPI esteja negativamente correlacionada com a assertividade e autoestima sexual.

Hines (2007) afirma que, teóricos feministas apontam frequentemente, que a origem da coerção sexual assenta nas **desigualdades de género**, uma vez que, estas preconizam que o homem é o ser dominante e a mulher o ser subjugado, nos diversos domínios (político, económico, físico) e como tal os homens exercem autoridade sobre as mulheres. Estas desigualdades de poder, são refletidas na dinâmica das relações

heterossexuais, a mulher torna-se vulnerável à CS devido à falta de controlo percebido, inculcada pela sociedade desde a sua infância, é esperado que esta seja passiva e reativa nas relações com o sexo oposto, tornando-a um “alvo fácil” às relações sexuais forçadas (Dixon-Mueller, 1993).

A CS encontra-se mais prevalente em culturas onde a mulher é vista como um pertence do homem, sendo assim este um dos comportamentos eleitos para reforçar o seu poder sobre as mesmas (Hines, 2007).

Um dos construtos que surge à margem da desigualdade de género, denomina-se sexismo. Segundo, Glick e Fiske (1996), o sexismo pode ser observado como um conceito multidimensional marcado por uma profunda ambivalência, para com as mulheres. Isto é, existem dois construtos que pressupõe avaliações e reações afetivas opostas, nomeadamente, hostis e benevolentes.

Sendo apelidado pelos autores de **sexismo ambivalente**. Na vertente hostil detemos o sexismo hostil, que se caracteriza pela visão competitiva que a mulher teria para com o homem. Não obstante, o homem segundo esta perspetiva, é caracterizado como um ser controlador, condescendente, que tem dificuldade em considerar a mulher como igual e será mais propenso a cometer assédio sexual (Glick & Fiske, 2001; Glick & Whitehead, 2010).

De outro, o sexismo benevolente, atua de um modo mais insidioso, em que a mulher é idealizada como um ser puro, frágil que necessita de proteção e como tal não terá capacidades para se igualar ao homem. Ainda nesta perspetiva, o homem é visto como o ser que deve providenciar tal proteção e segurança (nível financeiro, social, físico) em troca a mulher deverá cuidar deste e satisfazer as suas necessidades (Glick & Fiske, 2001; Glick & Whitehead, 2010).

Outro conceito que tem por base, a desigualdade de género e contribui para que haja aceitação da violência sexual face à mulher, caracteriza-se pelo **Sexual Double Standard** ou **Duplo padrão sexual**, que consiste num conjunto de normas sociais que determinam a diferenciação dos comportamentos sexuais para os géneros, assumindo uma maior permissividade social atribuída aos comportamentos sexuais dos homens (Ramos *et al.*, 2005).

Este permite que indivíduos de sexos diferentes, que realizem os mesmos comportamentos sexuais sejam “rotulados” de forma completamente oposta. Isto quer dizer, mulheres que demonstrem ou realizem comportamentos sexualmente mais ativos, assertivos e/ou livres serão consideradas “promíscuas, fáceis ou inapropriadas”, sendo considerado algo altamente negativo para as mesmas. Por outro lado, homens que demonstrem ou realizem os mesmos comportamentos, serão visto como “garanhões, másculos”, ou seja iriam ao encontro dos comportamentos espectáveis para o sexo masculino, tornando-se algo positivo (Muehlenhard *et al.*, 2015).

As **crenças e atitudes de aceitação da VPI**, constituem-se um fator de relevo para a vulnerabilidade das mulheres, frequentemente associadas também à adoção de papéis de género, que legitimam o homem como um ser sexual e a mulher como o seu mero objeto, cuja função é satisfazer o outro, particularmente ante relacionamentos íntimos.

As crenças e atitudes de aceitação da VPI, conduzem à ideia de que atos de violência realizados contra a mulher (e.g. coerção sexual), em determinadas condições, sejam considerados normativos (Frese *et al.*, 2004; Martín-Fernández *et al.*, 2018). Ainda de acordo com os autores, este conjunto de crenças possui um papel ativo no aumento da prevalência da violência e a legitimação da mesma.

Estas crenças são sustentadas não apenas pelos agressores mas também pelas vítimas. Frese *et al.* (2004) e Martins *et al.* (2012), apontam um conjunto de crenças legitimadoras das diversas formas de violência sexual, designadamente: Mulheres acusam homens injustamente de violação; Algumas mulheres gostam ou desejam a violação e provocam a agressão; Algumas mulheres merecem ser violadas devido ao seu comportamento inapropriado e de “risco” e que raramente são perpetradoras deste tipo de violência.

Ao encontro do anteriormente referido, Muehlenhard e Linton (1987), constataam que mulheres vítimas de violência sexual entre parceiros íntimos, apresentam maior aceitação à violência contra a mulher. Esta será influenciada pela diminuta capacidade de reconhecer um comportamento que viole os direitos humanos de uma mulher, como forma de violência (Ortabag *et al.*, 2014).

Hipótese 9: A adoção de crenças e atitudes de aceitação de VPI está associada à presença de CS.

2. Metodologia

2.1. Objetivos

A presente investigação incide sobre a temática da coerção sexual, com o objetivo geral de identificar as variáveis que contribuem para a vulnerabilidade das vítimas de coerção sexual, na população geral feminina, dentro das dimensões individuais, sociocognitivas e contextuais.

Consideraram-se objetivos específicos:

- a. Caracterizar o fenómeno da coerção sexual na população portuguesa feminina adulta (prevalência e quais as estratégias coercivas utilizadas);
- b. Identificar quais os fatores de vulnerabilidade à vitimização, atendendo às variáveis individuais (género, idade, características de personalidade, história de vitimização passada, assertividade sexual e autoestima), contextuais (estatuto socioeconómico, habilitações literárias, aspetos culturais e étnicos, características da união, parentalidade) e sociocognitivas (sistema de crenças, ideologias de género, crenças e atitudes de aceitação da VPI);
- c. Caracterizar a relação entre as variáveis e coerção sexual reportada pelas mulheres;
- d. Contribuir para o conhecimento acerca da coerção sexual, de modo a permitir o desenvolvimento de estratégias de prevenção e de intervenção clínica.

2.2. Desenho

A presente investigação constitui-se um estudo descritivo correlacional, uma vez que visa a descrição das variáveis e das relações empíricas que se estabelecem. É de natureza transversal dado que é realizado em apenas um momento de avaliação e retrospectivo, já que se centra na história sexual passada relatada pelas participantes.

2.3. Amostra

Na presente investigação, recorreu-se à técnica de amostragem por conveniência, na impossibilidade de aleatorizar as possíveis participantes. Como critérios de inclusão foram considerados: (a) o género feminino; (b) idade igual ou superior a 18 anos; (c) ter uma orientação sexual heterossexual; (d) ter tido relacionamentos emocionais/sexuais prévios ou atuais.

A amostra, constitui-se por 165 participantes do sexo feminino. Contudo, devido aos critérios de exclusão (idade inferior a 18 anos, não ter tido relacionamentos

emocionais/sexuais prévios ou atuais, ter uma orientação não heterossexual), foram excluídas 23 participantes, a amostra final foi reduzida a 142 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos ($M = 29.39$; $DP = 8.825$).

Posto isto, a amostra é exclusivamente feminina, de orientação heterossexual. A maioria das participantes é solteira ($N=74$, 52.11%), 30.28% são casadas ou encontra-se em união de facto ($N= 43$), 16.20% encontram-se num relacionamento íntimo ($N= 23$) e 1.4% são divorciadas ($N= 2$).

Todas as participantes reportaram experiência de relações sexuais completas. Do total, 51 participantes reportam ter filhos. O número médio de filhos é de 1.88 ($DP=1.409$).

A caracterização sociodemográfica da amostra sugere que a maioria pertence a um estatuto socioeconómico médio/ médio-baixo, sendo que a maioria obtém um rendimento individual que varia entre 500€ e 1000€ ($N= 65$; 45.77%). Apenas 19.72% apresentam um rendimento acima dos 1000€. 26.76% referem ainda ser dependentes (sem rendimentos próprios).

Relativamente às habilitações literárias, a grande maioria dos participantes detêm o ensino superior ($N=86$; 60.6%), seguidamente o ensino secundário ($N= 47$; 31.1%) e por fim, o ensino básico, 3º ciclo ($N= 9$; 6.3%).

Em termos profissionais, 99 participantes encontram-se empregadas (66.2%), sendo que, a maioria caracteriza-se por trabalhadoras dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores ($N= 29$), 40 são estudantes (28.2%) e 8 encontram-se desempregadas (5.6%)

Todas as participantes residem em Portugal (Continental ou Regiões Autónomas), naturais das diferentes regiões portuguesas e não portuguesas, Algarve (44.4%), Área Metropolitana de Lisboa, Não portuguesa (12%), Alentejo (11.3%), Centro (9.9%), Norte e Região Autónoma dos Açores (RAA) e Região Autónoma da Madeira (RAM), (0.7%), (consultar Tabela C.1, anexo C, pp.103).

2.4. Instrumentos

4.3.1. Questionário Sociodemográfico e História Relacional

O presente questionário caracteriza-se por um conjunto de questões que pretendem medir aspetos demográficos, sociais e relativos à história relacional das participantes, especificamente, a idade, género, nacionalidade, naturalidade, habilitações literárias, estado civil, orientação sexual, rendimento mensal, início da sua vida sexual, número de parceiros, historial de VPI e coerção sexual (circunstâncias, táticas utilizadas).

4.3.2. Escala de Táticas de Conflito Revisadas

A Escala de Táticas de Conflito Revisada ou originalmente nomeada de *The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)*, foi desenvolvida por Straus e colaboradores, em 1996 e posteriormente, em 2006, adaptada à população portuguesa por Alexandra e Figueiredo, esta deriva da *The Conflict Tactics Scales (CTS)*.

A CTS2, avalia o modo como os casais, nos diversos cenários relacionais (relacionamento íntimo com e sem coabitação ou relacionamento matrimonial) resolvem os seus conflitos, através de estratégias de negociação ou de abuso: (a) abuso físico sem sequelas; (b) agressão psicológica; (c) abuso físico com sequelas; (d) coerção sexual, (Straus, 1979 *cit in* Straus *et al.*, 1996).

A escala é composta por 39 itens em pares de perguntas destinadas ao participante e ao seu companheiro, podendo ser administrada apenas a um dos parceiros (e.g., “*Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física)*”, cada um com quatro hipótese de respostas: 1 (*Discordo totalmente*); 2 (*Discordo*); 3 (*Concordo*); 4 (*Concordo totalmente*).

Com estrutura multidimensional, mede e agrupa-se em cinco subescalas designadamente, a negociação ($\alpha = .88$), que poderá ser distinta em dois setores a emocional (itens 1,2 e 3) e cognitiva (itens 4, 5 e 6) e doravante as de abuso, que são distintas entre dois graus de severidade, o ligeiro e severo. Primeiramente, a agressão psicológica (itens ligeiro 7 ao 10 e itens severo 11 ao 14), ($\alpha = .74$), o abuso físico sem sequelas (itens ligeiro 15 ao 19 e itens severo 20 ao 26), ($\alpha = .88$), abuso físico com sequelas (itens ligeiro 34 e 35 e itens severo 36 ao 39), ($\alpha=.89$) e a coerção sexual (itens ligeiro 27 ao 29 e itens severo 30 ao 33), ($\alpha = .82$).

A consistência interna da escala total para a perpetração é $\alpha = .79$ e para a vitimização $\alpha = .80$.

4.3.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

A Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS) de Martins, Machado, Abrunhosa e Manita (2012) foi elaborada a partir da “Escala de Crenças sobre a Violação (ECV)” de Matos *et al.* (no prelo), porém sofreu alterações, de modo a tornar-se mais inclusiva.

A ECVS constitui-se uma escala adaptada e aferida à população portuguesa, no domínio da violência sexual, esta pretende medir o grau de tolerância/aceitação do sujeito quanto ao uso de violência de natureza sexual.

É composta por 30 itens, (e.g., “*Forçar o(a) cônjuge a ter relações sexuais não é violação*”), que utiliza uma medida de 5 níveis de resposta (1=*Discordo totalmente*, 2=*Discordo*, 3=*Não concordo nem discordo*, 4=*Concordo*, 5=*concordo totalmente*), destina-se a homens e mulheres com idade igual ou superior a 18 anos.

A escala fornece-nos dois tipos de pontuação, designadamente a pontuação global (varia entre 30 e 150 pontos), que permite medir o grau de tolerância/ aceitação do sujeito quanto ao uso de violência sexual e a pontuação por cada uma das subescalas, nomeada pelos autores de fatores, estes permitem perceber melhor as crenças específicas envolvidas na tolerância à violência.

Ao total constam 5 fatores, especificamente **(fator 1)** *Representação estereotipada da violação*, este integra um conjunto de crenças que legitimam ou minimizam a violência sexual mediante a referência à existência de um passado sexual entre ofensor e vítima e à ausência de violência física durante o ato sexual praticado (itens 2, 6, 9, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29); **(fator 2)** *Provocação da vítima*, a legitimação ou minimização da violência sexual através do comportamento prévio da vítima, quer no que toca ao seu passado sexual (e.g., provocatório ou sexualizado, promíscuo) quer no que respeita à sua exposição a situações de risco (e.g., frequentando locais com má reputação ou consumindo estupefacientes), (itens 8, 11, 13, 26, 27); **(fator 3)** *Consentimento da vítima*, este integra um conjunto de crenças que legitimam a violência sexual com base na ideia de que a vítima consente ou induz a relação sexual, desejando-a e sentindo prazer com a mesma (itens 10,17,18,19); **(fator 4)** *Falsa invulnerabilidade*, ideia de que os ofensores e as vítimas deste tipo de violência possuem características que os tornam diferentes da restante população (itens 1, 3, 4, 7, 30); **(fator 5)** *Falsas alegações*, criam a noção de que a violência poderá ser minimizada/desvalorizada mediante a negação da ocorrência da violência sexual, as queixas de violação ou tentativa

da mesma constituem sinais de arrependimento pós-facto ou vontade de vingança (itens 5, 12, 14, 20).

Para que se obtenha a pontuação, quer seja a global ou por cada fator, basta realizar o somatório direto das respostas de cada um dos itens, uma vez que estão todos formulados no mesmo sentido.

A ECVS, apresenta uma consistência interna de 0.98, que explica 48.9% da variância total.

4.3.4. HEXACO-60

A HEXACO-60 constitui-se uma versão reduzida da originalmente HEXACO-PI-R, este surge em resposta à necessidade de um instrumento que permitisse uma avaliação da personalidade num período mais reduzido.

Esta caracteriza-se por ser uma escala de autorrelato, que pretende ter acesso às seis dimensões da personalidade do indivíduo, estabelece um perfil baseado nas mesmas, designadamente: **(H)** Honestidade-Humildade, altas pontuações revelam indivíduos que evitam a manipular o outro para ganho pessoal, não sentem a necessidade de quebrar regras e não almejam a riqueza e luxos. Por contraste, baixas pontuações revelam indivíduos ser manipuladores em detrimento de ganho pessoal, apresentam maior propensão para infringir regras e para sentimentos de grandeza;

(E) Emocionalidade, altas pontuações revelam indivíduos que temem perigos físicos, experienciam maiores níveis de ansiedade ante situações stressantes, sentem a necessidade de procurar apoio emocional no outro e sentem empatia e uma maior ligação emocional com o outro. Por outro lado, pontuações baixas predizem indivíduos que não temem perigos físicos, sentem pouca preocupação mesmo ante situações stressantes e sentem-se emocionalmente “desligados” do outro;

(X) Extroversão, altas pontuações predizem indivíduos que se sentem bem consigo mesmo, demonstram confiança, apreciam convívios e interações sociais. Já, indivíduos que apresentem baixas pontuações geralmente realizam menos positivas de si mesmo, sentem-se desconfortáveis em convívios e interações e são discretos.

(A) Amabilidade (*Versus* Agressividade), altas pontuações predizem indivíduos que têm facilidade em perdoar, são reticentes em julgar o outro e conseguem facilmente

controlar o seu temperamento. Por contraste, baixas pontuações estão associadas a indivíduos, críticos, reagem de forma agressiva quando ofendidos;

(C) Conscienciosidade, indivíduos com altas pontuações geralmente são meticolosos, disciplinados e ponderados (na toma de decisões). Por outro lado, baixas pontuações predizem indivíduos despreocupados, mais desorganizados, mais propenso ao facilitismo e à impulsividade. Por fim, (O) Abertura à Experiência, pontuações mais elevadas predizem indivíduos mais criativos, imaginativos e amantes da beleza, arte e natureza. Contrariamente a indivíduos que revelem pontuações mais baixas, sentem-se pouco estimulados pela arte, são intelectualmente menos curiosos e evitam a busca criativa (Lee & Ashton, 2009).

As dimensões anteriormente referidas estão assim dispostas pela escala: (H) subdivide-se em, Sinceridade (itens 6, 30R e 54), Justiça (itens 12R, 36, 60R), Evasão-Ganância (itens 18, 42R) e Modéstia (24R, 48R); (E) subdivide-se em, Medo (itens 5,29, 53R), Ansiedade (itens 11,35R), Dependência (17, 41R) e Sentimentalismo (itens 23, 47, 59R); (X) subdivide-se em, Autoestima social (itens 4, 28R, 52R), Ousadia Social (10R, 34, 58), Sociabilidade (itens 16,40), Vivacidade (itens 22, 46R) ; (A) subdivide-se em, Perdão (itens 3, 27), Gentileza (itens, 9R, 33, 51), Flexibilidade (15R, 39, 57R), Paciência (itens 21R, 45); (C) subdivide-se em, Organização (itens 2, 26R), Diligência (itens 8, 32R), Perfeccionismo (itens 14R, 38, 50), Prudência (itens 20R, 44R, 56R) e por fim, (O) subdividindo-se em, Apreciação estética (itens 1R, 25), Curiosidade (itens 7, 31R), Criatividade (itens 13, 37, 49R) e Não convencional (itens 19R, 43, 55R), (Ashton & Lee, 2009).

Cada uma das subescalas apresentadas é avaliada através de 10 itens, perfazendo um total de 60 itens (e.g., *Sinto que não sou uma pessoa popular*), pontuados através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, 1 (*Discordo fortemente*), 2 (*Discordo*), 3 (*Nem concordo, nem discordo*), 4 (*Concordo*) e 5 (*Concordo fortemente*). A pontuação da escala obtém-se através da soma dos valores dos itens correspondentes a cada uma das dimensões, variando entre 10 e 50 pontos (ponto médio 30 pontos).

Cuja consistência interna situa-se entre 0.77 e 0.80 na amostra universitária, e entre 0.73 a 0.80 na população geral.

Nota: Os itens assinalados com “R”, constituem-se os itens invertidos

4.3.5. Escala de Autoestima Sexual

A Escala de Autoestima Sexual, consiste na adaptação para a população portuguesa, desenvolvida e em fase de publicação de Giger e Gomes, da original- *Self-Esteem Inventory for Women* (Zeanah & Schwarz, 1996).

Trata-se de um questionário de autorrelato, que pretende medir as reações afetivas à autoavaliação subjetiva de aspetos relativos à sexualidade. A escala é composta por 35 itens (e.g., *Eu sinto culpa pelos meus pensamentos e sensações sexuais*), subdivididos em 5 dimensões, nomeadamente: (1) Competência e experiência, que consiste na habilidade do sujeito de satisfazer ou ser satisfeito pelo/a seu/sua parceiro/a sexual, bem como as oportunidades para iniciar uma atividade sexual; (2) Atratividade, corresponde à perceção individual que o sujeito tem acerca da sua atratividade sexual, independentemente de como os outros possam perceber-lo/a; (3) Controlo, inclui a habilidade de gerir os pensamentos, sentimentos e interações sexuais; (4) Adaptação, caracteriza-se pela congruência ou compatibilidade da experiência/comportamento sexual do sujeito, com as restantes aspirações e objetivos de vida e (5) Moralidade, abarca a congruência dos pensamentos, sentimentos e comportamentos sexuais com os padrões morais do sujeito.

Cada uma das dimensões supra referidas, é constituída por 7 itens, designadamente, (1) Competência e experiência- itens 1R, 6, 11, 16R, 21, 26R, 31, ($\alpha=0.93$); (2) Atratividade- itens 2, 7R, 12, 17R, 22R, 27R, 32, ($\alpha=0.94$), (3) Controlo- itens 3R, 8R, 13, 18R, 23R, 28R, 33R, ($\alpha=0.88$); (4) Adaptação- itens 4, 9, 14R, 19R, 24R, 29, 34, ($\alpha=0.90$); (5) Moralidade- itens 5R, 10, 15R, 20R, 25, 30, 35, ($\alpha=0.85$).

Cada item apresenta sete hipóteses de resposta: 1 (*Discordo totalmente*); 2 (*Discordo*); 3 (*Discordo mais ou menos*); 4 (*Não concordo nem discordo*); 5 (*Concordo mais ou menos*); 6 (*Concordo*); 7 (*Concordo Totalmente*).

A escala permite-nos duas opções de pontuação, tendo por um lado a pontuação geral, obtida através da soma direta das pontuações de cada item (a pontuação dos itens assinalados “R” deverá ser invertida). Por outro lado, a pontuação individual de cada subescala, sendo que é determinada pela soma das pontuações obtidas em cada um dos 7 itens correspondentes.

Devido ao estudo da adaptação à população portuguesa de Giger e Gomes, ainda se encontrar-se em fase desenvolvimento, não é possível obter ou comparar os valores de referência para a população portuguesa.

4.3.6. Escala de Autoestima de Rosenberg

A Escala de Autoestima de Rosenberg constitui-se a adaptação portuguesa da original- *Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES* (Rosenberg, 1965) - esta destina-se a adolescentes e adultos de ambos os géneros.

Caracteriza-se por ser uma escala breve, de autorrelato que pretende avaliar a autoestima, definida como a orientação positiva ou negativa do indivíduo sobre si. É composta por 10 itens, em que 6 são de orientação positiva (itens 1, 4, 7, 8, 9, 10), (e.g., *Globalmente estou satisfeito comigo próprio*) e as restantes 4 de orientação negativa (itens 2, 3, 5, 6), (e.g., *Sinto que não tenho muito de que me orgulhar*).

É utilizada uma escala de *Likert* de 4 pontos variando entre 1 (*Discordo totalmente*); 2 (*Discordo*); 3 (*Concordo*) e 4 (*Concordo totalmente*).

Para que se obtenha a pontuação total, é necessário realizar a soma das pontuações de cada item, tendo em atenção que a pontuação dos itens 2, 3, 5 e 6 deverá ser invertida ficando assim 4 (*Discordo totalmente*); 3 (*Discordo*); 2 (*Concordo*) e 1 (*Concordo totalmente*), a pontuação varia entre 10 e 40 sendo que quanto maior a pontuação maior o nível de autoestima.

A fiabilidade interna da medida portuguesa é 0.79 (Pechorro *et al.*, 2011).

4.3.7. Escala de Atitudes Sexuais

A Escala de Atitudes Sexuais (EAS), foi desenvolvida originalmente por Hendrick e Hendrick, em 1987- *The Sexual Attitudes Scale*- e posteriormente, em 1997, adaptada à população portuguesa por Alferes.

A EAS tem como objetivo a identificação e decomposição de *scripts* sexuais e a operacionalização de hipóteses centradas em dimensões atitudinais, nomeadamente o duplo padrão sexual: (1) Permissividade sexual (PER), referindo-se a atitudes face ao “sexo ocasional”, ao “sexo sem compromisso” e à diversidade e simultaneidade de parceiros; (2) Práticas sexuais (PRA) que implica atitudes face ao planeamento familiar, à educação sexual e a aceitação de práticas como a masturbação, sexo não convencional ;(3) Comunhão (COM), reflete atitudes para com o sexo como experiência íntima física e psicológica, partilha, envolvimento e idealismo; (4) Instrumentalidade (INS), que indica uma atitude de orientação para o “sexo utilitário”, ou seja a sua finalidade seria a obtenção de prazer meramente físico, altos níveis de concordância refletem atitudes utilitárias do sexo baixas refletem a atitude contrária.

É composta por 43 itens (e.g., *As relações sexuais ocasionais são aceitáveis*), divididos em quatro subescalas referidas anteriormente: (1) Permissividade sexual (itens 1 a 21) ($\alpha = .83$), (2) Práticas sexuais (itens 22 a 28); ($\alpha = .83$), (3) Comunhão (itens 29 a 37) ($\alpha = .71$) e (4) Instrumentalidade (itens 38 a 43), ($\alpha = .65$), classificadas através de uma escala tipo *Likert* de cinco pontos: 1 (*Discordo totalmente*); 2 (*Discordo*); 3 (*Não concordo nem discordo*); 4 (*Concordo*); 5 (*Concordo totalmente*).

A pontuação de cada uma das subescalas é obtida através do somatório direto das respostas dadas a cada item. O resultado obtido em cada uma das dimensões será o resultado considerado, as pontuações variam de acordo com a dimensão (PER- 21 a 105; PRA- 7 a 35; COM- 9 a 45; INS- 6 a 30), sendo que pontuações mais elevadas são indicadores de atitudes positivistas (utilitárias) da sexualidade, baixos resultados refletem o oposto.

4.3.8. Hurlbert Index of Sexual Assertiveness (HISA)

A Hurlbert *Index of Sexual Assertiveness (HISA)*, foi concebida por Hurlbert, em 1991, devido à inexistência da sua adaptação à população portuguesa iremos proceder à tradução e validação do mesmo utilizando uma amostra semelhante à original (constituiu-se 148 mulheres adultas que já tenham tido relações sexuais previamente).

A HISA tem como objetivo medir o grau de assertividade sexual no relacionamento íntimo, isto é, reflete a habilidade individual de iniciar de uma relação sexual, rejeitar investidas sexuais indesejadas, uso de métodos contraceptivos e desenvolvimento de comportamentos sexuais saudáveis. Do mesmo modo, engloba o senso do sujeito como um ser sexual que provem de diversas táticas para obter e providenciar satisfação no contexto de relações sexuais.

A escala é composta por 25 itens (e.g., *I feel uncomfortable talking during sex*), que poderão ser estruturados em dois fatores: (1) Iniciação, referindo-se ao comportamento de iniciar o contacto sexual, a expressão das suas fantasias e desejos sexuais para o seu parceiro; (2) Recusa, abrange a dificuldade em iniciar ou manter uma conversação acerca de sexo e a incapacidade de recusar contacto sexual indesejado (Santos-Iglesias & Sierra, 2010).

Os itens são pontuados numa escala de *Likert*, entre 0 (*Sempre*), 1 (*Maioria das vezes*), 2 (*Ocasionalmente*), 3 (*Raramente*) e 4 (*Nunca*).

A pontuação da escala é obtida diretamente, realizando o somatório dos pontos das respostas. Todavia, constam itens que deverão ser invertidos nomeadamente os itens

3, 4, 5, 7, 12, 15, 16, 17, 18, 21, 22 e 23, esta pode variar entre 0 e 100 pontos, sendo que o autor aponta o valor 73 como o ponto médio e diferenciação entre mulheres assertivas e não assertivas (pontuações inferiores a 73 pontos) altas pontuações indicam altos níveis de assertividade sexual (Hurlbert, 1991).

Após a realização do tradução, a fiabilidade do instrumento foi avaliada através da análise da consistência interna (Alpha de Cronbach) que corresponde a 0.94, valor similar ao obtido pelo autor ($\alpha= 0.92$).

4.4. Procedimentos

4.4.1. Procedimento da recolha de dados

Dada a sensibilidade do conteúdo dos dados a recolher, optámos pela utilização de medidas de autorrelato. Primeiramente, foi procedida a realização do instrumento, que se constitui um questionário *online* realizado através da plataforma *EUsurvey* (consultar anexo A, pp.78).

O questionário contém em primeira estância, o consentimento informado, sendo que a participação apenas poderá avançar após a leitura e concordância dos termos propostos no mesmo. Seguidamente, é composto, por diversas medidas representativas das variáveis em estudo contendo assim os instrumentos supra referidos e listados, na ordem anteriormente descrita (Questionário Sociodemográfico, CTS2, ECVS, HEXACO-60, Escala de Autoestima Sexual, Escala de autoestima de Rosenberg, EAS, HISA).

Depois de elaborado, o questionário foi partilhado em grupos de mulheres, grupos feministas, em páginas de redes sociais de associações de luta pelos direitos da mulher (União de Mulheres Alternativa e Resposta- UMAR) além disso, foi partilhado através de redes sociais e de contactos informais, de modo que se obtivesse uma amostra mais diversificada a nível sociodemográfico.

O preenchimento do instrumento é realizado em apenas um momento, e tem uma duração estimada de 30 min. É assegurada a confidencialidade dos dados, preservado o anonimato e garantido que o estudo não apresenta riscos para as suas participantes. A possibilidade de desistência é dada em qualquer momento do estudo.

O período de recolha teve início em fevereiro de 2020 e terminou a novembro desse mesmo ano.

4.4.2. Procedimento de tratamento de dados

Os dados recolhidos foram analisados com recurso programa de análise de dados estatísticos *SPSS - Statistics Package of Social Science* (versão 26.0) e ao *JASP – Just another statistical program*.

Para efeitos de caracterização foram utilizadas medidas de tendência central e dispersão, para variáveis de natureza contínua. Para variáveis de natureza nominal ou ordinal foram utilizadas análises de frequências. Os grupos foram constituídos com base em variáveis de natureza nominal, permitindo alocar as participantes a grupos independentes.

Foi realizada a reclassificação das respostas dadas às questões relativas à naturalidade, à profissão exercida e aos estatuto socioeconómico (consultar anexo B, pp. 101). Para a medida de assertividade sexual, realizou-se a análise da sua fiabilidade interna através da análise da sua consistência interna pelo método do coeficiente *alpha* de Chronbach.

Para proceder à descrição da relação entre variáveis foi realizada uma análise correlacional. Dada a natureza métrica das variáveis foram realizados dois testes distintos, nomeadamente o Teste do Qui-quadrado (χ^2) para variáveis nominais e o Coeficiente de Correlação Linear de Pearson (r), para variáveis quantitativas. Para a interpretação dos resultados considera-se a magnitude do coeficiente (Pearson): negligenciável quando o valor varia entre 0 e 0.1, fraca entre 0.1 e 0.4, moderada entre 0.4 e 0.6, forte entre 0.6 e 0.99 e perfeita quando valor é igual a 1.0.

Para a análise de diferenças entre grupos independentes, foi utilizado o Teste *t* de *Student* para amostras independentes, juntamente com a avaliação da magnitude do efeito das mesmas, através do cálculo do *d* de Cohen. Para a interpretação dos valores de *d*, considera-se uma magnitude de efeito reduzido se, $d= 0.2$, efeito médio se $d= 0.5$ e efeito grande se $d= 0.8$.

Foi considerado um nível de significância para 95%.

5. Resultados

5.1. Análise Descritiva

Seguidamente será apresentada a análise descritiva global, caracterizando a amostra em estudo. Será analisada a história relacional e o historial de vitimização de violência sexual.

História relacional

No que concerne à história relacional das participantes, seguidamente serão descritos os parâmetros: (1) Estado civil; (2) Se no momento de realização do questionário encontra-se num relacionamento íntimo e se sim, há quanto tempo; (3) Orientação sexual; (4) Relações sexuais completas; (5) O número de parceiros sexuais até à data; (6) Parentalidade; (7) Historial de vitimização de violência sexual (VPI e/ou CS); (8) Tipo de violência experienciada; (9) Descrição de um episódio de CS; (10) Realização de relações sexuais indesejadas.

Tabela 5.1

Caracterização da história relacional da amostra

	Amostra Global
	<i>N (%)</i>
Orientação Sexual	
Heterossexual	142 (100)
Estado civil	
Solteira	74 (52.1)
Relacionamento íntimo	23 (16.2)
Casada/União de facto	43 (30.3)
Divorciada	2 (1.4)
Parceiro	
Não	36 (25.4)
Sim	106(74.6)
Tempo de Relacionamento	
Menos de 1 ano	12 (11.4)
Entre 1 a 5 anos	44 (41.9)
Entre 6 a 10 anos	18 (17.1)
Entre 11 a 20 anos	21 (20)

	Amostra Global
	<i>N (%)</i>
Mais de 20 anos	9 (8.6)
Não mencionou	1 (1)
Filhos	
Não	91 (64.1)
Sim	51 (35.9)

Nota. Parceiro= “Tem parceiro atualmente?”.

Os resultados obtidos e seguidamente descritos encontram-se nas tabelas 5.1 e 5.2.

Primeiramente, dado os critérios de exclusão, especificamente orientação não heterossexual e a não realização de pelo menos uma relação sexual completa (compreendendo pelo menos uma das formas sexo oral, vaginal ou anal), todas as participantes ($N = 142$), reportam ter uma orientação heterossexual e já ter tido pelo menos uma relação sexual completa.

Constatou-se que, 74.65% das participantes tem um parceiro atualmente, relativamente à duração destes relacionamentos, a grande maioria situa-se entre 1 e 5 anos (41.90%), seguidamente entre 11 e 20 anos (20%), entre 6 e 10 anos (17.14%), menos de 1 ano (11.42%), mais de 20 anos (8.57%) e 1% não mencionou.

Quando questionado o número de parceiros sexuais até à atualidade, os valores situam-se entre o mínimo de 1 e máximo 45 ($M= 4.50$; $DP= 5.231$), sendo que 21.13% das participantes refere ter tipo apenas 1 parceiro constituindo-se a percentagem mais elevada.

No parâmetro parentalidade, 91 participantes afirmam não ter filhos, constituindo-se a maioria (64.08%) e 51 participantes afirmam ter filhos (35.92%). O número de filhos mais prevalente é 1 ou 2, tendo ambos o mesmo número de respostas positivas ($N= 22$, 15.49%), sendo que o valor médio é de 1.88 e o desvio padrão é de 1.409.

Historial de vitimização de violência sexual

Tabela 5.2

Caracterização do historial de vitimização da amostra

	Amostra global
	<i>N (%)</i>
Vítima de VPI	
Não	121 (85.2)
Sim	21 (14.8)
Tipo de violência experienciada	
Violência Física	9 (6.3)
Violência psicológica	16 (11.3)
Violência Sexual	2 (1.4)
Vítima de CS	
Não	125 (88)
Sim	17 (12)
Táticas utilizadas	
Pressão verbal	19 (13.4)
Ameaças	1 (0.7)
Força física	2 (1.4)
Uso de substâncias	1 (0.7)
Relação sexual forçada	
Não	121 (85.2)
Sim	21 (14.8)
Sentimento de obrigação/pressão	
Não	94 (66.2)
Sim	48 (33.8)
Realização da relação “pressionada”	
Não	12 (24.5)
Sim	36 (73.5)
Recusa de resposta	1 (2)

Nota. Relação sexual forçada= “Considera alguma vez ter sido forçado(a) a ter relações sexuais?”; Sentimento de obrigação/pressão = “Já sentiu que tinha a “obrigação” ter uma relação sexual mesmo contra a sua vontade?”; Realização da relação pressionada= “Caso tenha respondido “sim”, chegou a realizá-la?”.

Os resultados indicam que, 14.79% das participantes relata já ter sido vítima de violência entre parceiros íntimos e que considera já ter sido forçada a ter relações sexuais ($N=21$), sendo que destes episódios, nove assinalaram violência física, 16 violência psicológica, e duas violência sexual. De referir que as participantes assinalaram mais do que um tipo de episódio (Tabela 5.2).

Quando questionadas acerca das táticas utilizadas para a obtenção da relação à qual consideram forçada, maioritariamente reportaram o uso da pressão verbal ($N=19$; 95.0%), de seguida a força física ($N=2$); ameaças ($N=1$) e o uso de substâncias ($N=1$).

Todavia, quando questionadas (diretamente) sobre a vitimização de coerção sexual, ao longo da vida, apenas 11.97% das participantes afirmaram já ter sido vítimas ($N=17$). De notar, que quando descrevem o tipo de comportamento, quatro reportam-se a situações vividas na infância e duas recusam responder. Na generalidade, as situações referem-se a relações sexuais forçadas pelos parceiros (e.g., “uma relação forçada ao tentar a intimidade”, “na relação sexual ter dito para e não parou”).

As participantes foram também questionadas sobre sentirem a obrigação/pressão de ter relações sexuais mesmo contra a sua vontade, com o seu parceiro. Neste caso 48 participantes (33.83%) afirmaram que sim e destas, 73.5% afirmam ter cedido à relação sexual contabilizando 36 participantes. Os motivos descritos que justificam ter cedido a ter relações sexuais contra a sua vontade (sem consentimento, sem oposição) estão expressos na Tabela 5.3.

Tabela 5.3

Frequência absoluta da categorização dos motivos para ceder à obrigação de ter relações sexuais

Categoria	Frequência
Por ser uma obrigação de uma relação / por ser a obrigação da mulher	7
Para dar prazer/satisfazer o parceiro	7
Para evitar discussões/confrontos	2
Medo de perder o parceiro/ medo	2
Para o parceiro não ter dúvidas dos sentimentos	1
Por amor	1
Por violência	2
Outras	4

Na Tabela 5.3, são apresentadas as categorias de respostas dadas aos motivos para ceder à relação sexual indesejada, sendo que é maioritariamente referido pelas participantes como sendo uma obrigação da relação, obrigação da mulher, a satisfação (sexual ou não) do parceiro e em menor número, o evitamento de discussões/confrontos, medo de perder o parceiro, pena do parceiro, por violência ou como prova de amor. É de referir que foram assinalados mais do que um motivo.

5.2. Análise Correlacional

De seguida, será apresentada a análise correlacional, entre as diversas variáveis em estudo. A associação entre as mesmas, foi avaliada através do coeficiente de correlação de Pearson, no entanto, dada a dimensão da tabela correlacional (Tabela D.1), os resultados serão descritos e a respetiva poderá ser consultada em anexo (Anexo D, pp.105).

5.2.1. Autoestima (Geral e Sexual)

Primeiramente, observou-se as correlações entre a característica de personalidade autoestima (geral e sexual) e as restantes variáveis em estudo.

Através das associações entre a **autoestima geral** e as restantes variáveis, constatou-se que: A associação entre a autoestima e a **dimensão de personalidade Extroversão** ($r=0.542$; $p < 0.001$), aponta uma correlação positiva, moderada, significativa ao nível de significância de $\alpha < 0.001$.

Quando associada, a autoestima, às restantes dimensões de personalidade, especificamente a Honestidade e Humildade ($r=0.255$; $p=0.002$), Conscienciosidade ($r=0.248$; $p=0.003$) e Abertura à experiência ($r=0.186$; $p=0.027$), apontam correlações positivas, fracas, significativas. Por contraste, a associação com a dimensão Emocionalidade ($r=-0.186$; $p=0.026$) constitui-se uma correlação negativa, fraca e significativa.

Posto isto, os resultados sugerem que quanto maior o nível de autoestima maiores serão os níveis de Extroversão, Honestidade e Humildade, Conscienciosidade e Abertura à experiência. Em contrapartida, níveis superiores de autoestima correlacionam-se com níveis inferiores de Emocionalidade.

Quando associados os dois construtos de autoestima, designadamente a **autoestima geral** e a **autoestima sexual** e respetivas subdimensões, os resultados

indicam correlações positivas de intensidade forte, moderada ou fraca, sendo que todas são significativas.

Nomeadamente, a associação entre a autoestima geral e a dimensão Atratividade caracteriza-se uma correlação positiva, de intensidade forte e significativa ($r=0.607$, $p<0.001$). Seguidamente, quando associada a autoestima e a autoestima sexual como um todo ($r=0.599$, $p<0.001$), obteve-se uma correlação positiva, moderada. Verificou-se resultados similares com as dimensões, Competência e experiência ($r=0.466$, $p<0.001$), Controlo ($r=0.475$, $p<0.001$), Adaptação ($r=0.431$, $p<0.001$), indicando correlações positivas, moderadas. Por fim, a associação com a dimensão Moralidade ($r=0.263$, $p=0.002$), prediz uma correlação, positiva fraca, significativa.

Ou seja, os resultados parecem indicar que participantes que demonstrem níveis de autoestima superiores tendem a obter resultados também superiores em todas as dimensões da autoestima sexual, particularmente a Atratividade.

Seguidamente, associou-se a **autoestima** e as **subescalas que compõem a EAS**, sendo que foi possível observar correlações positivas, fracas, significativas, designadamente entre as subescalas, Práticas sexuais ($r=0.275$, $p<0.001$) e Comunhão ($r=0.304$, $p<0.001$). Apontando assim, que participantes com níveis de autoestima superiores tendem a obter pontuações também superiores nas subescalas Práticas sexuais e Comunhão.

Relativamente à Autoestima sexual, primeiramente analisou-se as associações entre a autoestima sexual (como um todo) e as restantes variáveis, posteriormente associou-se as respetivas dimensões.

Primeiramente, observou-se a associação entre as **Autoestima sexual** e as suas respetivas subescalas, com as **seis dimensões de personalidade (HEXACO)**. Obteve-se correlações positivas, de intensidade moderada ou fraca, significativas. Quando associada a dimensão de personalidade Honestidade e Humildade com: a autoestima sexual (total), ($r=0.340$, $p<0.001$), Competência e experiência ($r=0.209$, $p=0.013$), Atratividade ($r=0.188$, $p=0.025$), Controlo ($r=0.291$, $p<0.001$), Adaptação ($r=0.270$, $p=0.001$) e Moralidade ($r=0.342$, $p<0.001$).

Observou-se resultados similares, nas associações entre a dimensão Extroversão e : autoestima sexual (total), ($r=0.433$, $p<0.001$), Competência e experiência ($r=0.396$,

$p < 0.001$), Atratividade ($r = 0.387, p < 0.001$), Controlo ($r = 0.292, p < 0.001$), Adaptação ($r = 0.347, p < 0.001$) e Moralidade ($r = 0.199, p = 0.017$), indicando correlações positivas, de intensidade moderada ou fraca, significativas.

Entre a dimensão Conscienciosidade e as subescalas: autoestima sexual (total), ($r = 0.302, p < 0.001$), Competência e experiência ($r = 0.217, p = 0.009$), Atratividade ($r = 0.167, p = 0.047$), Controlo ($r = 0.260, p = 0.002$), Adaptação ($r = 0.290, p < 0.001$) e Moralidade ($r = 0.208, p = 0.013$). E a dimensão Abertura à experiência e as subescalas: autoestima sexual (total), ($r = 0.248, p = 0.003$), Competência e experiência ($r = 0.233, p = 0.005$), Controlo ($r = 0.197, p = 0.019$) e Adaptação ($r = 0.250, p = 0.003$), indicando correlações positivas, de intensidade fraca e significativas.

Os resultados parecem apontar, que as participantes que tenham níveis de Extroversão, Honestidade e Humildade, Conscienciosidade e Abertura à experiência, mais elevados, tendem a apresentar níveis de autoestima sexual superiores e também pontuações mais elevadas em todas as subescalas Competência e experiência, Atratividade (à exceção da dimensão Conscienciosidade), Controlo, Adaptação e Moralidade (à exceção da dimensão Conscienciosidade).

Em contra partida, a associação entre a dimensão Emocionalidade e as subescalas Atratividade ($r = -0.165, p = 0.050$) e Controlo ($r = -0.187, p = 0.026$), indicam correlações negativas, fracas significativas. Em que, os resultados parecem sugerir que participantes com níveis de Emocionalidade superiores tendem a obter pontuações inferiores nas subescalas Atratividade e Controlo.

A associação entre a **autoestima sexual** e as **subescalas que compõem a EAS**, designadamente a subescala Comunhão ($r = 0.444, p < 0.001$) e a Práticas Sexuais ($r = 0.380, p < 0.001$), pressupõem correlações positivas, sendo uma de intensidade moderada e outra fraca, ambas significativas. Indicando que participantes que apresentem níveis superiores de autoestima sexual apresentem também pontuações mais elevadas nas subescalas Comunhão e Práticas sexuais.

Apontou-se resultados similares quando associadas as diferentes dimensões e as subescalas da EAS, isto é correlações positivas, moderadas ou fracas, significativas. Especificamente, entre a dimensão Competência e experiência e as subescalas Práticas Sexuais ($r = 0.250, p = 0.003$) e Comunhão ($r = 0.393, p < 0.001$), Atratividade e Comunhão ($r = 0.166, p = 0.049$), Controlo- Práticas Sexuais ($r = 0.241, p = 0.004$) e

Comunhão ($r=0.288$, $p < 0.001$), Adaptação- Práticas Sexuais ($r= 0.437$, $p= <0.001$) e Comunhão ($r=0.486$, $p= <0.001$), Moralidade- Práticas Sexuais ($r= 0.491$, $p= <0.001$) e Comunhão ($r=0.349$, $p= <0.001$).

Os resultados sugerem que as participantes que obtenham pontuações superiores na subescala Competência e experiência, Controle, Adaptação e Moralidade tendem a obter pontuações superiores nas subescalas Práticas Sexuais e Comunhão. Pontuações superiores na subescala Atratividade tendem a predizer pontuações superiores na subescala Comunhão.

Quando associada a **autoestima sexual** e as suas dimensões com as **estratégias de resolução de conflitos (CTS2)** observou-se, a existência de correlações negativas, fracas, significativas apenas entre as dimensões Competência e experiência ($r= -0.204$, $p= 0.015$), Adaptação ($r= -0.190$, $p= 0.024$) e o uso da CS severa.

Sugerindo assim que participantes que obtenham níveis superiores nas dimensões Competência e experiência ou Adaptação, tendem a relatar em menor número o uso de técnicas coercivas severas.

Seguidamente, quando associada a **autoestima sexual** ao grau de tolerância/aceitação do uso de violência sexual (**ECVS_total e fatores**), observou-se correlações negativas, fracas significativas Nomeadamente, a autoestima sexual (total) correlaciona-se significativamente com: ECVS_total ($r= -0.233$, $p= 0.005$), fator 1 ($r=-0.283$, $p= <0.001$), fator 2 ($r=-0.224$, $p= 0.007$) e fator 4 ($r=-0.178$, $p= 0.034$).

A dimensão Competência e experiência correlaciona-se significativamente apenas com o fator 1 ($r=-0.210$, $p=0.012$), já a dimensão Controle correlaciona-se com ECVS_total ($r= -0.224$, $p= 0.007$), fator 1 ($r=-0.231$, $p= 0.006$), fator 4 ($r=-0.199$, $p= 0.017$) e o fator 5 ($r=-0.182$, $p= 0.030$). E por último, a dimensão Moralidade com a ECVS_total ($r= -0.252$, $p= 0.002$), fator 1 ($r=-0.282$, $p= <0.001$), fator 2 ($r=-0.284$, $p= <0.001$) e o fator 4 ($r=-0.223$, $p= 0.008$).

Os resultados parecem sugerir que as participantes que apresentem níveis superiores de autoestima sexual detenham menor tolerância/aceitação ao uso de violência sexual e obtenham pontuações inferiores nos fatores 1 (Representação estereotipada da violação), 2 (Provocação da vítima) e 4 (Falsa invulnerabilidade). Quando associado com

as dimensões da Autoestima sexual, os resultados são similares para a Moralidade, e diferem ligeiramente na dimensão Controlo.

Isto é participantes que apresentam níveis superiores na dimensão Controlo tendem a deter menor tolerância/aceitação ao uso de violência sexual e tendem a obter pontuações inferiores nos fatores 1, 4 e 5 (Falsas alegações). Já em relação à dimensão Competência e experiência, os resultados sugerem que níveis superiores predizem pontuações inferiores no fator 1.

5.2.2. Assertividade Sexual

Em continuidade, observou-se a competência as associações entre a **assertividade sexual** e as variáveis em estudo, primeiramente apontou-se correlações positivas de intensidade moderada ou fraca, significativas, quando associada à **autoestima sexual** e as respetivas dimensões. Sendo que a associação entre a assertividade sexual e a autoestima sexual, indica uma correlação positiva moderada, significativa ($r = 0.508$, $p = <0.001$).

Quando associada às respetivas dimensões, apontou-se correlações positivas, de intensidade moderada e significativas com as dimensões, Competência e experiência ($r = 0.542$, $p = <0.001$) e Adaptação ($r = 0.505$, $p = <0.001$). Em continuidade, apontou-se também correlações positivas, porém fracas, significativas com as dimensões Atratividade ($r = 0.294$, $p = <0.001$), Controlo ($r = 0.295$, $p = <0.001$) e Moralidade ($r = 0.267$, $p = 0.001$).

Os resultados parecem indicar que participantes que apresentem níveis de assertividade sexual mais elevados, tendem a obter pontuações mais elevadas nas dimensões Competência e experiência, Adaptação, Atratividade, Controlo e Moralidade.

Seguidamente, a associação entre a assertividade sexual e as **dimensões de personalidade**, Extroversão ($r = 0.269$, $p = 0.001$) e Abertura à experiência ($r = 0.172$, $p = 0.040$), indicam correlações positivas, de intensidade fraca, significativas ao nível de significância de $\alpha = 0.001$ ou $\alpha = <0.05$.

Sugerindo assim que participantes que detenham níveis superiores de assertividade sexual tendem a apresentar níveis superiores de Extroversão e Abertura à experiência.

Em última análise, observou-se a associação entre a assertividade sexual e dimensões atitudinais, scripts sexuais e o duplo padrão sexual (**EAS**). Indicando assim correlações positivas fracas, significativas com as dimensões Práticas sexuais ($r= 0.168$, $p=0.045$) e Comunhão ($r= 0.230$, $p=0.006$). Sugerindo assim que participantes que detenham níveis superiores de assertividade, pontuem mais nas dimensões Práticas sexuais e Comunhão.

5.2.3. Seis dimensões de personalidade (HEXACO)

Associou-se também as seis dimensões de personalidade com as dimensões atitudinais, designadamente scripts sexuais (**EAS**), indicando assim correlações positivas fracas, significativas entre as dimensões e subescalas: Honestidade e Humildade e Práticas sexuais ($r=0.311$, $p= <0.001$), Extroversão e as subescalas, Práticas sexuais ($r=0.220$, $p=0.009$) e Comunhão ($r=0.242$, $p= 0.004$), Abertura à experiência e as subescalas Práticas sexuais ($r=0.247$, $p=0.003$) e Comunhão ($r= 0.192$, $p= 0.022$), por fim, Conscienciosidade e a subescala Práticas sexuais ($r= 0.300$, $p=<0.001$).

Os resultados sugerem que participantes com níveis de Honestidade e humildade, Extroversão, Abertura à experiência e Conscienciosidade superiores tendem a obter pontuações mais elevadas nas subescalas Práticas sexuais e Comunhão (à exceção das dimensões Honestidade-humildade e Conscienciosidade).

5.2.4. Estratégias de resolução de conflitos

Seguidamente, observou-se a associação entre a adoção de estratégias de resolução de conflitos através da coerção sexual (ligeira ou severa) e as restantes variáveis em estudo.

Constatou-se a existência de correlações positivas, fracas, significativas aos níveis de significância de $p= < 0.001$, quando associado o método de resolução de conflitos coercivo ligeiro ($r=0.277$, $p= < 0.001$) e severo ($r=0.314$, $p= < 0.001$) com o **grau de tolerância/aceitação do uso de violência sexual**. Sendo que os resultados sugerem que participantes que apresentem níveis mais elevados de tolerância/aceitação do uso de violência sexual tendem a optar, com maior frequência, pelo uso de estratégias coercivas, quer estas sejam ligeiras ou severas.

Apurou-se também, quando associados os diversos fatores da escala (**ECVS**) com os métodos de resolução de conflitos coercivos, correlações positivas, fracas, significativas. Sendo que, as correlações significativas observadas quando associada a CS ligeira e os fatores verificam-se com, fator 1 ($r= 0.220, p= 0.009$), fator 2 ($r= 0.174, p=0.038$), fator 3 ($r=0.331, p= < 0.001$) e fator 5, ($r= 0.235, p= 0.005$). Seguidamente, as associações entre os fatores e CS severa indicam correlações significativas quando associada ao fator 1 ($r=0.357, p= < 0.001$), fator 3 ($r= -0.251, p= 0.003$), fator 4 ($r=0.244, p= 0.003$) e o fator 5 ($r=0.212, p=0.011$).

Os resultados parecem sugerir que participantes que relatem em maior número o uso de técnicas coercivas ligeiras tendem a obter pontuação mais elevadas nos fatores 1, 2, 3 e 5. Por outro lado, as participantes que relatem em maior número o uso de técnicas coercivas severas tendem a obter pontuação mais elevadas nos fatores 1, 3, 4 e 5.

Posteriormente, através da associação com as **dimensões de personalidade** constatou-se a existência de correlações negativas, de intensidade fraca significativas, nomeadamente entre a dimensão Honestidade e Humildade e a CS Ligeira ($r=-0.263, p=0.002$) e a CS Severa ($r=-0.176, p= 0.036$).

Sugerindo assim que participantes que relatem em maior número o uso de técnicas coercivas, quer esta sejam ligeiras ou severas tendem a apresentar níveis inferiores na dimensão Honestidade e humildade.

Quando observada a associação entre uso de estratégias coercivas e a adoção de scripts sexuais (**EAS e as respetivas dimensões**), apontou-se apenas uma correlação positiva, fraca, significativa, entre CS ligeira e a dimensão Instrumentalidade ($r=0.210, p= 0.012$). Sugerindo que as participantes que relatem ter perpetrado maior número de estratégias coercivas ligeiras tendem a obter pontuações superiores na dimensão Instrumentalidade.

Para terminar as associações com a CS, observou-se a associação entre a CS severa e a **assertividade sexual** ($r=-0.169, p=0.045$), indicando assim uma correlação negativa, fraca significativa. Isto é, o resultado sugere que participantes que relatem ter perpetrado maior número de estratégias/comportamentos coercivos severos tendem a apresentar níveis de assertividade sexual inferiores.

5.2.5. Tolerância/aceitação do uso de violência de natureza sexual

Seguidamente, verificou-se as associações entre o grau de tolerância/aceitação do uso de violência de natureza sexual pelo sujeito (**ECVS_total e respectivos fatores**) e as dimensões atitudinais, scripts sexuais e o duplo padrão sexual (**EAS**).

Posto isto, os resultados apontam, correlações negativas, fracas, significativas ao nível de significância $\alpha = <0.050$ e $\alpha = < 0.001$, com as dimensões Práticas sexuais ($r = -0.334$, $p = <0.001$) e Comunhão ($r = -0.194$, $p = 0.021$). Já para com a Instrumentalidade, observou-se uma correlação positiva, igualmente fraca e significativa ($r = 0.366$, $p = < 0.001$). Sugerindo assim que, as participantes que apresentem maior tolerância/aceitação do uso de violência sexual apresentem menores pontuações nas dimensões Práticas sexuais e Comunhão e em contrapartida, apresentem maiores pontuações na dimensão Instrumentalidade.

Quando analisadas as associações entre os fatores e as dimensões constatou-se resultados similares, aos anteriormente descritos.

Designadamente, entre os Fator 1 e 2 e as respetivas dimensões: Práticas sexuais ($r = -0.344$, $p = <0.001$), ($r = -0.382$, $p = < 0.001$), Comunhão ($r = -0.173$, $p = 0.040$), ($r = -0.222$, $p = 0.008$) e Instrumentalidade ($r = 0.322$, $p = < 0.001$), ($r = 0.314$, $p = < 0.001$). No que concerne aos restantes fatores, o fator 3 apresenta uma correlação positiva, fraca significativa, apenas quando associada com a Instrumentalidade ($r = 0.317$, $p = < 0.001$), os fatores 4 e 5 apresentam correlações negativas, fracas significativas quando associados à dimensão Práticas Sexuais ($r = -0.217$, $p = 0.009$), ($r = -0.184$, $p = 0.028$). Contudo, o fator 5 correlaciona-se positivamente, também de forma significativa, com a dimensão Instrumentalidade ($r = 0.310$, $p = <0.001$).

Por conseguinte, os resultados parecem indicar que as participantes que apresentem maiores pontuações nos fatores 1 (Representação estereotipada da violação), 2 (Provocação da vítima), 4 (Falsa invulnerabilidade) e 5 (Falsas alegações), tendem a obter pontuações mais baixas nas dimensões Práticas sexuais e Comunhão. Por contraste, pontuações mais elevadas nos fatores 1, 2, 3 (Consentimento da vítima) e 5, parecem predizer pontuações mais elevadas na dimensão Instrumentalidade.

Ainda de acordo com, o **grau de tolerância/aceitação do uso de violência de natureza sexual**, quando associado com as respetivas **dimensões de personalidade** os

resultados indicam: Correlações negativas, fracas, significativas. Especificamente, quando associado com as dimensões Honestidade-Humildade ($r=-0.273$, $p=0.001$), Amabilidade ($r= -0.190$, $p= 0.024$) e Conscienciosidade ($r= -0.200$, $p= 0.017$). Os resultados sugerem que indivíduos que detenham níveis superiores de tolerância/aceitação do uso de violência sexual, tendem a obter pontuações mais baixas nas dimensões Honestidade-Humildade, Amabilidade e Conscienciosidade.

Quando associados os diferentes fatores da escala com as diferentes dimensões de personalidade, observou-se resultados similares, indicando assim, correlações negativas, fracas e significativas entre: Fator 1 e as dimensões, Honestidade-Humildade ($r= -0.264$, $p= 0.001$), Conscienciosidade ($r= -0.208$, $p= 0.013$) e Abertura à experiência ($r= -0.203$, $p= 0.015$), fator 2 e Honestidade-Humildade ($r= -0.181$, $p=0.031$), Conscienciosidade ($r= -0.225$, $p= 0.007$), fator 3 e Honestidade-Humildade ($r=-0.242$, $p= 0.004$), Amabilidade ($r=-0.168$, $p= 0.046$), fator 4 e Honestidade-Humildade ($r=-0.185$, $p= 0.028$), por fim, o fator 5 e a dimensão Honestidade-Humildade ($r=-0.203$, $p= 0.015$) e Amabilidade ($r= -0.222$, $p= 0.008$).

Sugerindo assim que participantes que detenham pontuações superiores no Fator 1, tendem a obter níveis inferiores nas dimensões Honestidade-Humildade, Conscienciosidade e Abertura à experiência, pontuações superiores no fator 2 predizem níveis inferiores de Honestidade-Humildade e Conscienciosidade, pontuações superiores nos fatores 3 4 e 5 predizem níveis superiores de Honestidade-Humildade e Amabilidade (à exceção do fator 4).

5.3.Análise Comparativa

Para observar como estas medidas se diferenciam em mulheres com ou sem história de coerção sexual, realizou-se uma análise comparativa entre grupos. Foram analisadas as diferenças relativamente a características sociodemográficas, dimensões de personalidade e atributos pessoais e variáveis sociocognitivas.

Seguidamente, encontram-se os resultados obtidos. Sendo que em primeira estância, obteve-se a caracterização sociodemográfica dos grupos representada na Tabela 5.4.

Tabela 5.4*Frequência absoluta e associação entre as variáveis sociodemográficas e os grupos*

	Grupo de Vítimas		Grupo de Não Vítimas		Total	χ^2	gl	p
	n (%)	n (%)	N	n (%)				
Habilitações Literárias	48	94	142		6.845	6	.335	
3º ciclo do ensino básico	0 (0)	9 (9.57)	9					
Ensino Secundário	16 (33.33)	31 (32.98)	47					
Bacharelato	4 (8.33)	8 (8.51)	12					
Licenciatura	20 (41.67)	27 (28.72)	47					
Pós-Graduação	2 (4.17)	5 (5.32)	7					
Mestrado	6 (12.50)	13 (13.83)	19					
Doutoramento	0 (0)	1 (1.06)	1					
Profissão	48	94	142		12.286	9	.198	
RPLDDGE	2 (4.17)	3 (3.19)	5					
EAIC	12 (25.00)	14 (14.89)	26					
TPNI	6 (12.50)	8 (8.51)	14					
PA	2 (4.17)	14 (14.89)	16					
TSPPSV	7 (14.58)	22 (23.40)	29					
TQICA	0 (0)	1 (1.06)	1					
OIMTM	0 (0)	1 (1.06)	1					
TNQ	2 (4.17)	0 (0)	2					
Desempregada	2 (4.17)	6 (6.38)	8					
Estudante	15 (31.25)	25 (26.60)	40					
Rendimentos Mensais	48	94	142		2.915	4	.572	
Dependente	15 (31.25)	23 (24.47)	38					
Menos de 500€	3 (6.25)	8 (8.51)	11					
Entre 500€ e 1000€	18 (37.50)	47 (50.00)	65					
Entre 1000€ e 2000€	11 (22.92)	15 (15.96)	26					
Entre 2000€ e 3000€	1 (2.08)	1 (1.06)	2					
Estado civil	48	94	142		4.171	3	.244	
Solteira	25 (52.08)	49 (52.13)	74					
Relacionamento íntimo	8 (16.67)	15 (15.96)	23					

	Grupo de Vítimas	Grupo de Não Vítimas	Total			
	<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%)	<i>N</i>	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>
Casada/União de facto	13 (27.08)	30 (31.92)	43			
Divorciada	2 (4.17)	0 (0)	2			
Filhos	48	94	142	2.458	1	.117
Não	35 (72.92)	56 (59.57)	91			
Sim	13 (27.08)	38 (40.43)	51			

Nota. RPLDDGE= Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos; EAIC=Especialistas das atividades intelectuais e científicas; TPNI=Técnicos e profissões de nível intermédio; PA= Pessoal administrativo; TSPPSV=Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores; TQICA=Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices; OIMTM=Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem; TNQ=Trabalhadores não qualificados.

Através do teste do qui- quadrado, observou-se a associação entre a experiência de CS e as diferentes variáveis sociodemográficas estudadas. Os resultados parecem indicar que a experiência de CS, não está associada as variáveis anteriormente referidas e parece ser independente das mesmas, uma vez que nenhuma das associações é significativa.

Não obstante, apesar de não significativas são encontradas algumas diferenças entre grupos. Designadamente, as vítimas de CS, (Grupo de Vítimas), caracterizam-se por mulheres com idades compreendidas entre os 19 e os 55 anos ($M= 28.10$, $DP= 8.642$), são na sua grande maioria Licenciadas ($N= 20$), não pertencentes a um grupo profissional pois são estudantes ($N=15$), todavia, o grupo profissional que possui um maior número de vítimas constitui-se o grupo de Especialistas das atividades intelectuais e científicas (EAIC), ($N= 12$). Cujas maioria apresenta rendimentos mensais, entre os 500€ e 1000€ ($N=15$).

No que diz respeito ao estado civil, ao número de parceiros sexuais e à parentalidade, o grupo constitui-se maioritariamente por solteiras, com um número médio de aproximadamente 5 parceiros ($M= 5.23$, $DP= 4.085$) e que não têm filhos ($N= 35$).

Em contrapartida, a população não vítima (Grupo de Não vítimas), caracteriza-se por mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 49 anos, ($M= 28.10$, $DP= 8.642$),

sendo que a diferença entre os valores médios das idades entre os grupos é não significativa ($t_{(140)}= 1.25, p= 0.214$).

No entanto, estes diferem nas restantes variáveis sociodemográficas. Relativamente às habilitações literárias, o Grupo de Não Vítimas detém maioritariamente, o 12º ano- Ensino secundário ($N=31$) e assim como o Grupo de vítimas, a maioria é estudante, porém o grupo profissional que possui um maior número de não vítimas constitui-se o de Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores (TSPPSV), ($N=22$). Os rendimentos auferidos mensalmente não diferem do grupo de vítimas, permanecendo na categoria “Entre os 500€ e 1000€”, ($N= 47$).

No que concerne ao estado civil, número de parceiros sexuais e à parentalidade, são maioritariamente solteiras, cujo número médio de parceiros é de aproximadamente 4 ($M= 4.13, DP= 5.712$), não apresentando diferenças significativas entre grupo ($t_{(140)}= - 1.19, p= 0.237$) e não têm filhos ($N=56$).

Tabela 5.5

Congruência entre a vitimização de CS e a perceção da vitimização

	Grupo de	Grupo de Não	χ^2	gl	p
	Vítimas	Vítimas			
	n (%)	n (%)			
Perceção de vitimização	48	94	15.592	1	<0.001
Não	37 (77.08)	88 (93.62)			
Sim	11 (22.92)	6 (6.38)			

Nota. Perceção de vitimização = “Considera já ter sido vítima de coerção sexual?”.

Através da análise da tabela (Tabela 5.5), observou-se uma associação significativa entre a perceção de vitimização e a real vitimização ($\chi^2_{(1)}= 15.59, p= <0.001$), sendo que o grupo de não vítimas apresenta uma percentagem superior da não perceção de vitimização e esta diferença constitui-se significativa.

Todavia, 77.08% ($n= 37$) das participantes pertencentes ao Grupo de Vítimas (resposta afirmativa à definição adotada de CS), não se consideraram vítimas de CS, no

entanto, quando questionadas através da definição de CS a sua resposta torna-se afirmativa. Ou seja, apenas 22.92% ($n= 11$) das participantes enquadradas como vítimas de CS, consideram ser ou já terem sido vítimas de CS.

Por outro lado, constatou-se que 6.38% ($n= 6$) das participantes pertencentes ao Grupo de Não Vítimas, considera ser ou já ter sido vítima de CS, por contraste 93.62% ($n= 88$) das participantes pertencentes ao mesmo grupo considera nunca ter sido vítima de CS.

Com isto, parece existir uma incongruência entre as respostas dadas à questão formulada diretamente e a questão formulada através da definição de CS.

Posteriormente, serão apresentados os resultados relativos à análise entre grupos e as variáveis de cariz pessoal e sociocognitivas.

Tabela 5.6

Médias, Desvio-Padrão, teste t de Student e d de Cohen das Estratégias de resolução de conflitos da amostra global e dos grupos

	Amostra Global <i>N</i> =142		Grupo de Vítimas <i>n</i> =48		Grupo de Não Vítimas <i>n</i> =94		<i>t</i> (140)	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Negociação Emocional	13.16	1.700	13.02	1.744	13.23	1.681	0.706	.481	0.125
Negociação Cognitiva	12.73	2.004	12.88	1.782	12.65	2.113	-0.635	.527	-0.113
Agressão Psicológica Ligeira	10.03	4.276	11.08	4.321	9.49	4.173	-2.127	.035	-0.377
Agressão Psicológica Severa	5.26	2.106	5.23	2.243	5.28	2.045	0.127	.900	0.022
Abuso físico sem sequelas Ligeiro	6.23	2.862	6.40	3.273	6.15	2.644	-0.485	.629	-0.086
Abuso físico sem sequelas Severo	7.51	1.912	7.75	2.709	7.38	1.337	-1.083	.281	-0.192
Abuso físico com Sequelas Ligeiro	2.46	1.476	2.69	1.926	2.35	1.180	-1.288	.200	-0.228
Abuso físico com Sequelas Severo	4.22	1.018	4.23	0.905	4.21	1.076	-0.090	.928	-0.016
Coerção Sexual Ligeira	3.60	1.483	4.02	2.159	3.38	0.917	-2.468	.015	-0.438
Coerção Sexual Severa	4.15	0.743	4.19	0.816	4.13	0.707	-0.453	.652	-0.080

Os resultados relativos ao parâmetro das estratégias de resolução de conflitos, apresentam-se na Tabela 5.6.

Os mesmos indicam que as estratégias relatadas com maior frequência pela amostra global caracterizam-se as de Negociação, quer seja a Negociação emocional ($M=13.16$, $DP=1.700$) ou Negociação cognitiva ($M=12.73$, $DP=2.004$). Por contraste, as estratégias adotadas em menor frequência caracterizam-se as de Abuso físico com Sequelas Ligeiro ($M=2.46$, $DP=1.476$) e severo ($M=4.22$, $DP=1.018$) as de Coerção Sexual, tanto a Ligeira ($M=3.60$, $DP=1.483$) como a Severa ($M=4.15$, $DP=0.743$).

Quando analisados os valores médios obtidos pelos respetivos grupos, são encontradas diferenças significativas entre os mesmos, nomeadamente na Coerção Sexual Ligeira ($t_{(140)}=-2.468$, $p=0.015$, $d=-0.438$) e Agressão psicológica Ligeira ($t_{(140)}=-2.127$, $p=0.035$, $d=-0.38$), cuja magnitude de efeito é reduzida.

Observou-se também, que as estratégias predominantes constituem as de negociação, tanto para o Grupo de Vítimas (Negociação Emocional, $M=13.02$, $DP=0.1.744$, Negociação Cognitiva, $M=12.88$, $DP=1.782$), quanto para o Grupo de Não Vítimas (Negociação Emocional, $M=13.23$, $DP=1.681$, Negociação Cognitiva, $M=12.65$, $DP=2.113$), em que não apresentam diferenças significativas (Negociação Emocional- $t_{(140)}=0.71$, $p=0.481$), (Negociação Cognitiva- $t_{(140)}=-0.64$, $p=0.527$).

Por contraste, as estratégias relatadas em menor frequência constituem-se o Abuso Físico com Sequelas Ligeiro, (Grupo de Não Vítimas- $M=2.35$, $DP=1.180$), (Grupo de Vítimas- $M=2.69$, $DP=1.926$), Coerção Sexual Ligeira (Grupo de Não Vítimas- $M=3.38$, $DP=0.917$), (Grupo de Vítimas, $M=4.02$, $DP=2.159$) e a Coerção Sexual Severa (Grupo de Não Vítimas- $M=4.13$, $DP=0.707$), (Grupo de Vítimas $M=4.19$, $DP=0.816$), sendo

A Tabela 5.7 representa os resultados relativamente ao grau de tolerância/aceitação do sujeito quanto ao uso de violência de natureza sexual.

Tabela 5.7

Médias, Desvio-Padrão, teste t de Student e d de Cohen do grau de tolerância ao uso de violência sexual da amostra global e dos grupos

	Amostra Global N=142		Grupo de Vítimas n=48		Grupo de Não Vítimas n=94		t(140)	p	d de Cohen
	M	DP	M	DP	M	DP			
ECVS Total	42.61	12.468	40.85	10.937	43.51	13.146	1.203	.231	0.213
ECVS 1	15.11	4.774	14.17	3.905	15.60	5.114	1.698	.092	0.301
ECVS 2	7.71	3.389	7.52	3.294	7.81	3.449	0.477	.634	0.085
ECVS 3	6.76	2.736	6.52	2.552	6.88	2.832	0.745	.458	0.132
ECVS 4	6.13	1.572	5.88	1.160	6.27	1.736	1.407	.162	0.250
ECVS 5	6.89	2.50	6.77	2.919	6.96	2.828	0.368	.713	0.065

Nota. ECVS_fator1= Representação estereotipada da violação; ECVS_fator2= Provocação da vítima; ECVS_fator3= Consentimento da vítima; ECVS_fator4= Falsa invulnerabilidade; ECVS_fator5= Falsas alegações; t = Teste t de Student para amostras independentes.

Constatou-se que a amostra global apresenta uma tolerância/aceitação de tais situações relativamente baixo ($M=42.61$, $DP=12.468$), tendo em conta a amplitude da escala (30-150 pontos), o valor médio é ligeiramente superior ao valor mínimo. Ainda de acordo com a amostra global, quando analisados os resultados médios dos fatores que compõe a escala constatou-se, que estes também apresentam valores médios baixos e pouco superiores aos valores mínimos (e.g., Fator 1: $M=15.11$, $DP=4.774$).

No que concerne aos grupos, o Grupo Vítimas apresenta valores médios inferiores aos valores médio registados pelo Grupo de Não Vítimas, designadamente na escala total (Grupo de Vítimas, $M= 40.854$, $DP= 10.937$), (Grupo Não Vítimas, $M=43.51$, $DP= 13.146$), quanto para as respetivas subescalas.

Não obstante, apesar de não significativas as diferenças são superiores nos respetivos fatores: fator 1, Grupo de Vítimas ($M=14.17$, $DP=3.905$), Grupo Não Vítimas

($M=15.60$, $DP=5.114$), fator 4, Grupo de Vítimas ($M=5.88$, $DP=1.160$), Grupo de Não Vítimas ($M=6.27$, $DP=1.736$).

Tabela 5.8

Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen das dimensões de personalidade da amostra global e dos grupos

	Amostra		Grupo de		Grupo de Não		<i>t</i> (140)	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
	Global <i>N</i> =142		Vítimas <i>n</i> =48		Vítimas <i>n</i> =94				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> (140)	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
H	3.88	0.531	3.80	0.602	3.92	0.489	1.291	.199	0.229
E	3.52	0.492	3.58	0.463	3.50	0.506	-0.908	.366	-0.161
X	3.37	0.562	3.42	0.540	3.42	0.569	1.452	.149	0.258
A	3.12	0.523	3.16	0.582	3.11	0.492	-0.536	.592	-0.095
C	3.77	0.506	3.55	0.530	3.80	0.051	0.951	.343	0.169
O	3.47	0.591	3.80	0.602	3.44	0.063	-1.057	.292	-0.188

Nota. H= Honestidade-Humildade; E= Emocionalidade; X= Extroversão; A=Amabilidade; C= Conscienciosidade; O= Abertura à Experiência.

No que concerne à personalidade, mais especificamente as seis dimensões da mesma, com base na Tabela 5.8 é possível observar que as pontuações médias da amostra global apresentam valores pouco superiores ao ponto médio de referência (30 pontos ou 3), nomeadamente: Honestidade-Humildade ($M=3.88$, $DP=0.531$), Emocionalidade ($M=3.52$, $DP=0.492$), Extroversão ($M=3.37$, $DP=0.562$), Amabilidade ($M=3.12$, $DP=0.523$), Conscienciosidade ($M=3.77$, $DP=0.506$), Abertura à Experiência ($M=3.47$, $DP=0.591$).

Não obstante, os valores médios vão ao encontro dos resultados obtidos pelos autores (Lee & Ashton, 2009), quando aplicado à população geral adulta feminina. Sendo que, ambas as amostras obtiveram níveis superiores nas dimensões: Honestidade-Humildade e Conscienciosidade, e níveis inferiores na Amabilidade e Extroversão.

Quando analisadas as médias dos respetivos grupos, observou-se que os valores são similares, obtendo valores ligeiramente superiores ao ponto médio de referência. O

Grupo de Vítimas apresenta níveis superiores de Emocionalidade ($M= 3.58$, $DP= 0.463$), Amabilidade ($M= 3.16$, $DP= 0.582$) e Abertura/Experiência ($M=3.55$, $DP= 0.541$) comparativamente ao Grupo de Não Vítimas. Contudo as diferenças não se constituem significativas.

Tabela 5.9

Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen parra a avaliação subjetiva do indivíduo da amostra global e dos grupos

	Amostra Global N=142		Grupo de Vítimas n=48		Grupo de Não Vítimas n=94		t(140)	p	d de Cohen
	M	DP	M	DP	M	DP			
EAR- Total	34,01	5.033	32.25	5.204	34.92	4.722	3.073	.003	0.545
EAUTS- Total	184.61	26.083	174.00	25.956	190.02	24.561	3.607	<.001	0.640
Competência e Experiência	34.51	7.152	32.23	7.075	35.67	6.943	2.776	.006	0.492
Atratividade	33.48	7.060	31.27	6.719	34.61	7.257	2.723	.007	0.483
Controlo	37.29	6.981	35.02	7.670	38.45	6.336	2.835	.005	0.503
Adaptação	39.34	7.152	36.65	7.126	40.71	6.799	3.317	.001	0.588
Moralidade	39.99	6.082	38.83	6.169	40.59	5983	1.633	.105	0.290

Nota. EAR-Total= Escala de Autoestima de Rosenberg, pontuação total; EAUTS- Total= Escala de Autoestima Sexual, pontuação total.

No domínio da autoavaliação subjetiva do sujeito, representado na Tabela 5.9, as participantes apresentam níveis de autoestima geral elevados ($M=34,01$, $DP=5.033$), dada a amplitude da pontuação (10 a 40).

No que concerne à autoestima sexual, a amostra global apresenta uma pontuação média de 184.61 pontos ($DP=26.083$), através das dimensões que compõe a escala foi possível observar, níveis superiores na Adaptação ($M= 39.34$, $DP=7.152$) e Moralidade ($M=39.99$, $DP=6.082$) e inferiores na Competência e Experiência ($M=34.51$, $DP=7.152$).

Os resultados indicam diferenças entre grupos no domínio da autoavaliação subjetiva, nomeadamente o Grupo de Vítimas apresenta níveis significativamente inferiores de autoestima geral ($M= 32.25$, $DP= 5.204$), ($t_{(140)}= 3.073$, $p= 0.003$, $d= 0.55$), cuja magnitude do efeito é média.

Resultados similares são encontrados quando analisadas as diferenças entre os grupos a Autoestima sexual e as respetivas subescalas. O Grupo de Vítimas apresenta níveis significativamente inferiores, de autoestima sexual ($M= 174.00$, $DP= 25.956$), ($t_{(140)}= 3.607$, $p= < .001$, $d= 0.640$).

Quando analisadas as subescalas estas apresentam, do mesmo modo, diferenças significativas entre os grupos, sendo que o Grupo de Vítimas apresenta resultados significativamente inferiores designadamente nas dimensões: Competência e experiência ($M= 32.23$, $DP= 7.075$), ($t_{(140)}= 2.776$, $p= .006$, $d= 0.492$), Atratividade ($M= 31.27$, $DP= 6.719$), ($t_{(140)}= 2.723$, $p=.007$, $d= 0.483$), Controlo ($M= 35.02$, $DP=7.670$), ($t_{(140)}=2.835$, $p=.005$, $d= 0.503$), Adaptação ($M= 36.65$, $DP= 7.126$), ($t_{(140)}= 3.317$, $p=.001$, $d= 0.588$) cujas magnitudes do efeito são reduzidas ou médias.

Em contrapartida, a diferença entre os grupos é não significativa na subescala Moralidade ($M= 38.83$, $DP= 6.169$), ($t_{(140)}= 1.633$, $p= 0.105$, $d= 0.290$).

Tabela 5.10

Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen da assertividade sexual da amostra global e dos grupos

Amostra		Grupo de		Grupo de Não					
Global		Vítimas		Vítimas					
<i>N=142</i>		<i>n=48</i>		<i>n=94</i>					
<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t(140)</i>	<i>p</i>	<i>d de</i>	
<i>Cohen</i>									
HISAT	70.74	19.217	65.94	18.045	73.19	19.426	2.155	.033	0.382

Nota. HISAT= *Hurlbert Index of Sexual Assertiveness*, pontuação total.

De acordo com a competência assertividade sexual, a amostra global apresenta níveis elevados ($M=70.74$, $DP=19.217$), dada a amplitude da pontuação da escala (0 a 100 pontos).

Todavia no que concerne aos grupos, são encontradas diferenças significativas nomeadamente, o Grupo de Vítimas apresenta níveis de assertividade significativamente inferiores ($M=65.94$, $DP=18.045$) ao Grupo de Não Vítimas ($M=73.19$, $DP=19.426$). Sendo que o valor obtido através do d de Cohen indica uma magnitude de efeito reduzida ($t_{(140)}=2.155$, $p=0.03$, $d=0.38$), (Tabela 5.10).

Tabela 5.11

Médias, Desvio-Padrão, Teste t de Student e d de Cohen da dimensão atitudinal duplo padrão sexual da amostra global e dos grupos

	Amostra		Grupo de Vítimas		Grupo de Não Vítimas		$t_{(140)}$	p	d de Cohen
	M	DP	M	DP	M	DP			
	$N=142$		$n=48$		$n=94$				
PER	55.05	8.983	54.938	7.467	55.11	9.704	0.106	0.916	0.019
PRA	30.67	4.019	30.354	5.217	30.830	3.265	0.666	0.507	0.118
COM	36.34	5.684	34.833	6.528	37.106	5.068	2.288	0.024	0.406
INS	15.56	4.715	14.625	4.770	16.043	4.640	1.706	0.090	0.303

Nota. PER= Permissividade sexual; PRA= Práticas sexuais; COM= Comunhão, INS= Instrumentalidade.

Relativamente às atitudes face à sexualidade e às relações sexuais (scripts sexuais e duplo padrão sexual), a amostra global apresenta níveis superiores nas dimensões: Permissividade ($M=30.67$, $DP=4.019$) e Comunhão ($M=36.34$, $DP=5.684$), entretanto as dimensões que apresentam valores inferiores são a Permissividade sexual ($M=55.05$, $DP=8.983$) e a Instrumentalidade ($M=15.56$, $DP=4.715$), isto é, tendo em consideração que cada dimensão apresenta pontos médios de referência distintos.

Através da análise entre grupos apurou-se, que os valores médios são similares, à exceção das dimensões: Comunhão, em que o Grupo de Vítimas apresenta uma média

significativamente inferior ($M=34.83$, $DP= 6.528$), à média do Grupo de Não vítimas ($M=37.106$, $DP= 5.068$), cuja magnitude de efeito é reduzido ($t_{(140)}= 2.288$, $p= 0.02$, $d= 0.41$).

Não obstante, a dimensão Instrumentalidade, em que o Grupo Vítimas apresenta também uma média inferior, apesar de não significativa ($M= 14.63$, $DP=4.770$), ($t_{(140)}= 1.706$, $p= 0.09$, $d= 0.30$).

6. Discussão

A presente investigação teve como objetivo a resposta à questão: “Quais os fatores de vulnerabilidade à coerção sexual em mulheres adultas?”, de forma a identificar quais os fatores ou características que vulnerabilizam a mulher, especificamente a mulher portuguesa, ante situações de coerção sexual.

Para além do objetivo primordial, pretendia-se compreender o fenómeno da coerção sexual na população portuguesa feminina adulta (prevalência e quais as estratégias coercivas utilizadas).

Realizámos um questionário, que avalia as diversas variáveis em estudo e permite conhecer o historial de vitimização de CS e VPI das participantes. Posteriormente, a amostra foi dividida em dois grupos, designadamente o Grupo de Vítimas e o Grupo de Não vítimas.

Seguidamente, será apresentada a discussão dos principais resultados obtidos e a resposta às hipóteses em estudo, tendo como referência a literatura apresentada na introdução.

Na presente investigação, a definição de CS adotada postula que esta consiste na realização de táticas ou comportamentos para persuadir, manipular ou compelir um indivíduo ao contacto sexual, contra a sua vontade, mediante pressão verbal, ameaças, uso de substâncias ou de força física (Testa & Dermen, 1999). Para autores como Zweig *et al.* (1997) e O'Sullivan e Allgeier (1998) a participação não voluntária, não consentida da vítima constitui-se uma característica essencial para que a relação seja classificada como coerciva.

Straus e colaboradores (2002, *cit in* Paiva & Figueiredo, 2004) observaram uma prevalência da coerção sexual de 24.7%, a prevalência por estes registada em Portugal encontra-se nos 23%.

A prevalência de CS observada na presente investigação foi obtida através do autorrelato, apurou-se uma discrepância entre as respostas nas distintas formulações da questão. Nomeadamente, quando questionadas (diretamente) sobre a vitimização de coerção sexual, “Considera já ter sido vítima de coerção sexual?”, apenas 11.97% das participantes afirmaram já ter sido vítimas.

Por contraste quando questionadas de acordo com a definição de CS, “Já sentiu que tinha a “obrigação/pressão” para ter uma relação sexual, mesmo contra a sua vontade?”, 33.83% das participantes responde afirmativamente.

Através da análise da congruência entre as respostas às questões supra referidas, é possível constatar uma incongruência entre as mesmas, a discrepância indica que 77.08% das vítimas de CS, na presente amostra, não se reconhece como tal. Ou seja, estas por um lado desconhecem o conceito de coerção sexual e por outro parecem ser incapazes de reconhecer a violência a que foram submetidas como violência. Em que de acordo com Brousseau *et al.* (2012), esta visão deve-se ao facto de, frequentemente a CS perpetrada pelo homem ser aceite como parte normativa do relacionamento sexual, devido aos scripts sexuais presentes tradicionalmente na nossa sociedade.

Ainda ao encontro desta ideia, Ortabag *et al.* (2014), indica que vítimas parecem deter uma diminuta capacidade em reconhecer um comportamento que viole os direitos humanos de uma mulher, como forma de violência.

Relativamente às formas de perpetração, o uso de pressão verbal foi relatado em maior número, seguido em menor número o uso de força física, da ameaça e do uso de substâncias. É de referir que as participantes assinalaram mais do que um tipo de tática coerciva. Os resultados vão ao encontro dos obtidos por Livingston e colaboradores (2004), que relatam a pressão verbal como a tática mais frequentemente adotada pelos perpetradores.

Nason e Yeater (2020), realçam a importância de pesquisas que identifiquem os fatores de vulnerabilidade ou de risco à vitimização sexual de mulheres. Com o intuito de apurar quais as diferenças individuais, características das vítimas que as vulnerabilizam.

Com a finalidade de responder à questão de partida, seguidamente serão apresentadas as hipóteses em estudo, que se constituíram as predições iniciais e as respetivas reflexões de acordo com os resultados obtidos e a literatura existente.

Primeiramente, ao longo da literatura a personalidade é apontada como a detentora de um papel fundamental, tanto para a vulnerabilidade quanto para a resistência da mulher à coerção sexual, constituindo-se o fator individual que parece ter maior impacto nesta dinâmica.

Testa e Dermen (1999) sugerem que mulheres vítimas de coerção sexual, possam deter um conjunto de traços de personalidade e/ou competências comuns, que dificultam

ou impossibilitam a sua capacidade de resistir à pressão exercida pelo parceiro. Tornando-as mais vulneráveis à vitimização de CS.

Autores como Zweig *et al.* (1997) e Greene e Navarro (1998), correlacionam características de personalidade e competências individuais, designadamente, a baixa autoestima e o baixo nível de assertividade com a vulnerabilidade à CS. Do mesmo modo, o nível de extroversão é apontado por Forbes e Adams-Curtis (2001), que velicaram níveis superiores de extroversão em vítimas.

Hipótese 1: Mulheres que apresentem níveis de extroversão mais elevados estão associadas à presença de coerção sexual.

Na presente investigação, ainda que a literatura comprove a associação entre a extroversão e a vitimização de CS (Forbes & Adams-Curtis, 2001), os resultados obtidos constituem-se não significativos. Ou seja, as participantes vítimas de CS apresentam níveis de extroversão apenas ligeiramente superiores ao ponto médio de referência, sendo estes valores idênticos às não vítimas.

Dado os resultados, infirmamos a hipótese 1 e não consideraremos o nível de extroversão um fator de vulnerabilidade para a vitimização de CS, mulheres vítimas e não vítimas são igualmente extrovertidas, não existindo diferenças.

A assertividade sexual, segundo Kim *et al.* (2019), se constitui um elemento vital para a proteção do indivíduo e para a saúde sexual do mesmo. Santos-Iglesias e Sierra (2010), Testa e Dermen (1999), postulam que baixos níveis de assertividade sexual são tidos como fortes preditores de vitimização sexual, sendo que em seus estudos são reportadas associações/correlações negativas entre a assertividade sexual e a coerção sexual, isto é as vítimas seriam menos assertivas que as não vítimas.

Hipótese 2: Níveis inferiores de assertividade sexual estão associados à presença de CS.

Os resultados obtidos no presente estudo vão ao encontro da literatura, confirmando-se assim a Hipótese 2. As participantes vítimas de CS, apresentam baixos níveis de assertividade sexual e são tidas como não assertivas, conforme o ponto de corte do autor (Hurlbert, 1991). Em contrapartida, as participantes não vítimas obtiveram valores significativamente superiores, atingindo o nível de assertividade para que sejam classificadas como assertivas.

Como tal, consideraremos os baixos níveis de assertividade sexual como um fator de risco de forte impacto na vitimização de CS.

Os resultados confirmam a assertividade como um forte fator de risco, e são corroborados por esta encontrar-se associada à capacidade de rejeitar investidas sexuais indesejadas por parte de outrem, à conversação aberta acerca dos seus desejos sexuais entre outros fatores que permitem a atingir a autonomia sexual.

Adicionalmente, de acordo com as características de personalidade apontadas como fortes preditores da vitimização de CS, são destacadas as avaliações que realizamos sobre o Self, nomeadamente a autoestima, quer esta seja geral ou sexual.

De acordo com autores como, Leary *et al.* (1995) e Zweig *et al.* (1997) a baixa autoestima encontra-se associada à presença de CS. De igual modo, a autoestima sexual encontra-se associada aos níveis de risco sexual, à expressão da satisfação e da comunicação entre parceiros, tornando-se um forte contributo para a vulnerabilidade ou proteção do indivíduo (O'Sullivan *et al.*, 2016, Peixoto *et al.*, 2018).

Hipótese 3: Níveis inferiores de autoestima (geral e sexual) estão associados com a experiência de CS.

Através dos resultados obtidos no presente estudo, verificou-se níveis significativamente baixos, tanto de autoestima geral quanto de autoestima sexual (todos os seus fatores), associados à experiência de vitimização de CS.

Os resultados confirmam a Hipótese 3, participantes vítimas de CS apresentam níveis significativamente inferiores de autoestima quando comparadas a não vítimas. Posto isto, consideraremos a baixa autoestima, geral e sexual como fortes preditores, fatores de risco à vitimização de CS.

Os resultados são corroborados pelos obtidos por Zweig *et al.* (1997), uma vez que em seu estudo as participantes que alegaram já ter sido vítimas de coerção sexual apresentaram níveis de autoestima inferiores comparativamente às não vítimas, tendo os autores considerado a autoestima como um fator de vulnerabilidade.

As características de personalidade referidas, designadamente a autoestima (geral, sexual) e assertividade parecem estar correlacionadas. Estas são estudadas por autores como, Zweig *et al.* (1997) e Greene e Navarro (1998), que investigam o seu efeito, em conjunto, na vulnerabilidade à CS.

Hipótese 4: A autoestima (geral e sexual) correlaciona-se positivamente com a assertividade sexual.

Com o mesmo intuito, observou-se na presente investigação, que a autoestima tanto geral como sexual encontram-se correlacionadas de forma positiva e significativa com a assertividade sexual, confirmando assim a Hipótese 4.

Ainda de acordo com as variáveis, os resultados indicam que baixos níveis de autoestima (geral e sexual) e assertividade sexual, em conjunto estão associadas à presença de CS, constituindo-se assim um dos mais fortes fatores de vulnerabilidade encontrados na presente investigação.

Estes resultados são congruentes com os obtidos por Livingston *et al.* (2004) e Kelley *et al.* (2016), em suas investigações associam ambas as características, que por sua vez concluem que baixos níveis de autoestima e assertividade, em conjunto potenciam a vulnerabilidade à CS.

Não obstante, apesar da importância das variáveis de cariz individual, o contexto em que a vítima se encontra inserida é tido também como um fator de relevo, Safranoff (2017), realça a necessidade da sua avaliação.

Como importantes preditores de contexto, designadamente sociodemográficos, são destacados o estatuto e o acesso aos recursos socioeconómicos, estes são apontados tanto como fatores protetores como fatores de vulnerabilidade.

A literatura parece não ser consensual, unanime quanto ao efeito que estas variáveis terão na vulnerabilidade.

De um lado, o posicionamento de autores como Safranoff, 2017 e Yount e Carrera (2006), que apontam baixos níveis de estatuto, escolaridade e acessibilidade aos recursos como potenciadores da vulnerabilidade, afirmando que estes estão associados a maiores níveis de aceitação à violência.

Ainda de acordo com os autores, a prevalência e severidade da violência contra a mulher é superior nos estatutos socioeconómicos mais desfavorecidos. E a dependência económica da mulher está positivamente correlacionada com a experiência de episódios de violência.

De outro lado, os resultados obtidos pela WHO (2002), que em seu estudo contrariam o referido pelos autores supra citados. Em seu relatório, a WHO adota uma perspectiva divergente, afirmando que mulheres com um nível superior de escolaridade tornam-se mais vulneráveis a experienciar relações sexuais forçadas pelo parceiro íntimo, devido à menor aceitação de papéis de género, crenças sexistas e o questionamento do seu papel no relacionamento. Em que seria no intuito de contradizer este comportamento assertivo que o perpetrador iria realizar investidas sexuais, mesmo contra a vontade da vítima.

Hipótese 5: O baixo estatuto socioeconómico e as baixas habilitações literárias estão associadas à presença de CS.

Na presente investigação, os resultados obtidos são corroborados pelos observados pela WHO (2002), diferentemente do postulado pela grande maioria dos autores (e.g., Safranoff, 2017 e Yount e Carrera, 2006), mesmo estas diferenças não sendo significativas, as vítimas de CS apresentam níveis de escolaridade superior às não vítimas, sendo que as primeiras caracterizam-se maioritariamente por ser licenciadas e as não vítimas por deter apenas o ensino secundário.

A grande maioria das vítimas pertence ao corpo de estudantes, o que configura não pertencer a nenhum grupo profissional. Todavia, o grupo profissional que possui um maior número de vítimas constitui-se o grupo de Especialistas das atividades intelectuais e científicas (EAIC), cuja maioria apresenta rendimentos mensais, entre os 500€ e 1000€, sugerindo que pertencem a um estatuto socioeconómico médio/ médio-baixo.

Ainda acordo com o parâmetro estatuto socioeconómico e o acesso aos recursos, não são encontradas diferenças significativas entre grupos, sendo que estes apenas diferem no grupo profissional dominante, que no caso das não vítimas constitui-se o de Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores (TSPPSV).

Os resultados infirmam a Hipótese 5, dado que não são encontradas diferenças significativas entre grupos. Tendo sido aceite a hipótese nula, ao que demonstra não existir uma associação clara entre ter experiências de coerção sexual e os atributos sociodemográficos.

Todavia, os resultados são suportados pelo relatório da WHO (2002) e pelos autores Macedo (2015) e Abramsky *et al.* (2011), que postulam ser enganoso supor que

mulheres com pertença a grupos dominantes, estatutos socioeconômicos mais elevados não se constituam vulneráveis à violência. Em seus estudos sugerem que a independência econômica, por si só, não diminuirá a vulnerabilidade, especialmente em culturas onde se preconiza a dominância masculina.

Consequentemente ao referido anteriormente, na presente investigação será adotada a perspectiva da WHO (2002), considerando assim que mulheres que detenham nível superior de escolaridade tornam-se mais vulneráveis a experimentar relações sexuais forçadas pelo parceiro íntimo. Sendo consideradas as habilitações literárias superiores, com um fator de vulnerabilidade à CS,

Em continuidade, com os fatores contextuais as características da união são apontadas por Abramsky *et al.* (2011) como fatores de relevo. Em seu estudo observaram que os níveis de violência eram superiores em relacionamentos cuja duração era inferior a 5 anos (quando comparados a relacionamentos de longa duração), onde existia a coabitação e a não formalização da união (casamento).

Hipótese 6: A prevalência de CS superior em uniões informais (estado civil não casado), de menor duração.

Vest *et al.* (2002), apontam a parentalidade como um fator de risco. Afirmando que mulheres que habitem com os seus filhos estão mais propensas a sofrer violência psicológica por parte do seu parceiro.

Hipótese 7: A prevalência de CS superior em relacionamento em que haja a presença de filhos.

A presente amostra segue em concordância com o observado por Abramsky *et al.* (2011), a grande maioria das vítimas apresenta relacionamentos cuja duração situa-se entre 1 a 5 anos, sendo que a frequência de respostas assinalando relacionamentos mais duradouros é diminuta e quanto mais duradouro, menor a frequência de respostas afirmativas, contrariamente ao observado entre não vítimas (os relacionamentos são mais duradouros). O estado civil predominante é o “solteira”

Os resultados confirmam a Hipótese 6, dado que a prevalência de CS, na presente amostra é superior em uniões não formais, a grande maioria das vítimas assinalou ser solteira. As participantes vítimas que se encontram num relacionamento íntimo, a duração mais frequente situa-se 1 a 5 anos.

Consideraremos como fatores de vulnerabilidade, uniões não formais, cuja duração é inferior ou igual a cinco anos.

Os resultados revelam que a presença de filhos não parece estar associada à experiência de CS, dado que a maioria das vítimas não tem filhos. Os resultados infirmam a Hipótese 7, pelo que não consideramos a presença de filhos um dos fatores de vulnerabilidade.

Duração do relacionamento, o estado civil e a parentalidade (presença de filhos), são apontados pela WHO (2010) como fatores que em conjunto podem potenciar o risco de vitimização.

Não obstante, as variáveis sociocognitivas, designadamente o sistema de crenças que cada indivíduo possui parecem ter um papel fundamental.

As crenças e atitudes de aceitação da VPI, constituem-se um fator de relevo para a vulnerabilidade das mulheres, frequentemente associadas à adoção de papéis de género (scripts sexuais), legitimam o homem como um ser sexual e a mulher como o seu mero objeto, cuja função seria satisfazer o outro, particularmente ante relacionamentos íntimos.

Segundo Quinn-Nilas e Kennett (2018), os papéis de género desencorajam a assertividade sexual. Frese *et al.* (2004) e Martín-Fernández *et al.* (2018), afirmam ainda que estas crenças conduzem à perceção de que atos de violência realizados contra a mulher, nomeadamente a coerção sexual, em determinadas condições, seja considerada normativa.

Hipótese 8: A adoção de crenças e atitudes de aceitação de VPI esteja negativamente correlacionada com a assertividade e autoestima sexual.

De acordo com o presente estudo, os resultados obtidos indicam correlações negativas entre as variáveis autoestima sexual e o grau de tolerância/aceitação do uso de violência sexual. Estes sugerem que as participantes que apresentam níveis inferiores de autoestima sexual detenham maior tolerância/aceitação ao uso de violência sexual. É de

salientar que, conforme os resultados postulados anteriormente a baixa autoestima sexual é considerada um dos fatores de vulnerabilidade à CS.

Isto indica que participantes que apresentem níveis inferiores de autoestima sexual apresentam: maiores níveis de legitimação de crenças específicas envolvidas na tolerância à violência, maior tolerância/aceitação ao uso de violência de natureza sexual, menor habilidade em satisfazer ou ser satisfeita pelo parceiro, em gerir os pensamentos, sentimentos ou interações sociais e com isto tenham uma baixa congruência entre pensamentos, sentimentos e comportamentos sexuais com os padrões morais do sujeito.

Por contraste, a associação entre a assertividade sexual e o grau de tolerância/aceitação do uso de violência sexual, caracteriza-se pelo sentido negativo, no entanto não é significativa.

Dado os resultados confirma-se parte da Hipótese 8, consideraremos que a adoção de crenças e atitudes de aceitação de VPI se correlacione negativamente com a autoestima sexual e em conjunto formam um potencial fator de vulnerabilidade à CS.

Em continuidade com as crenças e atitudes de aceitação de VPI, Ryan (2011) e Wiederman (2005), postulam que tanto vítimas como agressores inserem-se em culturas cujos sistemas de crenças perpetuam e legitimam, direta ou indiretamente, o uso de violência entre casais.

Quinn-Nilas e Kennett (2018), afirmam que este tipo de concepções (e.g., priorizar a satisfação do outro em detrimento da sua) são frequentemente apontadas em mulheres que apresentam um nível superior de aceitação de tais crenças e scripts.

Hipótese 9: A adoção de crenças e atitudes de aceitação de VPI está associada à presença de CS.

Neste sentido, na presente investigação é possível observar a atuação das crenças e atitudes de aceitação da VPI em diversos momentos, especialmente quando questionados os motivos para a cedência (conformação) a relações coercivas, por parte dos parceiros.

Os motivos apontados assentam maioritariamente em crenças sexista, associadas à adoção de papéis de gênero /scripts sexuais, que legitimam o homem como um ser

sexual e a mulher como o seu mero objeto, cuja função é satisfazer o outro, particularmente ante relacionamentos íntimos.

Designadamente, os motivos apontados com maior frequência constituem-se: sentimento de obrigação a ter relações sexuais com o seu parceiro, este encontra-se subjacente ao “encontrar-se num relacionamento íntimo”. É referido também o facto da relação sexual e a satisfação do parceiro consistir numa obrigação da mulher.

Em menor frequência é referido o evitamento de situações desagradáveis, nomeadamente discussões, confrontos, medo de perder o parceiro, cedência ao uso de violência por parte de outrem, como uma demonstração de amor, para que o parceiro não duvide dos seus sentimentos.

Os motivos apontados anteriormente são corroborados pelos estudos de O’Byrne *et al.* (2006) , Ryan (2011), Hines (2007) e Dixon-Mueller (1993), referem que os scripts sexuais e sociais, juntamente com os papéis de género tradicionalmente observados, proporcionam as diretrizes de como o indivíduo deverá pensar, sentir e agir, perante determinadas situações.

Preconizam também como um dos fatores, as desigualdades de género, segundo estas o homem é o ser dominante e a mulher o ser subjugado. Estas desigualdades, são refletidas na dinâmica das relações heterossexuais. A mulher torna-se vulnerável à CS devido à falta de controlo percebido, incutida pela sociedade desde a sua infância, e é esperado que esta seja passiva e reativa nas relações com o sexo oposto, tornando-a um “alvo fácil” às relações sexuais forçadas.

Na presente amostra as participantes que aceitam como verdades um conjunto de crenças legitimadoras ou que minimizem a violência sexual designadamente: a referência à existência de um passado sexual entre ofensor e vítima e à ausência de violência física durante o ato sexual praticado e/ou, através do julgamento do comportamento prévio da vítima, quer no que toca ao seu passado sexual, quer no que toca à sua exposição a situações de risco e/ou, a vítima de violência sexual consente ou induz a relação sexual, desejando-a e sentindo prazer com a mesma e/ou, que queixas de violação são sinais de arrependimento ou vontade de vingança, estão também associados à visão do sexo utilitário.

Estão associadas à menor adesão à educação sexual, a atitudes de planeamento familiar, menor aceitação de práticas como a masturbação, sexo não convencional e refletem menor número de atitudes de sexo como uma experiência íntima, física e

psicológica, partilha, envolvimento e idealismo. Os pressupostos vão ao encontro da atitude utilitária refletida na amostra, isto é a visão da finalidade da relação sexual como a obtenção de prazer meramente físico (instrumentalidade).

Na presente investigação, contrariamente aos resultados e conclusões dos estudos de Frese *et al.* (2004), Martins *et al.* (2012) e Muehlenhard e Linton (1987), as vítimas de CS apresentam um grau relativamente baixo de tolerância/aceitação do uso de violência de natureza sexual quando questionadas diretamente.

Contudo, os resultados são congruentes aos obtidos pela WHO (2002), estes postulam que o nível superior de escolaridade apresentado pelas participantes vítimas permite o questionamento de scripts sexuais e o seu papel, enquanto mulher, no relacionamento, predizendo uma menor aceitação dos papéis de género e outras crenças sexistas. E que seria no intuito de contradizer esse comportamento assertivo, que o perpetrador iria realizar investidas sexuais mesmo contra a vontade da vítima.

Em contrapartida, observou-se que as participantes justificam a cedência às táticas de coerção, com argumentos baseados ou que refletem as suas crenças sexistas, associadas à adoção de papéis de género e/ou scripts sexuais.

Em conclusão, dado os resultados referidos, confirmamos a hipótese 9 sendo consideradas as crenças e atitudes de aceitação de VPI, crenças sexista e a adoção dos papéis de género representem fatores de risco à vitimização de CS.

7. Conclusões

A presente investigação objetivou a identificação dos fatores que vulnerabilizam mulheres adultas ao fenómeno da coerção sexual.

Na presente amostra observou-se uma prevalência de 33.83% quando questionado através da definição de CS. As táticas de perpetração relatadas, são na sua grande maioria, o uso de pressão verbal.

Em conformidade com os resultados obtidos, verificou-se que as vítimas caracterizam-se sociodemograficamente: por mulheres com idades compreendidas entre os 19 e os 55 anos, cuja idade média é de aproximadamente 28 anos.

Relativamente ao estatuto socioeconómico e o acesso aos recursos, a grande maioria é licenciada. Ainda de acordo com o parâmetro, não são encontradas diferenças significativas entre grupos.

No que concerne ao estado civil e à parentalidade, o Grupo de Vítimas constituiu-se maioritariamente por solteiras, sem a presença de filhos. Os resultados das variáveis são similares entre os grupos e também não apresentam diferenças significativas.

Seguidamente, serão apontados os fatores de vulnerabilidade, considerados de acordo com os resultados obtidos e a testagem de hipóteses na presente investigação.

Primeiramente, níveis inferiores de assertividade sexual foram considerados como um fator de forte impacto à vulnerabilidade à vitimização de coerção sexual, dado que as participantes vítimas de CS, apresentam baixos níveis de assertividade sexual e são tidas como não assertivas e em contrapartida, as participantes não vítimas obtiveram valores significativamente superiores, sendo classificadas como assertivas.

De igual modo, níveis inferiores de autoestima, quer esta seja geral e/ou sexual, verificam-se como fatores de forte impacto na vulnerabilização das vítimas. Constatou-se níveis significativamente baixos, tanto de autoestima geral quanto de autoestima sexual (em todos os seus fatores), associados à experiência de vitimização de CS.

De modo a confirmar o efeitos destas variáveis em conjunto, apurou-se a correlação positiva e significativa existente entre as mesmas. Os resultados indicam que baixos níveis de autoestima (geral e sexual) e assertividade sexual, em conjunto estão

associadas à presença de CS, constituindo-se assim um dos mais fortes fatores de vulnerabilidade encontrados na presente investigação.

Seguidamente, verificou-se como fatores de vulnerabilidade uniões informais (estado civil não casado), de duração inferior ou igual a cinco anos.

Por fim, considerou-se a adoção de crenças e atitudes de aceitação de VPI, crenças sexista e a adoção dos papéis de género como fortes fatores de risco que agem de forma insidiosa. Dado que, as vítimas de CS apresentam um grau relativamente baixo de tolerância/aceitação do uso de violência de natureza sexual quando questionadas diretamente. Todavia, os motivos apontados para a cedência à relação coerciva ou às táticas coercivas das quais foram vítimas, assentam maioritariamente em crenças sexista, associadas à adoção de papéis de género /scripts sexuais.

Seguidamente, serão apresentadas as hipóteses infirmadas e os fatores de vulnerabilidade expectáveis pela literatura que no presente estudo não se confirmam.

Primeiramente a extroversão, apesar da literatura comprovar a associação entre a extroversão e a vitimização de CS, na presente investigação estes resultados não se verificam. Tanto vítimas quando não vítimas apresentam níveis de extroversão idênticos, não havendo diferenças significativas. Ao que não se considerou a extroversão um fator de vulnerabilidade à CS.

De acordo com o parâmetro, estatuto socioeconómico e o acesso aos recursos, não são encontradas diferenças significativas entre grupos.

A presença de filhos, apesar se ser apontada na literatura como um dos fatores de vulnerabilidade, na presente amostra não se confirmou como tal, esta não parece estar associada à experiência de CS.

Por fim, ao longo da investigação observaram-se questões de relevância científica e seguem-se sugestões para estudos futuros.

Nomeadamente, recomenda-se a realização de pesquisas cujo objeto de estudo se caracterize pela CS perpetrada por mulheres. Autores como Hines (2007) sugerem que este fenómeno tem vindo a aumentar devido às mudanças sociais, políticas e económicas observadas em certas sociedades, quanto ao papel das mesmas.

De igual modo, sugerimos que investigações futuras abranjam outro tipo de relacionamentos afetivos (e.g., homoafetivos) uma vez que parece existir um maior enfoque de investigações na vitimização feminina em relações heterossexuais. Bhona *et al.* (2019) e Morgan *et al.* (2016), reforçam a ideia da necessidade de estudos mais abrangentes, referindo que nos últimos anos, tem se vindo a observar o aumento de estudos considerando a perpetração destes comportamentos violentos por parte de homens e de mulheres, reconhecendo assim que estes comportamentos poderão ser adotados por ambos os sexos. E poderão estar presentes nos diversos tipo de relacionamentos íntimos.

8. Referências Bibliográficas

- Abramsky, T., Watts, C. H., Garcia-Moreno, C., Devries, K., Kiss, L., Ellsberg, M., Jansen, H. A. F. M., & Heise, L. (2011). What factors are associated with recent intimate partner violence? Findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *BMC Public Health*, *11*(1), 109. <http://doi.org/10.1186/1471-2458-11-109>
- Alexandra, C. & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: Estudo de Validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, *8*(2), 14-39. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v8n2/v8n2a02.pdf>
- American Psychological Association. (2020). *Publication manual of the American psychological association: The official guide to APA style* (7th ed.). APA.
- Archard, D. (2007). Is It Rape? On Acquaintance Rape and Taking Women's Consent Seriously - By Joan McGregor, Making Sense of Sexual Consent - By Mark Cowling & Paul Reynolds, The Logic of Consent, The Diversity and Deceptiveness of Consent as a Defence to Criminal Conduct - By Peter Westen, and Consent to Sexual Relations - By Ian Wertheimer. *Journal of Applied Philosophy*, *24*(2), 209-221. <http://doi.org/10.1111/j.1468-5930.2007.00379.x>
- Ashton, M., & Lee, K. (2009). The HEXACO-60: A Short Measure of the Major Dimensions of Personality. *Journal of Personality Assessment*, *91*(4), 340-345. <http://doi.org/10.1080/00223890902935878>
- Benbouriche, M. & Parent, G. (2018). Sexual coercion: Thinking and understanding sexual violence beyond sexual offenders. *Sexologies*, *27*, 15-19. <http://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.02.001>
- Bhona, F. M. C., Gebara, C. F. P., Noto, M. T., & Lourenço, L. M. (2019). Socioeconomic Factors and Intimate Partner Violence: A Household Survey. *Trends In psychology*, *27*(1), 205-218. <https://doi.org/10.9788/tp2019.1-15>
- Brousseau, M. M., Hébert, M., & Bergeron, S. (2012). Sexual Coercion within Mixed-Sex Couples: The Roles of Sexual Motives, Revictimization, and Reperpetration. *Journal of Sex Research*, *49*(6), 533-546. <http://doi.org/10.1080/00224499.2011.574322>
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção. *PSICOLOGIA*, *22*(1), 77-104. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v22n1/v22n1a04.pdf>
- Council of Europe (2011, Maio 11). *Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica-versão portuguesa* [Conference session]. Convenção de Istambul, Istambul. <https://rm.coe.int/168046253d>
- Enosh, G. (2007). Cognition or Involvement? Explaining Sexual-coercion in High-school Dating. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, *19*(3), 311-329. <http://doi.org/10.1007/s11194-007-9050-7>
- Firoozi, M., Azmoude, E., & Asgharipour, N. (2016). The relationship between personality traits and sexual self-esteem and its components. *Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research*, *21*(3), 225-231. <http://doi.org/10.4103/1735-9066.180375>
- Forbes, G. B., & Adams-Curtis, L. E. (2001). Experiences with sexual coercion in college males and females: Role of family conflict, sexist attitudes, acceptance of rape myths, self-

- esteem, and the Big-Five personality factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 16(9), 865-889. <http://doi.org/10.1177/088626001016009002>
- French, B. H., & Neville, H. A. (2016). What Is Nonconsensual Sex? Young Women Identify Sources of Coerced Sex. *Violence Against Women*, 23(3), 368-394. <http://doi.org/10.1177/1077801216641517>
- Frese, B., Moya, M., & Megías, J. L. (2004). Social Perception of Rape. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(2), 143–161. <https://doi.org/10.1177/0886260503260245>
- Giger, J.C. & Gomes, A. (in press). Validação da escala de autoestima sexual numa amostra portuguesa. Documento não publicado. Universidade do Algarve.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance. Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109-118. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.2.109>
- Glick, P., & Whitehead, J. (2010). Hostily Toward Men and the Perceived Stability of Male Dominance. *Social Psychology*, 41(3), 177-185. <http://doi.org/10.1027/1864-9335/a000025>
- Greene, D. M., & Navarro, R. L. (1998). Situation-Specific Assertiveness in the Epidemiology of Sexual Victimization Among University Women. *Psychology of Women Quarterly*, 22(4), 589–604. <http://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1998.tb00179.x>
- Hendrick, S., & Hendrick, C. (1987). Multidimensionality of sexual attitudes. *Journal of Sex Research*, 23(4), 502–526. <http://doi.org/10.1080/00224498709551387>
- Himelein, M. J. (1995). Risk Factors For Sexual Victimization In Dating: A Longitudinal Study of College Women. *Psychology of Women Quarterly*, 19(1), 31-48. <http://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00277.x>
- Himelein, M. J., Vogel, R. E., & Wachowiak, D. G. (1994). Nonconsensual Sexual Experiences in Precollege Women: Prevalence and Risk Factors. *Journal of Counseling & Development*, 72(4), 411-415. <http://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1994.tb00959.x>
- Hines, D. A. (2007). Predictors of Sexual Coercion Against Women and Men: A Multilevel, Multinational Study of University Students. *Archives of Sexual Behavior*, 36(3), 403-422. <http://doi.org/10.1007/s10508-006-9141-4>
- Hurlbert, D. F. (1991). The role of assertiveness in female sexuality: A comparative study between sexually assertive and sexually nonassertive women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 17(3), 183-190. <http://doi.org/10.1080/00926239108404342>
- Instituto Nacional de Estatística (2020, Maio 7). *Inquérito às condições de vida e rendimento*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contecto=pi&indOcorrCod=0009373&selTab=tab0.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2015). NUTS 2013- As Novas Unidades Territoriais Para Fins Estatísticos. [https://www.compete2020.gov.pt/admin/images/NUTS2013_\(1\).pdf](https://www.compete2020.gov.pt/admin/images/NUTS2013_(1).pdf)

- Instituto Nacional de Estatística . (2011). Classificação Portuguesa das Profissões : 2010. Lisboa: INE.<http://azores.gov.pt/NR/rdonlyres/2750F07D-9748-438F-BA47-7AA1F8C3D794/0/PPP2010.pdf>
- Instituto Nacional de Estatística . (2015). NUTS 2013: As Novas Unidades Territoriais para Fins Estatístico. Lisboa: INE.
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOE_Spub_boui=230205992&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt
- Jeffrey, N. K., & Barata, P. C. (2016). “He Didn’t Necessarily Force Himself Upon Me, But . . .”: Women’s Lived Experiences of Sexual Coercion in Intimate Relationships With Men. *Violence Against Women, 23*(8), 911-933. <http://doi.org/10.1177/1077801216652507>
- Jessor, S. L., & Jessor, R. (1975). Transition from virginity to nonvirginity among youth: A social-psychological study over time. *Developmental Psychology, 11*(4), 473-484. <http://doi.org/10.1037/h0076664>
- Kahn, A. S., Jackson, J., Kully, C., Badger, K., & Halvorsen, J. (2003). Calling it Rape: Differences in Experiences of Women Who do or do not Label their Sexual Assault as Rape. *Psychology of Women Quarterly, 27*(3), 233-242. <http://doi.org/10.1111/1471-6402.00103>
- Katz, J., & Tirone, V. (2010). Going Along With It: Sexually Coercive Partner Behavior predicts Dating Women’s Compliance With Unwanted Sex. *Violence Against Women, 16*(7), 730-742. <http://doi.org/10.1177/1077801210374867>
- Kelley, E. L., Orchowski, L. M., & Gidycz, C. A. (2016). Sexual victimization among college women: Role of sexual assertiveness and resistance variables. *Psychology of Violence, 6*(2), 243-252. <http://doi.org/10.1037/a0039407>
- Kim, Y., Lee, E., & Lee, H. (2019). Sexual Double Standard, Dating Violence Recognition, and Sexual Assertiveness among University Students in South Korea. *Asian Nursing Research, 13* (1), 47-52. <http://doi.org/10.1016/j.anr.2019.01.003>
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., Ullman, S., West, C., & White, J. (2007). Revising the SES: A Collaborative Process to Improve Assessment of Sexual Aggression and Victimization. *Psychology of Women Quarterly, 31*(4), 357-370. <http://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00385.x>
- Leary, M. R., Schreindorfer, L. S., & Haupt, A. L. (1995). The Role of Low Self-Esteem in Emotional and Behavioral Problems: Why is Low Self-Esteem Dysfunctional? *Journal of Social and Clinical Psychology, 14*(3), 297-314. <http://doi.org/10.1521/jscp.1995.14.3.297>
- Lee, K., & Ashton, M. C. (2009). *A Measure of The Six Major Dimensions of Personality*. The Hexaco Personality Inventory – Revised. <https://hexaco.org/scaledescriptions>
- Livingston, J. A., Buddie, A. M., Testa, M., & VanZile-Tamsen, C. (2004). The Role of Sexual Precedence in Verbal Sexual Coercion. *Psychology of Women Quarterly, 28*(4), 287-297. <http://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2004.00146.x>
- Livingston, J. A., Testa, M., & VanZile-Tamsen, C. (2007). The reciprocal relationship between sexual victimization and sexual assertiveness. *Violence Against Women, 13*, 298-313. <http://doi.org/10.1177/1077801206297339>

- Lyons, M., Houghton, E., Brewer, G., & O'Brien, F. (2020). The Dark Triad and Sexual Assertiveness Predict Sexual Coercion Differently in Men and Women. *Journal of Interpersonal Violence, 0*(0), 1-16. <http://doi.org/10.1177/0886260520922346>
- Macedo, E. (2015). Violência entre parceiros íntimos (VPI): problema e sintoma no panorama das violências sobre as mulheres. *Ex aequo, (31)*, 29-44. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n31/n31a04.pdf>
- Martín-Fernández, M., Garcia, E., Marco, M., Vargas, V., *et al.* (2018). Measuring Acceptability of Intimate Partner Violence Against Women: Development and Validation of the A-IPVAW Scale. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context, 10*(1), 26-34. <http://doi.org/10.5093/ejpalc2018a3>
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS). *Análise Psicológica, 30*(1-2), 177-191. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a14.pdf>
- Morgan, K., Buller, A. M., Evans, M., Trevillion, K., Williamson, E., & Malpass, A. (2016). The role of gender, sexuality, context upon help seeking for intimate partner violence: A synthesis of data across five studies. *Aggression and Violent Behavior, 31*, 136-146. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.09.001>
- Morokoff, P. J., Quina, K., Harlow, L. L., Whitmire, L., *et al.* (1997). Sexual Assertiveness Scale (SAS) for women: development and validation. *Journal of Personality and Social Psychology, 73*, 790-804. <http://doi.org/10.1037//0022-3514.73.4.790>
- Muehlenhard, C. L., & Linton, M. A. (1987). Date rape and sexual aggression in dating situations: Incidence and risk factors. *Journal of Counseling Psychology, 34*(2), 186-196. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.34.2.186>
- Muehlenhard, C. L., Humphreys, T. P., Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2016). The Complexities of Sexual Consent Among College Students: A Conceptual and Empirical Review. *The Journal of Sex Research, 53*(4-5), 457-487. <http://doi.org/10.1080/00224499.2016.1146651>
- Muehlenhard, C. L., Sakaluk, J. K., & Esterline, K. M. (2015). The International Encyclopedia of Human Sexuality. In P. Whelehan & A. Bolin (Eds.), *Double standard* (pp.1-3). <http://doi.org/10.1002/9781118896877.wbiehs119>
- Nason, E. E., & Yeater, E. A. (2020). Type of Judge Influences Judgments of College Women's Responses to Increasingly Coercive Sexual and Nonsexual Social Situations. *Archives of Sexual Behavior, 49*(3), 895-907. <http://doi.org/10.1007/s10508-019-01557-1>
- O'Byrne, R., Rapley, M., & Hansen, S. (2006). "You Couldn't Say 'No', Could You?": Young Men's Understandings of Sexual Refusal. *Feminism & Psychology, 16*(2), 133-154. <http://doi.org/10.1177/0959-353506062970>
- O'Sullivan, L. F., Byers, E. S., Brotto, L. A., Majerovich, J. A., & Fletcher, J. (2016). A Longitudinal Study of Problems in Sexual Functioning and Related Sexual Distress Among Middle to Late Adolescents. *Journal of Adolescent Health, 59*(3), 318-324. <http://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.05.001>
- Oliveira, C. (2013). Determinantes psicossociais da dor sexual na mulher portuguesa [Doctoral Dissertation, Universidade de Aveiro]. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/10979/1/7544.pdf>

- Organização das Nações Unidas (1993, dezembro 20). *Declaration on the Elimination of Violence against Women* [Conference session]. Nova Iorque. <https://www.refworld.org/docid/3b00f25d2c.html>
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2019). *Under pressure: The Squeezed Middle Class* (1st ed). OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/689afed1-en>
- Ortabag, T., Ozdemir, S., Bebis, H., & Ceylan, S. (2014). Perspectives of Young Adult Men Regarding Violence against Women: A Cross-sectional Study from Turkey. *Journal of Family Violence, 29*(6), 665-674. <http://doi.org/10.1007/s10896-014-9617-2>
- O'Sullivan, L. F., & Allgeier, E. R. (1998). Feigning sexual desire: Consenting to unwanted sexual activity in heterosexual dating relationships. *Journal of Sex Research, 35*(3), 234–243. <https://doi.org/10.1080/00224499809551938>
- Pacifici, C., Stoolmiller, M., & Nelson, C. (2001). Evaluating a prevention program for teenagers on sexual coercion: A differential effectiveness approach. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 69*(3), 552–559. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.69.3.552>
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psicologica, 36*, 5-107. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4211/1/Abuso%20no%20relacionamento%20%282004%29.pdf>
- Pechorro, P., Morôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2011). Validação da Escala de Auto-estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina, 25*(5-6), 174-179. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/am/v25n5-6/v25n5-6a02.pdf>
- Peixoto, M. M., Amarelo-Pires, I., Bicaia, M. S. P., & Machado, P.P. (2018). Sexual Esteem, Sexual functioning and sexual satisfaction in Portuguese heterosexual university students. *Psychology & Sexuality, 9*, 305-316. <http://doi.org/10.1080/19419899.2018.1461413>
- Pugh, B., & Becker, P. (2018). Exploring Definitions and Prevalence of Verbal Sexual Coercion and Its Relationship to Consent to Unwanted Sex: Implications for Affirmative Consent Standards on College Campuses. *Behavioral Sciences, 8*(8), 69-97. <http://doi.org/10.3390/bs8080069>
- Quinn-Nilas, C., & Kennett, D. J. (2018). Reasons why undergraduate women comply with unwanted, non-coercive sexual advances: A serial indirect effect model integrating sexual script theory and sexual self-control perspectives. *The Journal of Social Psychology, 158*(5), 603–615. <http://doi.org/10.1080/00224545.2018.1427039>
- Ramos, V., Carvalho, C., & Leal, I. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise psicológica, 23*(2), 173-185. <http://doi.org/10.14417/ap.80>
- Rathus, S. A. (1973). A 30-item schedule for assessing assertive behavior. *Behavior Therapy, 4*(3), 398-406. [http://doi.org/10.1016/s0005-7894\(73\)80120-0](http://doi.org/10.1016/s0005-7894(73)80120-0)
- Ryan, K. M. (2011). The Relationship between Rape Myths and Sexual Scripts: The Social Construction of Rape. *Sex Roles, 65*(11-12), 774-782. <http://doi.org/10.1007/s11199-011-0033-2>

- Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2010). Hurlbert Index of Sexual Assertiveness: A Study of Psychometric Properties in a Spanish Sample. *Psychological Reports, 107*(1), 39-57. <http://doi.org/10.2466/02.03.07.17.21.pr0.107.4.39-57>
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF, 15*(3), 395-403. <http://doi.org/10.1590/s1413-82712010000300012>
- Smith, S.G., Chen, J., Basile, K.C., Gilbert, L.K., Merrick, M.T., Patel, N., Walling, M., & Jain, A. (2017). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2010-2012 State Report* (1st ed). National Center for Injury Prevention and Control. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/nisvs-statereportbook.pdf>
- Soto-Quevedo, O. A. (2012). Rol del sexismo ambivalente y de la transgresión de estereotipo de género en la atribución de culpa a mujeres víctimas de violencia de pareja. *Acta Colombiana de Psicología, 15*(2), 135-147. <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v15n2/v15n2a13.pdf>
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2). *Journal of Family Issues, 17*(3), 283-316. <http://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Testa, M., & Dermen, K. H. (1999). The Differential Correlates of Sexual Coercion and Rape. *Journal of Interpersonal Violence, 14*(5), 548-561. <http://doi.org/10.1177/088626099014005006>
- Vest, J., Catlin, T. K., Chen, J. J., & Brownson, R. C. (2002). Multistate analysis of factors associated with intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine, 22*(3), 156-164. [http://doi.org/10.1016/s0749-3797\(01\)00431-7](http://doi.org/10.1016/s0749-3797(01)00431-7)
- Vilarinho, S. (2010). *Funcionamento e Satisfação Sexual Feminina: Integração do afecto, variáveis cognitivas e relacionais, aspectos biológicos e contextuais*. [Doctoral Dissertation, Universidade de Coimbra]. <https://core.ac.uk/download/pdf/144023476.pdf>
- Wiederman, M. W. (2005). The Gendered Nature of Sexual Scripts. *The Family Journal, 13*(4), 496-502. <http://doi.org/10.1177/1066480705278729>
- World Health Organization. (2002). World report on violence and health. In E. G. Krug., L. L. Dahlberg., J.A. Mercy., A. B. Zwi, et al. (Eds.), *Sexual Violence* (pp.147- 182). https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/global_campaign/en/chap6.pdf
- World Health Organization. (2013). *Global and regional estimates of violence against women: Prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. Geneva, Switzerland: World Health.
- World Health Organization. (2017). *Violence against Women*. <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
- Yount, K. M., & Carrera, J. S. (2006). Domestic Violence Against Married Women in Cambodia. *Social Forces, 85*(1), 355-387. <http://doi.org/10.1353/sof.2006.0151>
- Zeanah, P. D. & Schwarz, J. C. (1996) Reability and Validity of the Sexual Self-Esteem Inventory for Women. *Assessment, 3*(1),1-15. <http://doi.org/10.1177/107319119600300101>

Zweig, J. M., Barber, B. L., & Eccles, J. S. (1997). Sexual Coercion and Well-Being in Young Adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(2), 291–308.
<http://doi.org/10.1177/088626097012002009>

9. Anexos

Anexo A. Questionário

Questionário

Os campos assinalados com um asterisco (*) são de preenchimento obrigatório.

Consentimento Informado

Eu, Tatiana Nair Monteiro Vieira, encontro-me a realizar uma investigação no âmbito da minha dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve, sob orientação da Professora Doutora Alexandra Gomes. Venho por este meio solicitar a sua participação na presente investigação, garantindo que a sua confidencialidade e anonimato serão preservados, uma vez que, as informações/ dados recolhidos na mesma, destinam-se exclusivamente a fins de investigação.

O presente estudo tem como objetivo, a análise de fatores de vulnerabilidade à coerção sexual na população feminina adulta. Este constitui-se um questionário, composto por diversas escalas, das quais é pedido aos participantes que respondam com sinceridade, dado que, não existem respostas certas ou erradas.

O preenchimento deste questionário terá uma duração estima de 30 min, destinando-se exclusivamente à **população feminina adulta** (idade igual ou superior a 18 anos).

A sua participação será bastante importante, mas também será voluntária, pelo que poderá interrompê-la a qualquer momento.

Recordo que, não existem respostas certas ou erradas, é pedido apenas que o participante responda com o máximo de sinceridade às mesmas.

Em caso de dúvida, poderá contactar via e-mail para: a54266@ualg.pt

Declaro, ter lido e concordado com todos os aspetos e aceito ser participante da investigação.

Dados Sociodemográficos

*** Data**

Data da realização do questionário

*** Idade**

*** Nacionalidade**

*** Naturalidade**

*** Estado Civil**

- Solteira
- Relacionamento íntimo
- Casada/ União de facto
- Divorciada
- Viúva

*** Tem parceiro atualmente?**

- Sim
- Não

Em caso da resposta anterior ter sido sim, há quanto tempo?

*** Profissão**

*** Rendimentos Mensais**

- Dependente
- Menos de 500 €
- Entre 500 € e 1000 €
- Entre 1000 € e 2000 €
- Entre 2000 € e 3000 €
- Mais de 3000 €

*** Habilitações Literárias**

- 4º ano (1º ciclo ensino básico)
- 6ºano (2º ciclo do ensino básico)
- 9º ano (3º ciclo do ensino básico)
- 12º ano (ensino secundário)

- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-Graduação
- Mestrado
- Doutorado

História Sexual

*** 1. Orientação Sexual**

- Heterossexual
- Bissexual
- Lésbica
- Outra

*** 2. Já teve relações sexuais completas (compreendendo assim pelo menos uma destas formas- sexo oral,vaginal ou anal)?**

- Sim
- Não

*** 3. Quantos parceiros sexuais já teve?**

*** 4. Tem filhos ?**

- Sim
- Não

Se sim, quantos?

*** 5. Já foi vítima de algum tipo de violência entre parceiros íntimos?**

- Sim
- Não

5.1. Caso tenha sido vítima, que tipo de violência experienciou?

*** 6. Considera já ter sido vítima de coerção sexual?**

- Sim

Não

6.1. Caso tenha sido, consegue descrever algum episódio?

*** 7. Considera alguma vez ter sido forçada a ter relações sexuais?**

Sim

Não

7.1. Caso a resposta tenha sido sim, mediante que situação?

Pressão verbal

Ameaças (Ex: terminar o relacionamento, cometer uma traição, de magoar o parceiro, magoar-se a si mesmo)

Força física

Uso de substâncias

Outro

Outro:

*** 8. Já sentiu que tinha a “obrigação/pressão” para ter uma relação sexual, mesmo contra a sua vontade?**

Sim

Não

8.1. Caso tenha respondido “sim”, chegou a realizá-la?

Sim

Não

8.2. Qual a razão de a ter realizado?

Questionário 1

Selecione a opção que pretende, utilizando a seguinte escala:

1-Discordo totalmente

2-Discordo

3-Não concordo nem discordo

4-Concordo

5-Concordo Totalmente

	1	2	3	4	5
* 1. Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro /a acerca de um assunto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Em uma discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro/a para um desentendimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Gritei ou berrei ao meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Fiz algo para enfurecer o meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Acusei o meu companheiro/a de ser um mau amante.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa no meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 15. Atirei no meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Torci o braço ou puxei o cabelo do meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 17. Empurrei ou apertei o meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 18. Agarrei à força o meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 19. Dei uma bofetada no meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 20. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro /a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 21. Esmurrei ou bati no meu companheiro/a com algo que o poderia magoar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 22. Tentei estrangular o meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 23. Atirei o meu companheiro/a contra a parede.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 24. Dei uma tareia no meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 25. Queimei ou escalei o meu companheiro/a de propósito.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 26. Dei pontapés no meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 27. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 28. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 29. Insisti com o meu companheiro/a para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 30. Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 31. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 32. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 34. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 35. Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 36. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 37. Desmaiei porque o/a meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 38. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 39. Precisava ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro/a, mas não o fiz.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 40. Tive uma fratura devido a uma luta com o meu companheiro/a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questionário 2

Selecione a opção que pretende, utilizando a seguinte escala:

1-Discordo totalmente

2-Discordo

3-Não concordo nem discordo

4-Concordo

5-Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
* 1. Os agressores são, quase sempre, desconhecidos da vítima.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Se uma pessoa já tiver mantido antes relações sexuais com a outra, então não se pode falar de violência sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Só são vítimas de agressões sexuais as pessoas "indecentes".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Só as pessoas que não conseguem arranjar parceiros (as) é que cometem agressões sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. As pessoas dizem que foram vítimas de violência sexual quando se querem vingar de alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 6. Forçar o(a) cônjuge (marido/esposa) a ter relações sexuais não é violação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Há pessoas que merecem ser violadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Há um certo ponto a partir do qual nenhum homem /nenhuma mulher é de ferro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Se não for usada violência física, não se pode dizer que o ato sexual foi forçado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Quando as mulheres dizem não (ao sexo), muitas vezes, querem dizer sim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. Se uma pessoa provoca sexualmente outra, não se pode depois queixar de ter sido violada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. A maioria das queixas de violação é falsa ou exagerada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Se uma pessoa se expõe (por exemplo, saindo à noite sozinha ou frequentando locais com má reputação), a culpa é sua, se for vítima de uma agressão sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Muitas queixas de violação são inventadas quando os (as) companheiros(as) expressam o desejo de terminar a relação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Os agressores sexuais, na sua maioria, são pessoas com um aspeto diferente das outras.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Se uma pessoa não agredir fisicamente nem magoar a outra, então, a agressão sexual é pouco grave.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 17. Algumas pessoas têm prazer sexual quando são violadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 18. Algumas pessoas têm o desejo secreto de ser violadas e gostariam que tal acontecesse.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 19. Há mulheres que gostam que os homens usem um pouco de força para as convencer a ter sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 20. Muitas queixas de violação são inventadas quando as pessoas se arrependem do que fizeram.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 21. Se uma pessoa violada tiver um comportamento sexual "indecente", então, a agressão sexual é menos grave.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 22. Forçar o(a) namorado(a) a ter relações sexuais não é violação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 23. Uma queixa de violação feita dias após o ato, provavelmente, não é verdadeira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 24. Uma pessoa pressionar a outra para ter relações sexuais pode ser uma forma de expressar amor e envolvimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 25. Se uma pessoa não resistir fisicamente, então, não se pode dizer que foi vítima de agressão sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 26. "Quem anda à chuva molha-se", quem não quiser ser agredido sexualmente deve evitar expor-se ao risco.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 27. Se uma pessoa é violada quando está alcoolizada e /ou sob efeito de outras drogas, então, pelo menos uma parte da culpa é dela.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 28. "Se uma pessoa aceita algum ato de natureza sexual com outra (e.g., carícias, beijos), então, isso quer dizer que ela aceita ter relações sexuais com essa pessoa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 29. Se uma pessoa não quiser mesmo ser violada, ela consegue defender-se.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 30. Se uma pessoa violada já não era virgem, a violação é menos grave.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questionário 3

Selecione a opção que pretende, utilizando a seguinte escala:

1-Discordo totalmente

2-Discordo

3-Não concordo nem discordo

4-Concordo

5-Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
* 1. Sentir-me-ia muito aborrecido com uma visita a uma galeria de arte.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Planeio e organizo as coisas com antecedência para evitar ter que fazer tudo no último minuto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Raramente guardo ressentimentos, mesmo em relação a pessoas que me trataram mal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. No geral, sinto-me razoavelmente satisfeito comigo mesmo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Sentiria medo se tivesse que viajar com mau tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Não usaria o elogio para obter um aumento ou uma promoção no trabalho, mesmo que pensasse que seria bem-sucedido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Estou interessado em aprender sobre a história e a política de outros países.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Frequentemente exijo muito de mim quando quero atingir um objetivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Às vezes as pessoas dizem que sou muito crítico em relação aos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Raramente expesso as minhas opiniões em reuniões grupais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. Por vezes não consigo deixar de me preocupar com pequenas coisas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Se soubesse que nunca seria apanhado, estaria disposto a roubar um milhão de euros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Gostaria de criar uma obra de arte, tal como um romance, uma música ou uma pintura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Quando estou a trabalhar numa determinada coisa não presto muita atenção aos pequenos detalhes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Às vezes as pessoas dizem que sou muito teimoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Prefiro os trabalhos que envolvem interações sociais ativas aos que envolvem o trabalho solitário.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 17. Quando sofro devido a uma experiência dolorosa necessito de alguém que me apoie.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 18. Ter muito dinheiro não é especialmente importante para mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 19. Penso que prestar atenção a ideias radicais é uma perda de tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 20. Tomo decisões baseadas na emoção do momento em vez de pensar cuidadosamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 21. As pessoas consideram que tenho um temperamento explosivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 22. Na maior parte dos dias sinto-me alegre e otimista.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 23. Tenho vontade de chorar quando vejo outras pessoas a chorar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 24. Penso que tenho direito a ser mais respeitado do que a generalidade das pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 25. Se tivesse oportunidade, gostaria de assistir a um concerto de música clássica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 26. Por vezes tenho dificuldade no trabalho devido a ser desorganizado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 27. A minha atitude em relação a quem me tratou mal é perdoar e esquecer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 28. Sinto que não sou uma pessoa popular.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 29. Em relação ao perigo físico, tenho muito medo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 30. Se pretendo alguma coisa de alguém até me rio das suas piores piadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 31. Nunca gostei de folhear uma enciclopédia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 32. Faço apenas o mínimo de trabalho necessário.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 33. Tenho tendência para ser complacente quando julgo os outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 34. Sou geralmente aquele que inicia a interação em situações sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 35. Preocupo-me muito menos do que a maioria das pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 36. Nunca aceitaria um suborno, mesmo que fosse muito grande.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 37. Já me disseram várias vezes que tenho uma imaginação fértil.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 38. Tento sempre ser exato no meu trabalho, mesmo que leve muito tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 39. Sou geralmente bastante flexível quando discordam das minhas opiniões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 40. A primeira coisa que faço sempre que estou num local novo é fazer amigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 41. Consigo lidar com situações difíceis sem precisar de suporte emocional de ninguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 42. Teria muito prazer em possuir artigos caros e luxuosos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 43. Gosto de pessoas que têm pontos de vista não convencionais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 44. Cometo muitos erros porque não penso antes de agir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 45. A maioria das pessoas zanga-se mais facilmente do que eu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 46. A maioria das pessoas é mais animada e dinâmica do que eu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 47. Sinto-me fortemente emocionado quando alguém que me é próximo se vai ausentar por um longo período de tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 48. Quero que os outros saibam que eu sou uma pessoa importante e de elevado estatuto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 49. Não me considero uma pessoa artística ou criativa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 50. As pessoas dizem frequentemente que sou um perfeccionista.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 51. Mesmo quando as pessoas cometem muitos erros, raramente digo algo negativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 52. Por vezes, sinto-me uma pessoa sem valor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 53. Mesmo numa situação de emergência, não entraria em pânico.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 54. Não fingiria gostar de uma pessoa somente para lhe pedir favores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 55. Aborreço-me com discussões filosóficas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 56. Prefiro fazer aquilo que me vier à cabeça em vez de obedecer a um plano.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 57. Quando as pessoas me dizem que estou errado, a minha primeira reação é brigar com elas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 58. Quando faço parte de um grupo, costumo ser aquele que fala em nome do grupo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 59. Não demonstro emoções mesmo em situações em que a maioria das pessoas ficam muito sentimentais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 60. Sentir-me-ia tentado a usar dinheiro falso se tivesse a certeza de que não seria apanhado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questionário 4

Selecione a opção que pretende, utilizando a seguinte escala:

ATENÇÃO

- 1-Discordo totalmente
- 2-Discordo
- 3-Discordo mais ou menos
- 4-Não concordo nem discordo
- 5-Concordo mais ou menos
- 6-Concordo
- 7-Concordo Totalmente

	1	2	3	4	5	6	7
--	---	---	---	---	---	---	---

* 1. Eu gostaria de conseguir relaxar em situações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Eu estou satisfeito (a) com a minha aparência física.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Eu sinto-me emocionalmente vulnerável num encontro sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Eu sinto-me bem com o papel do sexo na minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Eu sinto culpa pelos meus pensamentos e sensações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Eu sinto que sou muito bom/boa no sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Eu detesto o meu corpo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Eu tenho medo de perder o controlo sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Eu gosto do que aprendi sobre mim mesmo através das minhas experiências sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Os meus comportamentos sexuais estão ajustados com os meus valores morais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 11. Eu sinto que as "técnicas sexuais" são simples para mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Eu estou satisfeito (a) com a forma como o meu corpo se desenvolveu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Eu sinto que consigo avaliar como a minha parceira/o meu parceiro sexual, irá perceber as minhas intenções de até onde pretendo ir sexualmente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Eu não me sinto preparado para algumas experiências sexuais que tenho tido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Algumas das coisas que faço sexualmente são moralmente erradas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Sexualmente, sinto-me um(a) falhado(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 17. Eu gostaria trocar de corpo com alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 18. Eu sinto-me fisicamente vulnerável num encontro sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 19. Algumas vezes desejo poder esquecer-me do sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 20. Já me castiguei a mim mesma pelos meus pensamentos, sensações e/ou comportamentos sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 21. Eu sou bastante bom/boa a expressar-me sexualmente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 22. Eu preocupo-me com a possibilidade de o meu corpo ser repugnante para um (a) parceiro(a) sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 23. Eu preocupo-me que não consiga parar algo que eu não quero num contexto sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 24. Gostava que o sexo tivesse menos importância na minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 25. Eu nunca me sinto mal pelos meus comportamentos sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 26. Eu sinto-me envergonhada com a minha falta de experiência sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 27. Eu seria mais feliz se a minha aparência fosse melhor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 28. Eu tenho medo que as coisas fiquem fora de controlo porque nem sempre consigo perceber até onde é que a minha parceira / o meu parceiro quer ir numa situação sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 29. Estou contente por os sentimentos sobre sexo serem parte da minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 30. Eu nunca sinto culpa pelos meus sentimentos sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 31. Eu sinto-me bem com as minhas capacidades de satisfação do(a) meu (minha) parceiro(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 32. Eu tenho orgulho no meu corpo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 33. Tenho medo que alguém se aproveite de mim sexualmente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 34. Em geral, acho que as minhas experiências sexuais contribuíram para uma visão mais positiva de mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 35. Do ponto de vista moral, os meus sentimentos sexuais são aceitáveis para mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questionário 5

Selecione a opção que pretende, utilizando a seguinte escala:

ATENÇÃO

- 1-Discordo totalmente
- 2-Discordo
- 3-Concordo
- 4-Concordo totalmente

	1	2	3	4
* 1. Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Às vezes, eu penso que não presto para nada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Às vezes, eu me sinto inútil.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Eu acho que tenho muitas boas qualidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Eu tenho motivos para me orgulhar na vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questionário 6

Selecione a opção que pretende, utilizando a seguinte escala:

- 1-Discordo totalmente
- 2-Discordo
- 3-Não concordo nem discordo
- 4-Concordo
- 5-Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
* 1. Não preciso de estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. As relações sexuais ocasionais são aceitáveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. As "aventuras sexuais" de uma só noite são, por vezes, muito agradáveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. É correto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. É correto influenciar uma pessoa para ter relações sexuais sem fazer quaisquer promessas para o futuro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. As relações sexuais como simples troca de "serviços" são aceitáveis desde que ambos os parceiros estejam de acordo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. O melhor sexo é o que se faz na ausência de quaisquer "compromissos".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. A vida teria menos problemas se as pessoas tivessem relações sexuais de modo mais livre.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. O sexo é mais divertido com alguém que não amamos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. É correto "pressionar" alguém para ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. É bom ter uma prolongada experiência sexual pré-marital	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. As "aventuras extraconjugais" são aceitáveis desde que o nosso parceiro não saiba nada dela.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. O sexo só pelo sexo é perfeitamente aceitável.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Sentir-me-ia confortável tendo relações sexuais com o meu parceiro na presença de outras pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 17. A prostituição é aceitável.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 18. O sexo apenas como forma de "descarga" física é bom.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 19. Fazer sexo sem amor não faz sentido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 20. As pessoas deviam, no mínimo, ser amigas antes de terem relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 21. Para que o sexo seja bom é necessário ter sentido para as pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 22. O planejamento familiar faz parte de uma sexualidade responsável.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 23. As mulheres devem partilhar as responsabilidades do planejamento familiar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 24. Os homens devem partilhar as responsabilidades do planejamento familiar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 25. A educação sexual é importante para a juventude.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 26. Usar "instrumentos e objetos sexuais" quando se faz amor é aceitável.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 27. A masturbação é algo agradável e inofensivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 28. Masturbar o nosso parceiro durante as relações sexuais pode aumentar o prazer do sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 29. O sexo torna-se melhor à medida que as relações progridem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 30. O sexo é a forma mais íntima de comunicação entre duas pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 31. Um encontro sexual entre duas pessoas profundamente apaixonadas é a forma mais sublime de interação humana.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 32. O orgasmo é a melhor experiência do mundo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 33. Na sua melhor expressão, o sexo parece ser a fusão de dois "seres".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 34. O sexo é uma parte muito importante da vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 35. O sexo é, geralmente, uma experiência intensa e absorvente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 36. Durante as relações sexuais, o conhecimento intenso do parceiro é o melhor "estado de espírito".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 37. Fazer sexo é, fundamentalmente, bom.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 38. O sexo é melhor quando nos "deixamos ir" e nos centramos no nosso próprio prazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 39. O sexo é, em primeiro lugar, obter prazer através do outro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 40. A principal finalidade do sexo é dar-nos prazer a nós mesmos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 41. O sexo é, principalmente, uma atividade física.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 42. O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 43. O sexo é sobretudo um jogo entre machos e fêmeas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Questionário 7

Selecione a opção que pretende, utilizando a seguinte escala:

ATENÇÃO

0- Sempre

1- Maioria das vezes

2- Ocasionalmente

3- Raramente

4- Nunca

	0	1	2	3	4
* 1. Sinto-me desconfortável em falar durante o sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Sinto que sou tímido quando se trata de sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Abordo o meu parceiro para fazer sexo quando o desejo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Penso que sou aberto com o meu parceiro acerca das minhas necessidades sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 5. Gosto de partilhar as minhas fantasias sexuais com o meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Sinto-me desconfortável em falar sobre sexo com os meus amigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Comunico os meus desejos sexuais ao meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. É difícil para mim tocar-me durante o sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. É difícil para mim dizer não, mesmo quando não quero sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Sou relutante em descrever-me como uma pessoa sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. Sinto-me desconfortável em dizer ao meu parceiro o que me sabe bem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Eu defendo os meus sentimentos sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Sou relutante em insistir que o meu parceiro me satisfaça.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Dou por mim tendo sexo quando realmente não quero.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Quando uma técnica utilizada não me parece bem, eu digo ao meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Sinto-me confortável em elogiar sexualmente o meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 17. É fácil para mim discutir acerca de sexo com o meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 18. Sinto-me confortável em tomar a iniciativa sexual com o meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 19. Dou por mim a fazer coisa sexuais das quais não gosto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 20. Satisfazer o meu parceiro é mais importante que me satisfazer a mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 21. Sinto-me à vontade para dizer ao meu parceiro como tocar-me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 22. Gosto de me masturbar até ao orgasmo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 23. Se algo me parece bem, insisto em fazê-lo novamente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 24.É difícil para mim ser honesto sobre os meus sentimentos sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 25.Tento evitar discutir o tema do sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Chegou ao fim do questionário.
Agradecemos a sua participação !**

Anexo B. Reclassificação das variáveis “Naturalidade, Profissão e Estatuto socioeconómico”

Naturalidade

Foi realizada a divisão das Regiões de acordo com a “Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos (NUTS)”, para efeitos de análise estatística de dados (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2015). Sendo utilizado o nível hierárquico II (NUTS II), subdividindo-se em região Norte (e.g., distritos de Braga, Bragança, Viseu, Porto), Centro (e.g., distritos de Coimbra, Aveiro, Guarda, Leiria), Área Metropolitana de Lisboa (e.g., distrito de Lisboa, Santarém, Setúbal) Alentejo (e.g., distritos de Évora, Beja, Portalegre), Algarve (Faro) e RAA e RAM.

Profissões

As respostas dadas no parâmetro “Profissão”, foram reclassificadas de acordo com a “Classificação Portuguesa de Profissões 2010 (CPP)”, dado que, esta estrutura constitui-se um instrumento fundamental para a análise estatística ou para a comparabilidade estatística a nível internacional (INE, 2011).

O nível utilizado constitui-se o “Grande Grupo”, que se subdivide em dez categorias, designadamente: **PFA**- Profissões das Forças Armadas (e.g., Oficiais das forças armadas, outro pessoal das forças armadas), **RPLDDGE**- Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos (e.g., Dirigentes superiores da Administração Pública, de organizações especializadas, diretores e gestores de empresas, serviços comerciais, hotelaria, restauração), **EAIC**- Especialistas das atividades intelectuais e científicas (e.g., Especialistas das ciências físicas, engenharias, professores, profissionais de saúde), **TPNI**- Técnicos e profissões de nível intermédio (e.g., Técnicos de nível intermédio, das áreas financeira, administrativa e dos negócios, das tecnologias de informação e comunicação, serviços jurídicos, sociais, desportivos, culturais), **PA**- Pessoal administrativo (e.g., Empregados de escritório, secretários em geral e operadores de processamento de dados, caixa bancário, rececionista), **TSPPSV**- Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores (e.g., Trabalhadores dos serviços e cuidados pessoais, vendedores/as, cozinheiros/as, operador de caixa, guarda da GNR), **ATQAPF**- Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta (e.g., Floricultor/a,

trabalhador/a qualificado/a da jardinagem ou agricultura, criador/a de animais de subsistência), **TQICA**- Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices (e.g., Pedreira/o, canalizadora/o, joalheira/o, artesã/o), **OIMTM**- Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (e.g., Trabalhadoras/es da montagem, Motoristas), **TNQ**- Trabalhadores não qualificados (e.g., Trabalhadoras/es de limpeza, trabalhadoras/es não qualificados da agricultura).

Estatuto socioeconómico

De modo a proceder à análise do estatuto económico e social das participantes iremos utilizar a classificação de classes económicas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Esta considera a existência de 6 classes sociais, designadamente: (1) A mais desfavorecida, ou seja, a que se encontra abaixo do limiar de pobreza do país de referência. Em Portugal, cujo rendimento mensal seja inferior a 501,16€ ou 6 014€ anuais, (2) A classe de baixo rendimento, caracteriza-se pelos indivíduos que cuja renda mensal seja superior a 501,16€ e inferior a 736,62 € , (3) Classe média-baixa, indivíduos cuja renda mensal é superior ou igual a 736,62€ e inferior ou igual a 982,16€, (4) Classe média, indivíduos cuja renda mensal é superior ou igual a 982,16 € e inferior ou igual a 1473,24€, (5) Classe média-alta, cuja renda mensal é superior ou igual a 1473,24€ e inferior ou igual a 1964,32€, (6) Classe alta, que se distingue pelo rendimento mensal superior a 1964,34€ (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico [OCDE], 2019).

Para que possam ser realizadas estas atribuições deverá ter-se em conta o rendimento médio monetário (líquido, anual por adulto equivalente), em Portugal, cujo valor é 11 786 €, que se constitui um rendimento mensal de aproximadamente 982, 16€ (INE, 2020).

Anexo C. Tabela da caracterização sociodemográfica da amostra

Tabela C.1

Caracterização sociodemográfica da amostra

	Amostra global
	<i>N (%)</i>
Género	
Feminino	142 (100)
Naturalidade	
Norte	11 (7.7)
Centro	14 (9.9)
Área Metropolitana de Lisboa	19 (13.4)
Alentejo	16 (11.3)
Algarve	63 (44.4)
Região Autónoma dos Açores	1 (0.7)
Região Autónoma da Madeira	1 (0.7)
Não portuguesa	17 (12)
Habilitações Literárias	
3º ciclo do ensino básico	9 (6.3)
Ensino Secundário	47 (33.1)
Bacharelato	12 (8.5)
Licenciatura	47 (33.1)
Pós-Graduação	7 (4.9)
Mestrado	19 (13.4)
Doutoramento	1 (0.7)
Profissão	
RPLDDGE	5 (3.5)
EAIC	26 (18.3)
TPNI	14 (9.9)
PA	16 (11.3)
TSPPSV	29 (20.4)
TQICA	1 (0.7)
OIMTM	1 (0.7)
TNQ	2 (1.4)

	Amostra global
	<i>N (%)</i>
Desempregada	8 (5.6)
Estudante	40 (28.2)
Rendimentos Mensais	
Dependente	38 (26.8)
Menos de 500€	11 (7.7)
Entre 500€ e 1000€	65 (45.8)
Entre 1000€ e 2000€	26 (18.3)
Entre 2000€ e 3000€	2 (1.4)

Nota. RPLDDGE= Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos, EAIC= Especialistas das atividades intelectuais e científicas, TPNI=Técnicos e profissões de nível intermédio, PA= Pessoal administrativo, TSPPSV= Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores, TQICA= Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices, OIMTM= Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem, TNQ=Trabalhadores não qualificados.

Anexo D. Tabela do Coeficiente de Correlação de Pearson

Tabela D.1

Coeficiente de Correlação de Pearson

Variáveis		r	p
Coerção Sexual Ligeira	- Coerção Sexual Severa	0.324***	< .001
Coerção Sexual Ligeira	- ECVS_Total	0.277***	< .001
Coerção Sexual Ligeira	- ECVS_fator1	0.220**	0.009
Coerção Sexual Ligeira	- ECVS_fator2	0.174*	0.038
Coerção Sexual Ligeira	- ECVS_fator3	0.331***	< .001
Coerção Sexual Ligeira	- ECVS_fator4	0.148	0.079
Coerção Sexual Ligeira	- ECVS_fator5	0.235**	0.005
Coerção Sexual Ligeira	- Honestidade_Humildade	-0.263**	0.002
Coerção Sexual Ligeira	- Emocionalidade	-0.105	0.213
Coerção Sexual Ligeira	- Extroversão	-0.056	0.509
Coerção Sexual Ligeira	- Amabilidade	-0.024	0.772
Coerção Sexual Ligeira	- Conscienciosidade	-0.049	0.560
Coerção Sexual Ligeira	- Abertura à Experiência	-0.030	0.719
Coerção Sexual Ligeira	- EAUTS_total	-0.132	0.118
Coerção Sexual Ligeira	- EAUTS_Competência e Experiência	-0.070	0.410
Coerção Sexual Ligeira	- EAUTS_Atratividade	-0.021	0.806
Coerção Sexual Ligeira	- EAUTS_Controlo	-0.120	0.156
Coerção Sexual Ligeira	- EAUTS_Adaptação	-0.146	0.082
Coerção Sexual Ligeira	- EAUTS_Moralidade	-0.150	0.075
Coerção Sexual Ligeira	- EAR_Total	-0.041	0.628
Coerção Sexual Ligeira	- EAS_Permissividade Sexual	0.135	0.109
Coerção Sexual Ligeira	- EAS_Práticas Sexuais	-0.061	0.474
Coerção Sexual Ligeira	- EAS Comunhão	-0.037	0.664
Coerção Sexual Ligeira	- EAS_Instrumentalidade	0.210*	0.012
Coerção Sexual Ligeira	- HISA_Total	0.016	0.850
Coerção Sexual Severa	- ECVS_Total	0.314***	< .001
Coerção Sexual Severa	- ECVS_fator1	0.357***	< .001
Coerção Sexual Severa	- ECVS_fator2	0.158	0.061
Coerção Sexual Severa	- ECVS_fator3	0.251**	0.003
Coerção Sexual Severa	- ECVS_fator4	0.244**	0.003
Coerção Sexual Severa	- ECVS_fator5	0.212*	0.011
Coerção Sexual Severa	- Honestidade_Humildade	-0.176*	0.036
Coerção Sexual Severa	- Emocionalidade	-0.095	0.263
Coerção Sexual Severa	- Extroversão	-0.073	0.385
Coerção Sexual Severa	- Amabilidade	0.082	0.330
Coerção Sexual Severa	- Conscienciosidade	0.028	0.745

Variáveis		r	p
Coerção Sexual Severa	- Abertura à Experiência	-0.067	0.431
Coerção Sexual Severa	- EAUTS_total	-0.146	0.082
Coerção Sexual Severa	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.204*	0.015
Coerção Sexual Severa	- EAUTS_Atratividade	0.030	0.726
Coerção Sexual Severa	- EAUTS_Controlo	-0.055	0.517
Coerção Sexual Severa	- EAUTS_Adaptação	-0.190*	0.024
Coerção Sexual Severa	- EAUTS_Moralidade	-0.136	0.106
Coerção Sexual Severa	- EAR_Total	-0.093	0.269
Coerção Sexual Severa	- EAS_Permissividade Sexual	0.073	0.386
Coerção Sexual Severa	- EAS_Práticas Sexuais	-0.097	0.249
Coerção Sexual Severa	- EAS_Comunhão	-0.098	0.248
Coerção Sexual Severa	- EAS_Instrumentalidade	0.112	0.186
Coerção Sexual Severa	- HISA_Total	-0.169*	0.045
ECVS_Total	- ECVS_fator1	0.904***	< .001
ECVS_Total	- ECVS_fator2	0.835***	< .001
ECVS_Total	- ECVS_fator3	0.738***	< .001
ECVS_Total	- ECVS_fator4	0.601***	< .001
ECVS_Total	- ECVS_fator5	0.827***	< .001
ECVS_Total	- Honestidade_Humildade	-0.273**	0.001
ECVS_Total	- Emocionalidade	0.018	0.830
ECVS_Total	- Extroversão	-0.083	0.324
ECVS_Total	- Amabilidade	-0.190*	0.024
ECVS_Total	- Conscienciosidade	-0.200*	0.017
ECVS_Total	- Abertura à Experiência	-0.158	0.061
ECVS_Total	- EAUTS_total	-0.233**	0.005
ECVS_Total	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.148	0.079
ECVS_Total	- EAUTS_Atratividade	-0.017	0.845
ECVS_Total	- EAUTS_Controlo	-0.224**	0.007
ECVS_Total	- EAUTS_Adaptação	-0.253**	0.002
ECVS_Total	- EAUTS_Moralidade	-0.252**	0.002
ECVS_Total	- EAR_Total	-0.119	0.157
ECVS_Total	- EAS_Permissividade Sexual	0.130	0.123
ECVS_Total	- EAS_Práticas Sexuais	-0.334***	< .001
ECVS_Total	- EAS_Comunhão	-0.194*	0.021
ECVS_Total	- EAS_Instrumentalidade	0.366***	< .001
ECVS_Total	- HISA_Total	-0.150	0.076
ECVS_fator1	- ECVS_fator2	0.726***	< .001
ECVS_fator1	- ECVS_fator3	0.510***	< .001
ECVS_fator1	- ECVS_fator4	0.518***	< .001
ECVS_fator1	- ECVS_fator5	0.643***	< .001
ECVS_fator1	- Honestidade_Humildade	-0.264**	0.001
ECVS_fator1	- Emocionalidade	0.083	0.329

Variáveis		r	p
ECVS_fator1	- Extroversão	-0.125	0.138
ECVS_fator1	- Amabilidade	-0.162	0.054
ECVS_fator1	- Conscienciosidade	-0.208 *	0.013
ECVS_fator1	- Abertura à Experiência	-0.203 *	0.015
ECVS_fator1	- EAUTS_total	-0.283 ***	< .001
ECVS_fator1	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.210 *	0.012
ECVS_fator1	- EAUTS_Atratividade	-0.071	0.399
ECVS_fator1	- EAUTS_Controlo	-0.231 **	0.006
ECVS_fator1	- EAUTS_Adaptação	-0.287 ***	< .001
ECVS_fator1	- EAUTS_Moralidade	-0.282 ***	< .001
ECVS_fator1	- EAR_Total	-0.157	0.061
ECVS_fator1	- EAS_Permissividade Sexual	0.115	0.174
ECVS_fator1	- EAS_Práticas Sexuais	-0.344 ***	< .001
ECVS_fator1	- EAS_Comunhão	-0.173 *	0.040
ECVS_fator1	- EAS_Instrumentalidade	0.322 ***	< .001
ECVS_fator1	- HISA_Total	-0.131	0.119
ECVS_fator2	- ECVS_fator3	0.461 ***	< .001
ECVS_fator2	- ECVS_fator4	0.397 ***	< .001
ECVS_fator2	- ECVS_fator5	0.585 ***	< .001
ECVS_fator2	- Honestidade_Humildade	-0.181 *	0.031
ECVS_fator2	- Emocionalidade	0.055	0.519
ECVS_fator2	- Extroversão	0.047	0.577
ECVS_fator2	- Amabilidade	-0.112	0.186
ECVS_fator2	- Conscienciosidade	-0.225 **	0.007
ECVS_fator2	- Abertura à Experiência	-0.140	0.096
ECVS_fator2	- EAUTS_total	-0.224 **	0.007
ECVS_fator2	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.122	0.147
ECVS_fator2	- EAUTS_Atratividade	-0.017	0.838
ECVS_fator2	- EAUTS_Controlo	-0.164	0.051
ECVS_fator2	- EAUTS_Adaptação	-0.275 ***	< .001
ECVS_fator2	- EAUTS_Moralidade	-0.284 ***	< .001
ECVS_fator2	- EAR_Total	-0.064	0.448
ECVS_fator2	- EAS_Permissividade Sexual	-0.014	0.871
ECVS_fator2	- EAS_Práticas Sexuais	-0.382 ***	< .001
ECVS_fator2	- EAS_Comunhão	-0.222 **	0.008
ECVS_fator2	- EAS_Instrumentalidade	0.314 ***	< .001
ECVS_fator2	- HISA_Total	-0.107	0.206
ECVS_fator3	- ECVS_fator4	0.369 ***	< .001
ECVS_fator3	- ECVS_fator5	0.661 ***	< .001
ECVS_fator3	- Honestidade_Humildade	-0.242 **	0.004
ECVS_fator3	- Emocionalidade	-0.079	0.352
ECVS_fator3	- Extroversão	-0.121	0.153

Variáveis		r	p
ECVS_fator3	- Amabilidade	-0.168*	0.046
ECVS_fator3	- Conscienciosidade	-0.101	0.232
ECVS_fator3	- Abertura à Experiência	-0.068	0.423
ECVS_fator3	- EAUTS_total	-0.049	0.562
ECVS_fator3	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.023	0.785
ECVS_fator3	- EAUTS_Atratividade	0.052	0.540
ECVS_fator3	- EAUTS_Controlo	-0.113	0.181
ECVS_fator3	- EAUTS_Adaptação	-0.059	0.484
ECVS_fator3	- EAUTS_Moralidade	-0.044	0.600
ECVS_fator3	- EAR_Total	-0.081	0.340
ECVS_fator3	- EAS_Permissividade Sexual	0.202*	0.016
ECVS_fator3	- EAS_Práticas Sexuais	-0.129	0.126
ECVS_fator3	- EAS_Comunhão	-0.077	0.361
ECVS_fator3	- EAS_Instrumentalidade	0.317***	< .001
ECVS_fator3	- HISA_Total	-0.096	0.254
ECVS_fator4	- ECVS_fator5	0.383***	< .001
ECVS_fator4	- Honestidade_Humildade	-0.185*	0.028
ECVS_fator4	- Emocionalidade	-0.083	0.327
ECVS_fator4	- Extroversão	-0.097	0.251
ECVS_fator4	- Amabilidade	-0.076	0.367
ECVS_fator4	- Conscienciosidade	-0.094	0.268
ECVS_fator4	- Abertura à Experiência	-0.109	0.196
ECVS_fator4	- EAUTS_total	-0.178*	0.034
ECVS_fator4	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.142	0.093
ECVS_fator4	- EAUTS_Atratividade	0.020	0.816
ECVS_fator4	- EAUTS_Controlo	-0.199*	0.017
ECVS_fator4	- EAUTS_Adaptação	-0.143	0.090
ECVS_fator4	- EAUTS_Moralidade	-0.223**	0.008
ECVS_fator4	- EAR_Total	-0.135	0.110
ECVS_fator4	- EAS_Permissividade Sexual	0.067	0.429
ECVS_fator4	- EAS_Práticas Sexuais	-0.217**	0.009
ECVS_fator4	- EAS_Comunhão	-0.164	0.051
ECVS_fator4	- EAS_Instrumentalidade	0.137	0.104
ECVS_fator4	- HISA_Total	-0.090	0.285
ECVS_fator5	- Honestidade_Humildade	-0.203*	0.015
ECVS_fator5	- Emocionalidade	-0.002	0.978
ECVS_fator5	- Extroversão	-0.042	0.619
ECVS_fator5	- Amabilidade	-0.222**	0.008
ECVS_fator5	- Conscienciosidade	-0.112	0.184
ECVS_fator5	- Abertura à Experiência	-0.057	0.498
ECVS_fator5	- EAUTS_total	-0.136	0.107

Variáveis		r	p
ECVS_fator5	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.051	0.547
ECVS_fator5	- EAUTS_Atratividade	0.007	0.936
ECVS_fator5	- EAUTS_Controlo	-0.182 *	0.030
ECVS_fator5	- EAUTS_Adaptação	-0.165 *	0.050
ECVS_fator5	- EAUTS_Moralidade	-0.128	0.130
ECVS_fator5	- EAR_Total	-0.031	0.714
ECVS_fator5	- EAS_Permissividade Sexual	0.161	0.055
ECVS_fator5	- EAS_Práticas Sexuais	-0.184 *	0.028
ECVS_fator5	- EAS_Comunhão	-0.131	0.121
ECVS_fator5	- EAS_Instrumentalidade	0.310 ***	< .001
ECVS_fator5	- HISA_Total	-0.165	0.050
Honestidade_Humildade	- Emocionalidade	0.005	0.951
Honestidade_Humildade	- Extroversão	0.157	0.062
Honestidade_Humildade	- Amabilidade	0.166 *	0.048
Honestidade_Humildade	- Conscienciosidade	0.404 ***	< .001
Honestidade_Humildade	- Abertura à Experiência	0.037	0.664
Honestidade_Humildade	- EAUTS_total	0.340 ***	< .001
Honestidade_Humildade	- EAUTS_Compentência e Experiência	0.209 *	0.013
Honestidade_Humildade	- EAUTS_Atratividade	0.188 *	0.025
Honestidade_Humildade	- EAUTS_Controlo	0.291 ***	< .001
Honestidade_Humildade	- EAUTS_Adaptação	0.270 **	0.001
Honestidade_Humildade	- EAUTS_Moralidade	0.342 ***	< .001
Honestidade_Humildade	- EAR_Total	0.255 **	0.002
Honestidade_Humildade	- EAS_Permissividade Sexual	-0.041	0.631
Honestidade_Humildade	- EAS_Práticas Sexuais	0.311 ***	< .001
Honestidade_Humildade	- EAS_Comunhão	0.140	0.096
Honestidade_Humildade	- EAS_Instrumentalidade	-0.084	0.321
Honestidade_Humildade	- HISA_Total	0.078	0.355
Emocionalidade	- Extroversão	-0.193 *	0.021
Emocionalidade	- Amabilidade	-0.154	0.068
Emocionalidade	- Conscienciosidade	-0.022	0.792
Emocionalidade	- Abertura à Experiência	-0.109	0.196
Emocionalidade	- EAUTS_total	-0.151	0.072
Emocionalidade	- EAUTS_Compentência e Experiência	-0.100	0.237
Emocionalidade	- EAUTS_Atratividade	-0.165 *	0.050
Emocionalidade	- EAUTS_Controlo	-0.187 *	0.026
Emocionalidade	- EAUTS_Adaptação	-0.038	0.653
Emocionalidade	- EAUTS_Moralidade	-0.080	0.342
Emocionalidade	- EAR_Total	-0.186 *	0.026
Emocionalidade	- EAS_Permissividade Sexual	-0.110	0.193
Emocionalidade	- EAS_Práticas Sexuais	-0.041	0.628

Variáveis		r	p
Emocionalidade	- EAS_Comunhão	0.010	0.904
Emocionalidade	- EAS_Instrumentalidade	-0.104	0.220
Emocionalidade	- HISA_Total	-0.062	0.460
Extroversão	- Amabilidade	0.048	0.568
Extroversão	- Conscienciosidade	0.061	0.471
Extroversão	- Abertura à Experiência	0.347***	< .001
Extroversão	- EAUTS_total	0.433***	< .001
Extroversão	- EAUTS_Competência e Experiência	0.396***	< .001
Extroversão	- EAUTS_Atratividade	0.387***	< .001
Extroversão	- EAUTS_Controlo	0.292***	< .001
Extroversão	- EAUTS_Adaptação	0.347***	< .001
Extroversão	- EAUTS_Moralidade	0.199*	.017
Extroversão	- EAR_Total	0.542***	< .001
Extroversão	- EAS_Permissividade Sexual	0.060	.477
Extroversão	- EAS_Práticas Sexuais	0.220**	.009
Extroversão	- EAS_Comunhão	0.242**	.004
Extroversão	- EAS_Instrumentalidade	0.086	.308
Extroversão	- HISA_Total	0.269**	.001
Amabilidade	- Conscienciosidade	0.039	.642
Amabilidade	- Abertura à Experiência	0.177*	.035
Amabilidade	- EAUTS_total	0.031	.715
Amabilidade	- EAUTS_Competência e Experiência	0.063	.453
Amabilidade	- EAUTS_Atratividade	0.002	.980
Amabilidade	- EAUTS_Controlo	0.018	.828
Amabilidade	- EAUTS_Adaptação	9.193e - 4	.991
Amabilidade	- EAUTS_Moralidade	0.034	.692
Amabilidade	- EAR_Total	-0.015	.860
Amabilidade	- EAS_Permissividade Sexual	-0.117	.167
Amabilidade	- EAS_Práticas Sexuais	0.070	.409
Amabilidade	- EAS_Comunhão	-0.032	.703
Amabilidade	- EAS_Instrumentalidade	-0.054	.521
Amabilidade	- HISA_Total	-0.098	.246
Conscienciosidade	- Abertura à Experiência	0.116	.170
Conscienciosidade	- EAUTS_total	0.302***	< .001
Conscienciosidade	- EAUTS_Competência e Experiência	0.217**	.009
Conscienciosidade	- EAUTS_Atratividade	0.167*	.047
Conscienciosidade	- EAUTS_Controlo	0.260**	.002
Conscienciosidade	- EAUTS_Adaptação	0.290***	< .001
Conscienciosidade	- EAUTS_Moralidade	0.208*	.013
Conscienciosidade	- EAR_Total	0.248**	.003

Variáveis		r	p
Conscienciosidade	- EAS_Permissividade Sexual	0.014	.867
Conscienciosidade	- EAS_Práticas Sexuais	0.300***	< .001
Conscienciosidade	- EAS_Comunhão	0.145	.085
Conscienciosidade	- EAS_Instrumentalidade	0.031	.714
Conscienciosidade	- HISA_Total	0.107	.205
Abertura à Experiência	- EAUTS_total	0.248**	.003
Abertura à Experiência	- EAUTS_Competência e Experiência	0.233**	.005
Abertura à Experiência	- EAUTS_Atratividade	0.126	.135
Abertura à Experiência	- EAUTS_Controlo	0.197*	.019
Abertura à Experiência	- EAUTS_Adaptação	0.250**	.003
Abertura à Experiência	- EAUTS_Moralidade	0.124	.140
Abertura à Experiência	- EAR_Total	0.186*	.027
Abertura à Experiência	- EAS_Permissividade Sexual	0.138	.103
Abertura à Experiência	- EAS_Práticas Sexuais	0.247**	.003
Abertura à Experiência	- EAS_Comunhão	0.192*	.022
Abertura à Experiência	- EAS_Instrumentalidade	0.143	.089
Abertura à Experiência	- HISA_Total	0.172*	.040
EAUTS_total	- EAUTS_Competência e Experiência	0.833***	< .001
EAUTS_total	- EAUTS_Atratividade	0.632***	< .001
EAUTS_total	- EAUTS_Controlo	0.746***	< .001
EAUTS_total	- EAUTS_Adaptação	0.886***	< .001
EAUTS_total	- EAUTS_Moralidade	0.677***	< .001
EAUTS_total	- EAR_Total	0.599***	< .001
EAUTS_total	- EAS_Permissividade Sexual	0.077	.361
EAUTS_total	- EAS_Práticas Sexuais	0.380***	< .001
EAUTS_total	- EAS_Comunhão	0.444***	< .001
EAUTS_total	- EAS_Instrumentalidade	0.053	.528
EAUTS_total	- HISA_Total	0.508***	< .001
EAUTS_Competência e Experiência	- EAUTS_Atratividade	0.462***	< .001
EAUTS_Competência e Experiência	- EAUTS_Controlo	0.520***	< .001
EAUTS_Competência e Experiência	- EAUTS_Adaptação	0.731***	< .001
EAUTS_Competência e Experiência	- EAUTS_Moralidade	0.404***	< .001
EAUTS_Competência e Experiência	- EAR_Total	0.466***	< .001
EAUTS_Competência e Experiência	- EAS_Permissividade Sexual	0.026	.757
EAUTS_Competência e Experiência	- EAS_Práticas Sexuais	0.250**	.003

Variáveis		r	p
EAUTS_Compentência e Experiência	- EAS_Comunhão	0.393 ***	< .001
EAUTS_Compentência e Experiência	- EAS_Instrumentalidade	0.135	.109
EAUTS_Compentência e Experiência	- HISA_Total	0.542 ***	< .001
EAUTS_Atratividade	- EAUTS_Controlo	0.317 ***	< .001
EAUTS_Atratividade	- EAUTS_Adaptação	0.418 ***	< .001
EAUTS_Atratividade	- EAUTS_Moralidade	0.152	.071
EAUTS_Atratividade	- EAR_Total	0.607 ***	< .001
EAUTS_Atratividade	- EAS_Permissividade Sexual	0.013	.873
EAUTS_Atratividade	- EAS_Práticas Sexuais	0.048	.574
EAUTS_Atratividade	- EAS_Comunhão	0.166 *	.049
EAUTS_Atratividade	- EAS_Instrumentalidade	0.067	.425
EAUTS_Atratividade	- HISA_Total	0.294 ***	< .001
EAUTS_Controlo	- EAUTS_Adaptação	0.550 ***	< .001
EAUTS_Controlo	- EAUTS_Moralidade	0.427 ***	< .001
EAUTS_Controlo	- EAR_Total	0.475 ***	< .001
EAUTS_Controlo	- EAS_Permissividade Sexual	-3.417e - 4	.997
EAUTS_Controlo	- EAS_Práticas Sexuais	0.241 **	.004
EAUTS_Controlo	- EAS_Comunhão	0.288 ***	< .001
EAUTS_Controlo	- EAS_Instrumentalidade	0.048	.567
EAUTS_Controlo	- HISA_Total	0.295 ***	< .001
EAUTS_Adaptação	- EAUTS_Moralidade	0.647 ***	< .001
EAUTS_Adaptação	- EAR_Total	0.431 ***	< .001
EAUTS_Adaptação	- EAS_Permissividade Sexual	0.151	.072
EAUTS_Adaptação	- EAS_Práticas Sexuais	0.437 ***	< .001
EAUTS_Adaptação	- EAS_Comunhão	0.486 ***	< .001
EAUTS_Adaptação	- EAS_Instrumentalidade	0.044	.602
EAUTS_Adaptação	- HISA_Total	0.505 ***	< .001
EAUTS_Moralidade	- EAR_Total	0.263 **	.002
EAUTS_Moralidade	- EAS_Permissividade Sexual	0.107	.204
EAUTS_Moralidade	- EAS_Práticas Sexuais	0.491 ***	< .001
EAUTS_Moralidade	- EAS_Comunhão	0.349 ***	< .001
EAUTS_Moralidade	- EAS_Instrumentalidade	-0.116	.171
EAUTS_Moralidade	- HISA_Total	0.267 **	.001
EAR_Total	- EAS_Permissividade Sexual	-0.033	.700
EAR_Total	- EAS_Práticas Sexuais	0.275 ***	< .001
EAR_Total	- EAS_Comunhão	0.304 ***	< .001
EAR_Total	- EAS_Instrumentalidade	0.100	.235
EAR_Total	- HISA_Total	0.316 ***	< .001
EAS_Permissividade Sexual	- EAS_Práticas Sexuais	0.090	.285
EAS_Permissividade Sexual	- EAS_Comunhão	0.087	.304

Variáveis		<i>r</i>	<i>p</i>
EAS_Permissividade Sexual	- EAS_Instrumentalidade	0.257 **	.002
EAS_Permissividade Sexual	- HISA_Total	0.045	.593
EAS_Práticas Sexuais	- EAS_Comunhão	0.542 ***	< .001
EAS_Práticas Sexuais	- EAS_Instrumentalidade	-0.004	.966
EAS_Práticas Sexuais	- HISA_Total	0.168 *	.045
EAS_Comunhão	- EAS_Instrumentalidade	0.240 **	.004
EAS_Comunhão	- HISA_Total	0.230 **	.006
EAS_Instrumentalidade	- HISA_Total	0.076	.371

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.